

# *Amor de Escravo*

*Geovania Freitas*



1ª Edição

Recife - UFRPE

2022

# *Amor de Escravo*

*Geovania Freitas*



1ª Edição

Recife - UFRPE  
2022



**Prof. Marcelo Brito Carneiro Leão**

Reitor da UFRPE

**Prof. Gabriel Rivas de Melo**

Vice-Reitor

**Antão Marcelo Freitas Athayde Cavalcanti**

Diretor da Editora da UFRPE

**José Abmael de Araújo**

Coordenador Administrativo da Editora da UFRPE

**Josuel Pereira de Souza**

Chefe de produção gráfica da Editora da UFRPE

**Edson Cordeiro do Nascimento**

Diretor do Sistema de Bibliotecas da UFRPE

**Conselho Editorial da EDUFRPE**

Ivanda Maria Martins Silva

Maria do Rosario de Fátima Andrade Leitão

Maria Rita Ivo de Melo Machado

Monica Lopes Folea Araújo

Renata Pimentel Teixeira

Soraya Giovanetti El-Deir

**Editoreção Eletrônica** (Editora da UFRPE)

Marco Aurélio Pereira

Victor Sandes de Menezes



Editora Universitária da UFRPE

Endereço: Av. Dom Manoel de Medeiros, s/n,

Bairro Dois Irmãos CEP: 52171-900 - Recife/PE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE

Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

---

F866a Freitas, Geovania

***Amor de escravo*** / Geovania Freitas. – 1. ed. – Recife:

EDUFRPE, 2021.

115 p.

1. Ficção romântica brasileira
2. Escravidão na literatura
3. Igualdade
4. Liberdade
5. Justiça social
6. Engenhos na literatura
7. Amor I. Título

CDD B869.3

---

ISBN 978-65-86547-62-7

Para minha filha.

## Sumário

Apresentação	6
I. A Noite não faz todos iguais	11
II. Os surtos do tio doido no engenho	13
III. O sumiço de João Pedro	32
IV. O trem para o Recife dos Holandeses	45
V. O encontro de Branquinho com o estudante poeta e abolicionista	52
VI. O Baile no Clube do Açúcar	76
VII. Ibiapino e Luiza confabulam	76
VIII. O Cabaré da Francesa na Ilha do Recife	76
IX. Joaquim Nabuco no Engenho Massangana e no Teatro Santa Isabel	76
X. Epílogo	76
Fontes de Pesquisa	76
Prefácio	7
Personagens	10

# Apresentação

“Dois meninos nascem no mesmo engenho, na mesma noite véspera da Lei do Ventre Livre. Mas um seria senhor do outro”, pois um era branco, menino de engenho, enquanto que o outro era negro, escravizado. *Amor de Escravo* é um romance de ficção histórica que traz a narrativa para as últimas décadas do século XIX, caminhando em direção ao fim da escravidão, mostra os problemas sociais vividos no Brasil. Ambientado num engenho na região da mata sul de Pernambuco, tem passagens marcantes na adaptação do protagonista - menino branquinho de engenho -, na cidade do Recife, capital do estado, onde ele começa a estudar na Faculdade de Direito, cenário promissor de grandes poetas, juristas e intelectuais do Brasil, ainda colônia econômica de Portugal. Em período de plena efervescência de independência, e principalmente de luta pelo fim da escravidão - herança perene dos portugueses implantada na sociedade indígena brasileira -, os jovens estudantes da faculdade de Direito se unem a Joaquim Nabuco, líder abolicionista, em prol da causa antiescravagista, com encontros memoráveis no engenho Massangana - onde o abolicionista passou sua infância -, e no teatro Santa Isabel, com o objetivo de libertar os povos escravizados. Porém, o racismo e o preconceito gerados com a escravidão não impedem de florescer entre os desiguais o amor, sentimento livre e tão igual para qualquer homem e acima de qualquer compreensão humana. Mas o difícil mesmo é vivê-lo.

# Prefácio

Giuseppa Maria Daniel Spenillo<sup>1</sup>

É com o contentamento por ser levada a visitar nossa história de modo delicado e sensível que leio *Amor de Escravo*, de Geovania Freitas, com quem tenho a alegria de conviver na sua formação enquanto graduanda do Bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

O livro de Geovania Freitas é muito bem-vindo, já porque contar/recontar a história da escravidão que se desenvolveu no Brasil colonial será, sempre, um esforço valioso em nome do expurgo social necessário de uma opção vil da humanidade e de suas sequelas imensuráveis, ainda hoje sentidas.

Para além deste justo valor, o romance que Geovania Freitas traz a público apresenta personagens muito próximos de nós, com mazelas e dúvidas, expectativas e necessidades sociais e culturais, construídas na conformação mesma da vida em sociedade. Estes personagens, e suas participações numa configuração sociocultural e econômica específica, levam o/a leitor/a a mergulhar naquela sociedade e reviver suas dinâmicas. No cenário social particular retratado em *Amor de Escravo*, encontra-se um mundo predominantemente agrário, mas já marcado pelas aparelhagens da urbanização não só dos espaços físicos como também dos espaços mentais e relacionais – origem da concentração urbana que vivemos atualmente.

O lampião, o automóvel, o trem e o coche puxado a cavalos, as vestimentas rendadas, a cachaça para exportação, os muitos adereços como chapéus, fitas, luvas, o teatro, a faculdade, os bailes e outras institucionalidades culturais, a mobilidade entre a capital e o interior do Estado (ou entre o urbano e o rural), são todos elementos que singularizam uma época histórica e configuram um estágio da humanidade (Elias, 1994,1997): a formação de um estilo de vida urbano de matriz capitalista (Harvey, 2014) baseado na acumulação da riqueza e da pobreza, em que a intensa produção agropecuária com mão de obra escrava ou semi-escrava financiou a industrialização e a urbanização burguesas capitalistas.

Este modelo burguês alastrado pelo mundo até locais tão distintos, como a cidade de Recife e as zonas de mata próximas a ela, estrutura a vida em sociedade a partir das práticas da desigualdade entre indivíduos, sustentadas nas dinâmicas

---

<sup>1</sup> Professora Associada – Área de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais – UFRPE. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Mestre em Administração Rural e Comunicação Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Mudanças Sociais e Direitos-COMUD

de construção do estigma e da autoimagem (Elias, Scotson, 2000). As relações íntimas entre a pobreza e a riqueza, o urbano e o rural, o escravo e o senhor, o capital e a mão de obra, o capital e o urbano, o estigma e a autoimagem que configuram as sociedades burguesas são, então, expostas através das personagens em *Amor de Escravo*.

As lentes da Sociologia nos levam a notar com evidência as estruturas da desigualdade que se impõem àquele estilo de vida agrário burguês do século XIX no nordeste brasileiro. Essas estruturas se instalam nos costumes, nos valores, nas ofertas e oportunidades de bens e direitos sociais, seja na escravidão, na discriminação étnica ou de gênero, na concentração econômica. No Brasil, as estruturas da desigualdade assumiram historicamente uma característica particular: a imbricação das forças políticas do Estado (legais) com as forças econômicas privadas (patrimoniais), ocasionando a chamada cultura do favor e da dívida política (Martins, 1994). Os elementos desta cultura oligárquica manifestam-se sobremaneira na contenção das liberdades individuais, como bem nos apresenta Geovania Freitas ao longo do romance.

Foi a junção histórica de três sistemas socioeconômicos que permitiu a formação do mundo burguês e suas estruturas de desigualdade: o patriarcalismo, o capitalismo e o colonialismo. Ou, a opressão de todas as demais pessoas pela figura do homem com herdeiros, do homem rico, do homem branco europeu. Em *Amor de Escravo* esta figura surge como o senhor de engenho, personagem central da história nordestina, na adequação local do modo burguês de impor-se sobre o mundo. Uma imposição que avança do seu lugar de origem (o continente europeu) para todo o globo terrestre, desenrolando um enredo de globalização econômica com rastros sociais e culturais de destruição e opressão, como no romance ofertado por Geovania Freitas: oprime-se o negro, a mulher, o mulato, o indígena, o recém liberto, o pobre, o homossexual, o iletrado, o livre pensador.

Oprime-se em função de uma lógica de acumulação de riquezas (e de pobreza) conseguida às custas da produção incessante de mercadorias e de necessidades de consumo. O capitalismo empurra a humanidade para as relações comerciais da compra/venda orientadas pelo simples valor de troca, no qual são colocados indistintamente, como na história de *Amor de Escravo*, a cachaça para exportação, a cana-de-açúcar, a terra onde se cultiva e o trabalhador/escravo que a cultiva, a/o herdeira/o.

De outro modo, o patriarcalismo resguarda a acumulação pela concentração do poder e da vontade soberana num homem selecionado socialmente – aquele disposto ou determinado a tyrannizar e a reinar sobre os demais – o senhor de engenho no nordeste brasileiro, retratado na personagem José Luiz, senhor da mata sul pernambucana.



Este par sistêmico foi reforçado pelo colonialismo que impulsionou os processos de globalização econômica e fez senhores e escravos ao redor do mundo moderno. A circunavegação e as conquistas de territórios e povos empreendidas pela burguesia nos séculos XV e XVI e seguintes varreram os valores, os saberes, os modos de vida e as formas de relacionamento social e econômico anteriores e exteriores, criando, conforme perceberam Marx e Engels (2020 : 67), “um mundo à sua imagem”.

A culminância do encontro desses sistemas está na forja do neoliberalismo que conhecemos hoje, e que persiste livremente até um derradeiro esgotamento do mundo contemporâneo pela via mesma da acumulação, da opressão, da desapropriação, da escravidão e da estigmatização promovidas pela burguesia capitalista mundial em função de um projeto de mundo igual para os iguais, selecionados e destacados, de modo violento, pela estratégia do aniquilamento do diferente, como manifestado na personagem João Pedro, o Branquinho, que sintetiza a força das estruturas da desigualdade no romance *Amor de Escravo*.

No cultivo de um pensar otimista e esperançoso (Harvey, 2015) que venha a enfrentar as desigualdades, suas opressões e violências com as pessoas e com os demais seres vivos, retornados a seus lugares de sujeitos que lhes foram usurpados pelo projeto mercantil global da burguesia, desejo uma boa e proveitosa leitura!

## Referências

ELIAS, Norbert, 1994. O processo civilizador. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

ELIAS, Norbert, 1997. Os alemães. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

ELIAS, Norbert, SCOTSON, John, 2000. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

HARVEY, David, 2014. Cidades rebeldes. São Paulo, Martins Fontes.

HARVEY, David, 2015. Espaços de esperança. São Paulo, Loyola.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich, 2020. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo, Edipro, 3ª edição.

MARTINS, José de Souza, 1994. O poder do atraso. São Paulo, Hucitec.

# Personagens

1. O **branquinho**, era **João Pedro** Orleans e Bragança Alcântara Gaspar de Lemos Álvares Cabral de Nassau Duarte Coelho Wanderley de Castro do Rego Barros, tinha dois nomes e 14 sobrenomes;
2. O **negro**, era escravo, não tinha sobrenome;
3. **Cassiano**, era o tio louco de branquinho;
4. O senhor de engenho-mor, **José Luiz**, era pai de branquinho;
5. **Maria do Carmo**, mãe de João Pedro, e esposa de José Luiz, senhor de engenho;
6. **Luiza** Fernandes Vieira, a sinhazinha, acadêmica de Direito, amiga de **Ibiapino**, filha do liberal abolicionista senhor de engenho, Manoel;
7. **Manoel**, senhor de engenho abolicionista e pai de Luiza;
8. **Ibiapino**, o abolicionista mulato, poeta e acadêmico de Direito, amigo de infância de Luiza;
9. **Guilherme**, amigo de Ibiapino e de Luiza, e também acadêmico de Direito;
10. **Germano**, irmão de Guilherme, amigo de Ibiapino e de Luiza, e também acadêmico de Direito;
11. **Adauto**, amigo de Ibiapino e de Luiza, primo de Guilherme e Germano, e também acadêmico de Direito;
12. **Nilo**, o médico conservador do engenho de João Pedro;
13. **Acenildo**, o professor arcaico de João Pedro;
14. **Zezinho**, apelido do português, pretendente de Luiza;
15. **Arcelina**, escrava jovem quituteira;
16. **Cícero**, moleque nascido livre, filho de Arcelina e aluno de Ibiapino;
17. **Genival**, escravo;
18. **Amélia**, escrava, cozinheira do engenho de João Pedro;
19. **Zé Molambo**, o mestre-de-açúcar;
20. O índio tapuia.

# I. A Noite não faz todos iguais

DOIS MENINOS NASCERAM NO MESMO ANO, no mesmo mês, no mesmo dia, na mesma hora e no mesmo lugar. Debaixo da mesma lua cheia, clara, iluminando os veios da terra. Mas um teria o brilho e os caminhos iluminados por aquela lua, enquanto o outro teria apenas a penumbra da escuridão das noites de breu da senzala. É que um seria senhor do outro. Lamentavelmente o tempo não entende a escrita dos homens, suas leis e seus costumes. É que o tempo não sabe esperar. É que a vida, apesar de ser regida pelo tempo, é regulada pelos homens. E os homens, apesar de saberem que o tempo é perene e a vida é passageira, não sabem e não temem, nem a vida nem o tempo. Esse homem é o ser humano, que não aceita o limite da crueldade e da injustiça. Dizem que Deus criou o universo: essa Terra solta flutuante na imensidão ínfima dançando alinhada a outros planetas. E nós nem sentimos! Mas depois de criar o mundo, no sétimo dia, dizem, que Deus descansou.

Porém, na escravidão não teve descanso para os escravos de cor negra. Sim, porque também já houve escravos da cor branca, aliás, se não atentarmos para as injustiças sociais, corremos o sério risco de retrocedermos, pois, atualmente, já há inúmeras situações análogas a de escravo. Trabalho escravo. Sem cor, ou melhor, de todas as cores. Brancos, negros ou amarelos. Não importa a cor. Os novos escravos no mundo pós-moderno. Sim, como eu vinha dizendo, na era da escravidão legal, o tempo pareceu perenemente negro e a vida se encurtou. E muitos se perguntaram onde estava Deus? E o que se alongou mesmo foram os sofrimentos dos escravos. Capturados e vendidos pelos seus pares na África negra, atraíram, sem querer e sem o saber, compradores sedentos portugueses, franceses, holandeses e os novos brasileiros. Novos brasileiros, sim, pois os genuinamente brasileiros eram os índios das várias etnias. Mas aí chegaram os portugueses, depois que tinham passado por aqui os espanhóis, e inventaram o Brasil, digo, incrustaram na história a estória do descobrimento. Nunca essa terra esteve encoberta, nem seus habitantes, e, sim, primitivamente ariana. Ariana no sentido lato da palavra, de raça genuína indígena. Portanto, os ensinamentos dos portugueses de que houve conquista do Brasil é uma estória de Trancoso<sup>1</sup>, escritor deles, pois o que houve, foi, sim, dominação. Dominação a custo de muito sangue, estupros, mutilações, roubos, furtos e saques deliberados, isso tudo da forma mais violenta que a história oficial não ousou contar. Mas estamos no Século XXI e vivemos numa democracia

---

1 Gonçalo Fernandes **Trancoso** (1515/1596) foi preceptor ou mestre de humanidades e um dos primeiros contistas portugueses. Pouco se sabe sobre a sua vida para além de que viveu em Lisboa e perdeu a família, mulher, dois filhos e um neto, na peste que assolou Lisboa em 1569.

que, ainda, nos permite contar. Graças a Deus! Para aqueles que creem e para os que não creem também.

Mas aquele ano era 1871, o mês era setembro. A Lei do Ventre Livre<sup>2</sup> entraria em vigor no dia seguinte, finalmente, aprovada à custa de muita luta de negros e brancos. Mas o corpo, o útero e a escrava não sabiam disso. Era a natureza que determinava o nascimento da vida. E aí nasceu na casa-grande, em cueiros com palas de renascença, assistido pelo médico da família, o senhorzinho de engenho: menino branco. E na senzala, pelas mãos da escrava parteira, em meio a um ambiente fétido, úmido e escuro, iluminado apenas por uma réstia da lua, o menino negro como as noites sem fim da escravidão.

---

2 A **Lei do Ventre Livre**, também conhecida como Lei Rio Branco, foi uma lei apresentada na Câmara dos Deputados em 12-05-1871, sendo promulgada em 28-09 do mesmo ano. A fim de limitar a duração da escravidão no Brasil Imperial, a lei propunha, a partir da data de sua promulgação, a concessão da alforria às crianças nascidas de mulheres escravizadas no Império do Brasil.

## II. Os surtos do tio doido no engenho

– O Brasil ainda vai ser uma República<sup>3</sup> e um negro ainda vai comandar essa terra. Mas antes, muito antes... - Aqui ele fazia uma boa pausa pensativo, com o dedo em riste para o céu. Vai ser comandado por uma mulher. - Baixava o dedo e respirava fundo até à alma. – Uma mulher... mas... branca.<sup>4</sup> Ainda vai demorar muito para que uma mulher negra venha comandar esse gigante, Brasil, avante! - Baixava a voz nas últimas frases e aumentava nas últimas palavras.

Era tio Cassiano quem gritava! Titio que - só pelo nome, outrora de muito vexame em seus anos verdes em terras francesas, sobretudo parisienses, por causa da pronúncia *Cassianô* -, gritava quando tinha seus surtos psicóticos. Ele era aquele senhor alto, branco tostado de sol, cabelos lisos, ralos e longos já começando a ficar grisalhos; feições de fidalgo e boêmio, revoltado com o sistema da escravidão. Mas rico! Rico e filho herdeiro de senhor de engenho. Havia toda aquela casta herdada sem lhe perguntar se aceitava, tampouco permitir contestação a respeito. Tio Cassiano, alma sensível em tempos de escravidão, era o que se salvava da crueldade do tempo, da terra e dos seus habitantes dominadores que transmitiam os árduos costumes e suas leis penosas. Eram leis, sim, mas injustas. Estava no lugar dos dominadores, mas sabia que seu lugar era no dos dominados. Diziam que estudou tanto, pensou tanto, indagou tanto, contestou tanto... que perdeu o juízo. E quando a lua cheia aparecia clareando o céu do engenho, rasgando a noite e o tempo, e fazendo os cachorros latir de cabeças erguidas ao céu até enlouquecer, ele também enlouquecia. Era demais! O tempo era demais para ele, tinha nascido no tempo errado e tinha a sensação de estar equivocadamente naquele mundo, naquele tempo, naquele lugar, naquele engenho, naquela família. Sua solidão era terrível, a solidão dos loucos. Dos que falam sozinhos, dos que gritam em pensamento e dos que ladram em silêncio. Então vinha a lua cheia, sua cabeça pesava, começava a inchar a massa lá dentro, a se tornar espessa e de repente tudo explodia. Ouvia aquele barulho ensurdecador e depois nem ele mesmo ouvia mais seus próprios gritos dilacerantes. Era a lua cheia, diziam no engenho. Era ela que

---

3 A **Proclamação da República Brasileira** foi um golpe de Estado político-militar, ocorrido em 15-11-1889, que instaurou a forma republicana presidencialista de governo no Brasil, encerrando a monarquia constitucional parlamentarista do Império e, por conseguinte, destituindo o então chefe de estado, imperador D. Pedro II, que em seguida recebeu ordens de partir para o exílio na Europa. Portanto, no ano seguinte ao da assinatura da Lei Áurea (1888), pela princesa Isabel, que libertou os escravos.

4 **Dilma Vana Rousseff** (Belo Horizonte, 14-12-1947) é uma economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT) e 36ª Presidente do Brasil, tendo exercido o cargo de 2011 até seu afastamento por um processo de *impeachment* em 2016, durante o seu segundo mandato eletivo. Portanto, a primeira mulher presidente da República, e mulher branca. Ainda estamos aguardando um ou uma presidente negro ou negra democraticamente eleito ou eleita.

mexia com tio Cassiano, assim como com os animais deixando-os mais agitados, fazendo as fêmeas entrar no cio, tanto as fêmeas animais irracionais quanto as fêmeas animais racionais.

Os homens e o tempo eram passíveis de enlouquecer quando a lua cheia abria as pinhas de vez, mostrando o que ainda não tinha amadurecido no seu interior. Seus gumes, seus caroços. O homem e o tempo expostos em vísceras.

E aquela era uma daquelas noites de lua cheia em que o cérebro de tio Cassiano não aguentava mais o peso da realidade e explodia. Estava todo ensanguentado quando foi, enfim - depois de muita luta -, imobilizado pelo feitor do engenho e de mais quatro negros escravos. Estava coberto de sangue. Seu rosto sangrava rasgado pela palha da cana-de-açúcar. Havia corrido como um louco - que era -, no meio do canavial. Nu em pelo. A agonia fora tão grande que ele arrancara as vestes, uma a uma. O corpo ardendo, a cabeça fervendo. Correu no meio do canavial gritando com todas as forças inerentes à loucura... Já nem se via a pele branca e, sim, um homem vermelho de sangue. Gritava muito. Às primeiras tentativas de dominação tinha esbofetado o feitor, que se meteu a valente tentando dominar aquela fera. O saldo acabou com o feitor com um olho comprometido e os braços mordidos com uma ferida aberta lembrando a arcada dentária completa de tio Cassiano. Os outros homens (homens negros escravos) que tentaram ajudar, também não saíram ilesos, porque o louco desconhecia toda e qualquer pessoa na sua loucura. E é por isso que os loucos são considerados inimputáveis. O louco pode até matar, inclusive, um ente querido, pois ele não tem a consciência de estar matando. Não é à toa que o Código Penal Brasileiro<sup>5</sup> dispõe regra especial a esses atos praticados pelos loucos que não são punidos com prisão, e sim com medida de segurança,<sup>6</sup> ou seja, o condenado cumpre a pena internado em hospital de custódia submetido a tratamento psiquiátrico. Não vai para a prisão comum.

Naqueles surtos de tio Cassiano, nem mesmo o irmão mais novo, dono e senhor do engenho, de tudo e de todos, ousava se aproximar. Hesitava ante a possibilidade de ser agredido pelo irmão louco, de modo que ficava distante dando as ordens aos gritos:

---

5 **Art. 26, Caput, Código Penal Brasileiro de 1940 atualizado com suas alterações posteriores** – Da Imputabilidade Penal - Inimputáveis - É isento de pena o agente que, por doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado, era, ao tempo da ação ou da omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento. § único: A pena pode ser reduzida de um a dois terços, se o agente, em virtude de perturbação de saúde mental ou por desenvolvimento mental incompleto ou retardado não era inteiramente capaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento.

6 **Art. 99, Caput, Código Penal Brasileiro. Das Medidas de Segurança.** Espécies de medidas de segurança. As medidas de segurança são: I - Internação em hospital de custódia e tratamento psiquiátrico ou, à falta, em outro estabelecimento adequado; II - sujeição a tratamento ambulatorial. Parágrafo único - Extinta a punibilidade, não se impõe medida de segurança nem subsiste a que tenha sido imposta.

– Peguem ele! Vamos! Correu para o lado do açude. Não, não, desviou e entrou debaixo do umbuzeiro. Vai, vai, vai! Não, não, voltou a entrar no canavial. Vai, cambada de imprestáveis. Não deixem meu irmão nesse desespero. Não deixe-o descampar para o rio cheio. Cuidado com ele, o açude está sangrando. E meu irmão também. - Era uma rara vez em que se via aquele senhor, de tudo e de todos, perder a frieza e a autoridade revelando suas emoções: o amor pelo irmão mais velho e louco. Tão estudado, tão aprendido, tão viajado. Mas louco! Dono de um coração do tamanho do planeta. Viajou o mundo inteiro com aquele coração palpitando no peito procurando justiça social e ele, o senhor de engenho, com pouca leitura, limitado conhecimento, sem nunca ter tirado os pés da sesmaria, era lúcido. Lúcido para administrar os engenhos de terras sem fim, a casa-grande, os escravos, as senzalas, as fazendas, os negócios, a família. E as emoções! Lúcido para eleger quem deveria governar, pois governar só valia se fosse aos interesses dos senhores de engenho. Lúcido! Ele era broco, mas lúcido. Entretanto o irmão era intelectual... e louco. Que mundo mais estranho, pensou ele comovido, se aproximando do irmão caído no chão, sendo amarrado como se fosse uma besta feroz, com a cara na terra vermelha do engenho e as mãos para trás. Não era nenhum celerado, meu irmão, pensava enternecido. Que triste sina a gente carrega já ao nascer. Um homem que tinha tudo, o preferido do pai, do avô. E louco! Pensava o senhor de engenho mordendo o charuto no canto da boca quase revelando seu desassossego ao ver o irmão naquele estado lamentável.

Quando o irmão foi levado para o quartinho no terreiro da casa-grande para ser preso - separado da casa e gradeado -, o senhor de engenho, se chorasse, teria lágrimas nos olhos. Foi se esconder dentro da biblioteca - do irmão -, e fumava sem parar. Bebia cachaça - da boa -, fabricada e apurada no engenho -, naquele copinho de vidro branco e transparente que tem a metade de vidro grosso no fundo, mantendo, assim, o charme e o equilíbrio da pinga, o que quase faltava naquele momento ao senhor de engenho. A mulher - a senhora de engenho, a sinhá -, grávida de alguns meses disfarçados debaixo da saia do vestido branco de renda, entra e tosse, vendo que ele - seu marido -, não tinha ouvido a porta bater se fechando atrás dela. Ele escutava a música que retumbava das lembranças que tio Cassiano tinha trazido de Paris. Aquela engenhoca complicada e fabulosa, que expedia som da boca em concha, tal qual a concha do mar que leva seu barulho aonde quer que seja levada. Deu um trabalho danado para acertar ligar o fonógrafo,<sup>7</sup> quase que chamava o menino branquinho para ajudar. Mas a prática era tão recorrente que ficou com vergonha. Ademais, precisava ocupar sua cabeça com alguma coisa, com algum desafio, com algum aprendizado novo, o que não

---

7 O primeiro aparelho a permitir a gravação e reprodução do som foi o **fonógrafo**, inventado pelo americano Thomas Edison em 1877. O toca-discos (ou vitrola) é uma invenção derivada do fonógrafo.

lhe agradava nada, mas era o jeito. Aquele aparelho fantástico tinha provocado um rebuliço no engenho quando começou a fazer aquele barulho da sua concha. Todo mundo havia corrido para ver o que era, ele até tinha permitido, abrindo as janelas da biblioteca, para os escravos olhar. Somente através das janelas! Acertou! Finalmente! Finalmente acertou manusear a manivela do fonógrafo e fazê-lo emitir aquele som que seu irmão costumava acompanhar e colocar por cima uma melodia francesa e se despedaçava naquela *parole* que ele não entendia uma palavra, sequer, mas que seu irmão entoava com sua voz forte e deslumbrante. Por que não tinha ele voz para cantar como Cassiano? Por que não sabia ele a língua francesa? Por que não sabia tudo o que seu irmão conhecia de cor e salteado? Porque era lúcido, apenas isso! Somente os loucos sabem tanto do mundo e ele não precisava de tanto. Seu mundo era o engenho. Pensava lá com seus botões. Ela tossiu, ele se virou.

– O que é? - Perguntou ele intercalando a tragada do charuto com o gole de cachaça que estava deliciosa de estalar a língua. Especial, feita sob capricho e receita de família, não era para qualquer bico, somente para os da sua família e para as visitas especiais.

– Está ficando difícil, não era melhor mandar seu irmão para a Tamarineira,<sup>8</sup> em Recife?

– Eu já disse que não, Maria do Carmo. - Respondeu enfaticamente o senhor de engenho.

– Mas tenho medo que ele faça mal ao neném que vai nascer. - Respirou devagar, a mulher, procurando as palavras certas para não irritar o marido, enquanto pousava as duas mãos pequenas e brancas sobre a barriga saliente.

– O nosso filho já está taludinho e Cassiano nunca fez mal a ele, adora o menino e o menino a ele. Não vai ser o que vai nascer que ele vai estranhar. - Falava com a certeza de ser outro menino homem, pois só os homens dominam e levam o nome da família *ad infinitum*. – Já mandei chamar Dr. Nilo que vai medicá-lo. Não se preocupe, minha filha. - Era assim que chamava a mulher.

– Mas... - Queria ela continuar a conversa, mas ele cortou.

– Não tem “mas”, nem nada. Não quero ele num hospício. O lugar de Cassiano é aqui, no seio da família. Aqui ele tem tudo, vai ficar bom, foi só a lua cheia. - E quando se virou para encher novamente o copo viu o filho, o taludinho, entrar na biblioteca. – O que foi agora? É reunião de família? - Tentava voltar a si e manter a linha do homem duro que era e que quase se despetala diante da visão do irmão caído e amarrado sangrando nu no meio do terreiro da casa-grande do engenho.

---

8 O Hospital Ulysses Pernambucano (HUP) é um patrimônio vivo e histórico da psiquiatria de Pernambuco. Sua inauguração ocorreu em 1883, em Recife, na época sob administração da Santa Casa de Misericórdia, passando para gestão estadual em 1924, por meio de decreto do governador Barbosa Lima Sobrinho. Ficou conhecido como Hospital da Tamarineira, vez que se situa naquele bairro.



– Tio Cassiano mandou dizer que não quer vocês aqui porque vocês não sabem ler os livros dele. - O menino deu o recado. O senhor de engenho largou o copo e soltou uma gargalhada.

– Está vendo, minha filha? - Para a mulher se dirigiu com a mão do charuto. – Ele já está ficando bom, sempre diz isso para nos azucrinar. Deixe de besteira, o lugar dele é aqui. - E deu a primeira risada frenética depois do surto apoeu do irmão. – Outra vez ele mandou dizer que os livros dele não gostam da fumaça do meu charuto. Oxe, oxe, é cubano! Charuto do bom! O fumo daqui, apesar de ser de qualidade, não dá charuto bom assim. Mandei plantar tantos hectares de pés de fumo, e nada de charuto de Cuba. - Riu de novo. – Ainda importo um cubano para fazer charuto pra mim. - Virou-se, dessa vez para o menino branquinho e taludinho. – O que mais?

– O médico chegou e foi para a cadeia ver tio Cassian...

– Chispa, chispa! - Gritou o senhor de engenho apagando o charuto no cinzeiro de casco de cavalo. – Não é cadeia, menino, pelo amor de Deus, não diga isso, seu tio não está preso. Vamos, vamos saindo vê-lo no quartinho, vamos, cadeia... oxe, que menino, oxe...

E saíram, pai e filho, já que a mulher estava grávida e devia ser poupada daquelas emoções. Afinal de contas, tinha levado uns doze anos jogando menino fora na bacia, como dizia o senhor de engenho com os abortamentos da esposa, resultado da própria coleção de doenças venéreas transmitidas por ele mesmo. Chegando os dois no quarto gradeado, a situação de tio Cassiano era de dá desgosto. Amarrado na cama por braços e pernas, tinha levado uma injeção sossega-leão e suas faces estavam pálidas por baixo do sangue seco. A boca entreaberta e a saliva escorrendo pela barba. Os olhos injetados que não enxergavam as telhas vermelhas do quarto. O menino olhava para o tio enternecido. Não era a primeira vez que o via naquele estado, também não seria a última, mas nunca se acostumaria. Sentia a dor do tio como se fosse nele próprio. Aquele homem tão grande, um gigante do conhecimento, um pote de sabedoria, perdia todo o esplendor da vida na escuridão da inconsciência.

– Boa noite, doutor Nilo, como está ele? - Perguntava o senhor de engenho ao apertar a mão do médico que cachimbava sem maiores preocupações com o doente que, para ele, era mais um caso perdido.

– Boa noite, coronel. - A noite já tinha trocado com o dia o seu turno. O sol que tinha dado vez à lua e ela, por sua vez, inchara tanto que fundira os miolos de tio Cassiano. – Doença mental, coronel, não tem cura, os neurônios não se regeneram. Talvez na Tamarineira... - Antes que o coronel pudesse responder a sugestão negativa, o menino branquinho e taludinho se agarrara ao braço do pai, o coronel, o senhor de engenho e de todos dali e das adjacências até mesmo onde a vista nem alcançasse.

– Não deixe, papai, pelo amor de Deus, não deixe levar titio. - Tinha lágrimas nos olhos, o que, ao mesmo tempo, por um lado enterneceu o senhor de engenho ao ver o amor nos olhos do menino pelo tio, mas por outro lhe despertou uma certa raiva por um menino que já tinha passado dos doze anos está querendo chorar. E ainda mais na vista do doutor. Homem que é homem não chora! E essa repulsa fez com que o coronel puxasse o braço de forma ríspida afastando o menino.

– Deixe de ser besta, menino, ninguém vai levar meu irmão para canto nenhum. - Virou-se para o médico. – Doutor, com todo respeito, trate de Cassiano e não vamos falar sobre isso agora.

– Ele se machucou bastante e também machucou o feitor e os escravos. Poderia ter machucado mais gente. As crises estão ficando cada dia piores.

– Meu irmão Cassiano, doutor, é um homem muito estudado, letrado, culto. É um intelectual. E manso. Não machuca ninguém por querer. Não é capaz de matar uma mosca. - Afirmou aumentando a voz. – Viajado, morou em Paris, e disse que na Europa se fala de um jovem médico da Áustria que anda avançando no tratamento da cabeça das pessoas. Um tal de Mundo, Raimundo, *Lóide*, oh meu Deus, como é que Cassiano diz o nome dele, meu filho?

– Sigmund Freud.<sup>9</sup> - Respondeu o menino em socorro ao pai.

– Batata! - Riu o senhor de engenho. – Nome difícil da gota serena! De tanto meu irmão falar nesse rapaz sabido, um dia eu aprendo a falar o nome dele.

– Não conheço. - Respondeu o médico velho.

– É como eu disse, doutor, meu irmão é um homem muito sabido, estudado, futurista. O senhor sabe que ele vive trancado naquela biblioteca estudando? Sabe que é doente e vive procurando aprender para descobrir a cura da sua doença e das doenças do povo daqui do engenho.

– Mas o seu irmão não estudou Direito? - Contestou o médico.

– Sim, na Sorbonne,<sup>10</sup> na França. Mas ele tem uma resposta para essa pergunta, doutor. Como é que ele diz, meu filho? - E bateu de leve na cabeça do menino com a ponta dos dedos pedindo ajuda.

– Ele diz que Direito é o curso mais universal e dinâmico que tem.

– O que mais? - Insistia o pai ainda não satisfeito.

– E que nele se estuda Sociologia, Filosofia, Medicina Legal, Psicologia e

---

9 **Sigmund Schlomo Freud** (Nasceu em Freiberg in Mähren – na época pertencente ao Império austríaco e atualmente pertencente à República Tcheca, em 06-05-1856 – morreu em Londres, em 23-09-1939); nascido Sigismund, mas mudou o primeiro nome em 1878. Foi um médico neurologista e psiquiatra criador da psicanálise.

10 A **Sorbonne** é uma das universidades mais antigas da Europa. Seu nome é um tributo a *Robert de Sorbon*, capelão do rei francês *Luis IX* e fundador, em 1253, de uma escola de teologia que se transformou em embrião da universidade. Sua localização atual, no Boulevard Saint-Michel, data de 1627 quando Richelieu a reconstruiu às suas custas. Desde o século XVI, por ser a faculdade mais importante, a Sorbonne acabou por ser considerada como o núcleo principal da Universidade.

Psiquiatria também.

– Pois é, doutor. - Retomou a palavra o senhor de engenho de peito estufado. – Eu também teimei com ele quando se meteu a falar nisso. Mas ele tem um jeito tão manso de explicar as coisas que a gente até entende e fica no convencimento. Desde que voltou de Paris ele anda dando aulas para meu filho, ajudando o professor Acenildo - que tem suas deficiências, é verdade -, pois não estudou em Sorbonne, não conhece a Europa. É certo que às vezes meu irmão briga um pouco com o professor, o chama de Sócrates<sup>11</sup> de banguê...- Parou, respirou, riu, e colocou a mão no queixo, pensativo. – O senhor conhece Sócrates?

– E quem não conhece? - Pigarreou o médico com a haste do cachimbo - agora já apagado -, entre os dedos, respondendo à pergunta com outra.

– Eu! - Respondeu o senhor de engenho olhando a lua e culpando o astro pela loucura do irmão. – Pois é, doutor, meu irmão fala desses bichões sabidos como se fossem seus melhores amigos. Eu recebi a instrução aqui mesmo, no engenho, meu pai mandou o primogênito, Cassiano, para o colégio interno, em Recife. Depois para Sorbonne, na França, ele tinha miolos para estudar muito. Eu, somente para o básico. Gosto mesmo de terra, para que saber tanto? Sei plantar cana-de-açúcar, fazer açúcar, cachaça, comprar e vender escravo, administrar os engenhos, a casa-grande, as fazendas, minha família. Então para que estudar tanto e ficar assim? Mas todo mundo gosta de Cassiano por aqui, ele é o amado e eu o odiado. É porque é ele quem tem ideias libertárias e eu sou o conservador, porém, sou eu que dou de comer a todo esse povaréu daqui. Ele era o preferido do meu pai, mas eu nunca me importei com isso, porque foi a mim que meu pai confiou os engenhos. Como eu disse, todos gostam do meu irmão e eu não quero que ele seja judiado em hospício.

– Entendo, coronel. Mas é um caso para o senhor pensar bastante. Sendo ele um homem tão estudado, ficar aqui, trancado, enjaulado...

– E lá não ficará também? A diferença é que aqui a gente ver o que acontece, a gente cuida dele, doutor. - O menino começava a olhar para o pai com olhos de torcida, como se dissesse para si mesmo que o pai estava ganhando a parada. O médico, então, vencido naquele momento, despede-se montando no seu cavalo castanho e partindo em galope maneiro. Pai e filho se entreolharam e, em silêncio, se entenderam, estavam de acordo. Os dois caminharam até à grade e ficaram por alguns instantes olhando tio Cassiano com ar de morto, o cansaço desenhado nas suas faces. Aquele corpo alto e magro preso naquela cama, encoberto pelos

---

11 **Sócrates** (Alópece, 469 a.C. - Atenas, 399 a.C.), foi um filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga. Na sua filosofias incluía a consciência humana, crítica aos sofistas e a dialética, e muitos duvidaram da sua existência, pois seus conhecimentos eram pregados e passados de forma oral, de modo que só se passou a acreditar após as obras escritas dos seus pupilos Platão (*O Banquete e Apologia à Sócrates*) e Xenofontes.

lençóis grossos e brancos. O frio chegava. O pai coloca a mão no ombro do filho e os dois saem do quartinho cabisbaixos, como se no silêncio tivesse as palavras que precisavam ser ditas, mas caladas eram mais preciosas.

Quando tio Cassiano era acometido dessas crises ferozes - geralmente na lua cheia -, era preciso esperar a lua minguar, para desinchar a cabeça dele, dizia o irmão, senhor de engenho, senhor de si e de todos por ali. Nos dias seguintes, o menino, sobrinho, fazia questão de ir levar a comida para o tio num prato numa bandeja. Mas sempre acompanhado por dois escravos. À noite, o doente - que era chamado por quase todos de doido -, era amarrado pelas mãos e pelos pés na cama, para que ele mesmo não se ferisse e não houvesse quem o socorresse. Geralmente o senhor de engenho deixava um escravo de vigília, mas não era seguro, pois depois se descobriu que o escravo dormia mais que o próprio enfermo. Durante o dia ele era desamarrado e solto somente de ceroula dentro do quarto gradeado, tinha-se receio de que se enforcasse com as roupas na grade.

E mal o dia amanheceu - depois daquela noite -, ainda com a aurora bailando com seus raios amarelos no verde do canavial, o menino pulara da cama. E ainda de pijama corraera ao quartinho gradeado, prisão de tio Cassiano. O escravo dormia no chão forrado, ao pé da grade, com folhas de bananeira.

- Titio, titio. - Chamava baixinho sem querer acordar o escravo. Mas o tio, de papo para o ar, com olhos arregalados, nem se mexia. - Titio, sou eu. Titio. - O escravo foi quem se mexeu, vexado, por ter sido pego em flagrante. Coça os olhos cheios de remelas e olha para o menino numa súplica de dar pena. O menino sorri. Gostava dos escravos. Não iria dizer ao pai que o escravo, que era para servir de vigia, dormia mais do que o doente vigiado. Se dissesse era bem capaz de o pai mandar o negro para o tronco levar, no mínimo, três chibatadas em cada nádega. E ele já estava ficando velho, não iria aguentar. O menino parou no próprio pensamento e se assustou. Quantos anos teria aquele escravo? Nunca ninguém se preocupava com a idade nem com o nome dos escravos. Eles não eram gente, não tinham documento, nem nome, nem sobrenome. Teriam aniversário? Escravo era apenas uma mercadoria. Uma coisa, no Direito, foi assim que tio Cassiano disse para o menino, revoltado, enquanto dava uma aula às escondidas do pai que deixava que o tio lecionasse ao filho, mas nada de assunto de escravidão e liberdade. Esses dois assuntos eram intocáveis, porque eram resolvidos perenemente: escravo é o negro e liberdade quem tem é o branco. O branco manda e o escravo obedece. Pronto e ponto final, tinha dito o senhor de engenho ao irmão louco, quando este pediu para ser o preceptor adjunto do menino, sob a alegação de que o professor Acenildo estava mais para um Sócrates de banguê. Ainda tinha acrescentado que aquele professor era rabo de cuia, usando uma expressão típica para diminuir o saber do tal professor. Mas o senhor de engenho não dava crédito absoluto ao que o irmão dizia, apesar de acreditar na sua sapiência, sabia da loucura dele, e que

quando ele encrenava com uma pessoa era difícil convencê-lo do contrário. E teria encrenado com o professor porque este teria mostrado simpatia pelo regime escravagista que o louco abominava.

O menino ainda estava parado, olhando o tio deitado amarrado, e, segurando as grades, teve um estremecimento na espinha.

- Tio Cassianoooooo...- Gritou, de repente. O escravo se levantou de susto.

- O senhorzinho está dormindo.

- Com os olhos abertos? Ele morreu! - E começou a gritar, berrar, chorar e bater nas grades. - Abra a grade. Tio Cassianoooooo. - O escravo titubeava entre abrir e não abrir, pois não tinha a autorização do senhor de engenho. Mas o menino gritava tanto, e o louco não mexia nem os olhos abertos, e o escravo parado ali com aquela chave enferrujada na mão...

- O que está acontecendo? - O menino gritava tanto e tão alto que não viu o pai se aproximar, correndo, equilibrando o leite numa vasilha de barro.

- Papai, papai, tio Cassiano morreu. - O senhor de engenho deposita a vasilha de barro com o leite no chão e olha para o irmão com cara de defunto através da grade. O menino tinha dito num desespero tão grande que esquecera de tomar a bênção ao pai. E ele, o pai, não menos agoniado, se esquecera também de cobrar a bênção ao filho, pois era de lei, lei do costume das famílias católicas. Dormiu. Acordou, toma a bênção aos pais e aos avós. E antes de dormir, também.

- Vamos, escravo, o que está fazendo aí que não abre? Vamos logo, palerma! - E depois ele mesmo entrou apressado seguido do filho. O irmão louco estava urinado, defecado e frio. Mas o coração batia fraco e cansado de viver, ao que conferiu com a orelha colada no peito de tio Cassiano. O senhor de engenho, bastante agitado, agiu fazendo massagens cardíacas enquanto tio Cassiano olhava as telhas do quartinho sem nada enxergar. Os escravos ajudaram, o menino ajudou e o médico chegou. Salvaram tio Cassiano! Mas somente dessa vez. Depois desse susto o sobrinho - o menino branquinho e taludinho -, não queria mais arredar pé do quartinho gradeado de tio Cassiano. Levava a comida, colocava na boca dele que mal mastigava, e às vezes nem conseguia abrir a boca, então o menino abria os maxilares cerrados e colocava comida pastosa na boca do homem quase morto. Durante o dia, solto no quartinho, mas somente de ceroula de morim branco, nem queria mais se levantar da cama. E os dias se passavam, se não no breu da escuridão, mas na penumbra da memória que ia se apagando na autobiografia daquele sábio que perdia, letra por letra, seu livro escrito na carne com pena de sangue. Esvoaçava, esvoaçava, a voz do tempo em sua memória oca.

A lua tinha minguado, mas Cassiano permanecia com o olhar absorto no vazio. A agitação tinha dado vez a uma calma de silêncio infinito.

- Tio Cassiano, titio, eu trouxe a comida do senhor. Sua bênção, titio. O dia está lindo lá fora, choveu a noite toda, mas agora o sol saiu e está secando a

palha da cana meio derrubada. O pés de manga amanheceram amarelo debaixo, por conta do vento que foi muito. Os cajueiros? Nem se fala. Sabe que até jaca caiu? De mole, também! E o rio desce já fazendo cachoeira. E os escravos foram pescar de balaio, é tanto peixe que mamãe ficou mangando do negro Genival que contou que parecia até que os peixes pulavam pra dentro do balaio igual o padre diz no sermão da missa.<sup>12</sup> - Sorriu o menino. - E papai mandou um magote de escravos irem trabalhar na fazenda com o gado, pois não dá para limpar mato no canavial hoje não. Está tudo encharcado, cheio de água, é cobra pra todo lado. E lá tem bezerro novo que nasceu debaixo d'água. Foi tanta chuva e raio e trovão que papai pensou que o bebê de mamãe fosse nascer. Por garantia o médico dormiu aqui e vem logo, logo ver o senhor. Mamãe queria ir pra Recife, mas o trem não passou, pois a estrada encheu com o rio que fechou tudo. Não passava nem carro-de-boi. - Mas tio Cassiano nem piscou os olhos. Mastigou com lentidão e desânimo. O menino tentava não demonstrar para o tio o quão tinha seu coração partido. Trazia as boas novas que o tio nada tinha percebido, nem entendido, e sequer ouvido. Aquele tio, aquele mesmo tio, que mandava aquelas cartas tão lindas de Paris ao irmão, e o irmão que pedia ao menino para lê-las para ele e para a mãe, pois parecia que quando o menino lia, o pai e a mãe entendiam melhor e conseguiam ver Paris sem nunca ter ido lá. A descrição era tão viva na escrita do tio e na leitura do sobrinho, que os três se perguntavam que mundo fantástico seria Paris. Mas, na carta também vinha a saudade que o tio sentia da família e do engenho, daquele mundo de terra massapê. Falava do açúcar que consumia em Paris, lembrando que vinha do engenho, falava da cachaça de alambique que não encontrava na cidade-luz, mas falava, também, dos negros livres que circulavam em Paris, e que não eram negros, eram homens. Nesse ponto o senhor de engenho pigarreava, dava uma desculpa qualquer e saía sem ouvir o final da carta, mesmo que depois pegasse o papel, e na biblioteca do irmão, sozinho, lia e relia a missiva com odor de Paris. Entretanto, a visão que tinha não era a mesma que tinha quando o menino lia para ele. É que a leitura era mais que leitura, era interpretação que dava vida com som e movimento às notícias, paisagens, sabores e cheiros de Paris na carta.

O menino agora saía do quartinho com a bandeja na mão, de cabeça baixa, o olhar fixo nos restos de comida deixados pelo tio. Estava comendo tão pouqui-

---

12 O personagem se refere às **passagens bíblicas da “Pesca Maravilhosa”**. No Evangelho de Lucas (5:1-11), a primeira ocorrência da pesca milagrosa ocorre logo no começo do ministério de Jesus e, como resultado, Pedro, Tiago e João, estes dois últimos, filhos de Zebedeu, se juntam a Jesus e passam a segui-lo como seus discípulos. A segunda pesca milagrosa, que também é conhecida como pesca dos 153 peixes, lembra a primeira. Ela é narrada no último capítulo do Evangelho de João (21:1-14) e acontece depois da ressurreição de Jesus. Na arte cristã, os dois milagres se distinguem pelo fato de que, no primeiro, Jesus aparece sentado no barco com Pedro, enquanto que no segundo, ele está de pé na margem. Porém, é apenas uma analogia que o personagem, o menino, faz, pois na pesca maravilhosa Jesus Cristo indica um lugar para os pescadores lançar a rede após fracasso na pescaria, e eis que a rede vem cheia de peixe.

nho, logo titio que adorava a comida do engenho, as receitas da escrava Amélia, e não tinha comido quase nada. Mas papai disse que doente é assim mesmo, e o doutor falou para ter paciência e continuar insistindo. O que cortava o coração do menino era essa ausência no olhar morto do tio que nem lhe reconhecia. Era como sentir saudades de uma pessoa presente. Ou, ainda pior, sentir saudades da ausência dele em Paris, pois era preferível ele bom, mesmo que longe do engenho, longe dos seus, mas sem estar doente. Sim, era preferível a ausência sã que aquela presença triste e aniquilada. A lua já tinha desinchado, mas parece que tio Cassiano tinha sido anulado em presença.

O menino havia se abaixado, agora, para mexer com um embuá que, esticado andando com suas tantas pernas, se retrai e vira um espiral ao menor toque do dedo do menino. Não queria matá-lo, não fazia mal a ninguém, pensava ele quando ouviu uma voz fraquinha lhe chamar:

- Branquinho... - Ele esqueceu o embuá e correu até à cama onde o tio estava deitado. Seu sorriso voltara a ser largo mostrando os longos dentes numa boca quase cor-de-rosa. Sentou-se na cama cruzando seu olhar com o do tio, dessa vez sendo correspondido.

- Titio! Titio, o senhor voltou. - E abraçou o tio passando seu calor para o corpo do tio, pois as noites costumavam ser frias no engenho, principalmente quando chovia. Pegou na mão descarnada, picada de injeção e roxa do tio, entre as suas, e o mundo parou quando o sorriso do tio também foi liberado no rosto branco arranhado com sulcos escurecidos de sangue seco.

- Branquinho, traga escondido do seu pai aquela cachacinha, viu? - E o menino ria pra se acabar com o tio maluco que era seu bem valioso, ainda mais que o pai e a mãe. Levava, levava a cachaça, sim, pois o tio já tinha dissertado a respeito, e convencido o menino de que um trago de uma boa cachaça nunca matou ninguém, mas sua doença, sim. Esta pode matar. Ademais, o que restaria da vida se não fossem os pequenos vícios, já que eram também os pequenos prazeres? E se morresse amanhã sem um gole? Sem um golinho, sequer? O menino cedia e trazia o copinho de fundo de vidro, preenchido com a cachaça especial da receita da família dos donatários da sesmaria pernambucana, vindos de Portugal, pois, somente estes ganharam as terras tomadas dos índios, os genuinamente brasileiros.

E nos dias seguintes o menino, insistindo com o pai e com o médico, já dizia:

- Vamos, vamos, vamos levar titio para o quarto dele. Ele já está bom.

No quarto, nos seus aposentos de primogênito do senhor de engenho, pai dos dois irmãos - herdeiro daqueles mundos de terra -, mesmo assim, a solidão do tio prosseguia. E continuava trancado, à chave, gradativamente era a recuperação até o próximo surto. E o tio dizia, já no quarto, dentro do seu pijama de Paris, ao menino:

– Não aguento mais essa injeção desse médico cavalo que mais parece uma agulha de crochê. - E o menino ria com a espiritualidade deliciosa de tio Cassiano que comia a canja de galinha da escrava Amélia, por quem tinha uma quedinha amorosa, ouvindo o pipoco do trovão. – A canja de Amélia está uma delícia, mas eu estou com apetite pra comer um boi.

– Titio, em Paris se come canja de galinha? - O tio para a colher no meio do caminho, entre o prato e a boca, pensa sem nenhuma necessidade e responde.

– Em Paris se come pão e vinho. - Termina o percurso com a colher. Engole a canja e dispara. – E *mademoiselle* também. - E a gargalhada do menino se junta ao próprio riso do doente que desmanchara a expressão pesada de louco, descontraindo os músculos do rosto.

Na família, assim como em todo o engenho e nas redondezas também, se surgia alguma necessidade de informação ou esclarecimento de dúvida sobre qualquer assunto, era a Tio Cassiano que se deveria recorrer. Ele sabia tudo. Ele tinha resposta para tudo. Ele conhecia tudo que aquele povo nunca tinha ouvido falar. Tio Cassiano era o futuro, assim como o passado também. Porém, seus ensinamentos, assim como suas respostas, vinham não raramente seguidos de críticas ao sistema social, de ironia e ou de chacotas, como agora respondia ao sobrinho. O que não agradava muito aos ricos e poderosos que, não raramente, preferiam não recorrer a ele, e ainda faziam desmerecer seu conhecimento acrescentando com uma pitada de maldade que ele era louco. E aos loucos não se devia creditar o conhecimento nem a sabedoria que são características dos lúcidos.

E o tio, “curado”, recomeçava as aulas ao sobrinho na biblioteca, apesar das reticências do pai e das pequenas encrencas com o professor-mor. Se o tempo não estava propício e o conteúdo da aula não se coadunava com o lugar, a aula era ministrada na biblioteca a portas fechadas. Se o tempo abria, o sol esquentava - mas o vento amenizava o calor -, a aula seria “vívuda”, como dizia ele, no seu habitat. E saía descambando com alguns livros dentro de um bisaco e milhões de ideias na cabeça pelo caminho de barro no meio do canal seguido pelo sobrinho. Visitavam fruteiras e estudavam também seus frutos, as árvores da mata Atlântica, o rio, os açudes, as flores. Os pássaros, ah, os pássaros! Entre eles declamava poemas em português e em francês. Ficavam horas no meio dos escravos que limpavam mato no canal. Demoravam na moenda vendo o açúcar ser feito. No alambique era a cachaça o objeto de estudo e observação. Montados a cavalo esticavam até à fazenda e lá estudavam o gado. Mas quando a aula engendrava Filosofia e Sociologia os dois se trancavam na biblioteca e não havia quem os fizesse abrir, pois os debates eram fervorosos e proibidos. E neles efervescia o regime de escravidão e os movimentos para o fim dela. O senhor de engenho não poderia, sequer, sonhar com tal tema debatido e defendido pelo irmão mais velho e pelo jovem filho, e



único até que o que estava na barriga nascesse. Todos dois metidos a abolicionistas no ninho da serpente.

A concessão feita pelo senhor de engenho, na educação do filho pelo tio, era também no interesse que ele aprendesse a administrar os engenhos e as fazendas, a fazer o açúcar e a cachaça e poder negociar os produtos com a Europa, pois o menino já tinha passado dos doze anos e a sinhá não vingava barriga. Agora estava para parir, mas só Deus sabia se o menino viria ao mundo vivo depois de tantos que jogara na bacia. E se vivo viesse, não se sabia se era, de fato, um homem, um varão para ajudar a dar continuidade à perpetuação da sua espécie e a história da família. O menino branquinho parecia tão fraquinho aos olhos do pai. Não sabia se era fraco da cabeça, se por acaso ou por hereditariedade tinha puxado ao tio que dizia que não, mas também, sua opinião não se devia levar muito em consideração. O tio não era louco? Na dúvida, era melhor semear o engenho de herdeiros. O tio elogiava o menino, que era esforçado, inteligente, certo é que não se tratava de nenhum gênio, mas aprendia bem e fazia todas as lições. Portanto, sentenciara o tio, o menino dava para os propósitos do pai, quais eram estudar, virar doutor e continuar os negócios da família. Não tinha motivo para se preocupar, dizia o tio, ademais, os métodos de ensino do tio eram os mais avançados, os mais modernos, gabava-se ele, a pessoa se torna produto do meio. E o meio estava ali, o engenho.

Tudo começava com a preparação da terra sendo capinada, depois eram cavadas valas e a cana-de-açúcar era plantada, pelos escravos, em extensos canaviais a fazer vizinhança com os altos coqueiros já na praia. Primeiro os escravos cortavam a cana-de-açúcar de um plantio já existente e carregavam em carros-de-bois até à terra preparada onde seria feito um novo plantio. O trabalho era demasiado penoso, a palha da cana cortava feito lâmina a carne dos escravos que não tinham a devida proteção para efetuar a tarefa. Suas vestes eram precárias para viver e mal cobriam o corpo que se tornava em chagas sem demora. Os pés descalços tinham valas abertas da lida. A capinação do solo não era menos penosa, pois os escravos faziam de pés descalços, de modo que além de adoecerem de doenças várias - como a maleita, por exemplo, transmitida pelo mosquito e esquistossomose transmitida pelo caramujo -, ainda eram picados por cobra e não raro um morria à míngua, apesar das rezas e da benzedeira na senzala para fazer as vezes de assistência à saúde, que somente a casa-grande tinha. A haste da cana-de-açúcar era cortada em pedaços de 30 a 40 cm e plantada em sulcos abertos na terra de 15 a 30 cm de profundidade, e depois enterradas, da onde brotavam e cresciam formando caule e folhagem. Começava a brotar da terra em dez dias aproximadamente e sua primeira colheita podia se contar entre um ano e um ano e meio. A colheita não era única, depois da primeira tinha a segunda, chamada de soca, a terceira era a ressoca e a quarta e indicada para ser a última, chamava-se contrassoca. Depois do quarto corte, indicava-se arar as terras arrancando o caule subterrâneo e plantar

novos caules.

Mas durante esse tempo todo, durante a safra da cana e entre colheitas, a terra precisava ser capinada para que o mato não cobrisse o plantio e matasse a planta. Era trabalho braçal escravo porque o senhor de engenho não queria gastar com uns amarelos que vinham do interior do Estado atrás de limpar mato ali para ganhar uns trocados. Era caro! Já tinha que pagar o “mestre de açúcar”, que sabia todo o processamento para a fabricação do produto que era exportado para a Europa. Certo era que o senhor de engenho tinha sido obrigado a contratar alguns amarelos, pois a Guerra do Paraguai<sup>13</sup> tinha lhe levado alguns escravos. Verdade também que esses escravos não tinham sido perdidos para ele, tampouco dados (de graça) ao Império que indenizava os senhores dos escravos a fim de formar um exército libertador. O governo imperial, carecendo de soldados para lutar na tríplice aliança Argentina-Uruguai-Brasil, tinha entrado em acordo para requisitar alguns escravos e indenizar seus donos. O que cabia ao escravo, ao novo soldado? A liberdade tão almejada. Mas como? A liberdade lhe seria dada se sáísse vivo na luta contra o sanguinolento ditador Francisco Solano Lopez,<sup>14</sup> presidente do Paraguai, que sonhou ser um novo Bonaparte em terras tupiniquins e seus soldados maltrapilhos.

Ainda iria contratar aqueles cassacos de roça do Agreste que nem eram tão bons de eito? Pensava o senhor de engenho. Que prejuízo! Escravo tem que ser debaixo de chibata, assim todo mundo trabalha. Afinal de contas, para que tinha comprado escravo? Não tinha pagado? Não tinha investido? Se era investimento tinha que ter lucro! Cada escravo comprado levava cerca de cinco anos para recuperar o valor investido.<sup>15</sup> Mas o senhor de engenho não se lembrava de colocar nos cálculos os filhos, os netos e os bisnetos dos escravos que saíam de graça para ele e sua família, ascendentes e agora descendentes. A dívida dos negros capturados na África era perene. Capturados pelos seus próprios pares ou por aventureiros de outros países, os negros inocentes eram acorrentados, trazidos e vendidos aos portugueses daqui e aos novos brasileiros, quais sejam, os filhos de portugueses, pois os velhos brasileiros - verdadeiros donos da terra -, esses nunca compraram escravos, os índios.

---

13 **A Guerra do Paraguai** foi o maior (e último) conflito armado internacional ocorrido na América do Sul. Foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta pelo Brasil, Argentina e Uruguai, estendendo-se de dezembro de 1864 a março de 1870, durante o Império de Dom Pedro II.

14 Francisco **Solano López** Carrillo foi o segundo presidente constitucional da República do Paraguai, exercendo o cargo de 1862 até sua morte em 1º março de 1870 quando foi morto pelas tropas brasileiras em solo paraguaio. Foi comandante das Forças Armadas e chefe supremo do seu país durante a Guerra do Paraguai.

15 **NABUCO, Joaquim**; O Abolicionismo. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 2012.

O açúcar foi o mais importante produto colonial da América portuguesa. Fabricado, principalmente nos engenhos da Bahia e de Pernambuco, à base do trabalho escravo. Os holandeses tiveram grande importância no financiamento, transporte e revenda do produto na Europa.

Mantendo a capinação do mato que ninguém ali chamava de “capinar o mato”, e sim, “limpar o mato”, a cana crescia seu caule e multiplicava suas folhas até abrir suas flores em pendão e esverdeava tudo na zona da mata com gotas de tinta branca. A beleza era tão esplêndida que olhos desavisados não poderiam jamais enxergar o vermelho do sangue escravo colorir o branco do açúcar e a cor negra do melaço escurecer a História do Brasil.

Quando a cana-de-açúcar estava no ponto, o mestre-de-açúcar sabia, assim como o senhor de engenho e todos seus ancestrais masculinos. A cana dependia de solo, de clima, de chuva, de capinação e de escravo para crescer. Era colhida pelos escravos que se tornavam pontos negros no verde do canavial, exército de flagelados nas suas roupas esmolambadas e em rostos, braços, pernas e pés em chagas, sangrando em cortes abertos pela palha da cana. A cana cortada (e os escravos também!) enchia carros-de-bois que gemiam na estrada de massapê conduzindo a carga até o armazém gigante onde ficava a moenda na qual era prensada. O caldo de cana era colocado em grandes caldeiras para passar por um processo de fervura. O cheiro impregnava todo o ambiente. E antes de se transformar em açúcar, tio Cassiano pedia para o “mestre de açúcar”, apelidado de Zé Molambo, por razões óbvias, que enchesse alguns potes de melaço para comer com queijo de coalho. E o menino branquinho ria.

– Já sei titio, em Paris não tem. - E eram os dois que riam juntos. Depois da cana transformada em açúcar e ensacada em sacos de estopa, tudo se transformava em silêncio sobre a mão-de-obra escrava e suas dores. Era doce! Doce como mel, não mel de abelha livre, e sim do homem escravo. Era produto do fel que todos saboreavam como mel! Ninguém mais pensava nisso, se é que um dia alguém branco, de ancestralidade branca e rica poderia ter pensado, ao adoçar sua xícara de café com um tablete de açúcar já branquinho, pois o açúcar negro era produto inferior deixado para os negros e os pobres, mesmo que os pobres fossem brancos, mas sem dinheiro, sem linhagem. Os pobres brancos também eram quase escravos. O mestre-de-açúcar era um deles, homem branco, mas pobre, analfabeto e sem linhagem, apelidado de Zé Molambo por molambo de gente ser. Mas carregaria a mesma culpa da escravidão sem nunca ter escravizado ninguém, por ele mesmo ter sido escravo das raças ditas superiores, pois os pobres serão sempre os mais injustiçados, tenham eles a cor ou a origem que seja. Eram trezentos anos de escravidão negra e a eternidade de escravidão dos pobres de todas as cores. Isso nunca mudaria.

– Nossos engenhos coloniais movimentaram a vida e a economia da sociedade nos séculos XVI, XVII e XVIII, e continuam no nosso século. Acredito eu que serão eternos, pois, depois do açúcar e da cachaça, há de virem outros produtos que incrementem a venda no Brasil e a exportação para o mundo. - Explicava tio Cassiano ao menino, em meio ao barulho da moenda, da pá no tacho que mexia o caldo, do gemido dos carros-de-bois que chegavam e eram descarregados, bem como o chiado da faca que descascava uma haste de cana e que ele partia em rodela e dava para o sobrinho chupar. – É o futuro! - Arrematava ele pensando quais produtos se poderia extrair da cana além do açúcar, da cachaça e do melaço. – O álcool! - Gritou ele de repente. – Sim, sim. O álcool poderia ser usado como um... um... - Coçava a barba à procura de ideias. – ...um combustível!

– Um combustível? - Perguntava o menino branquinho depois de mastigar a rodela de cana extraindo e engolindo seu suco doce e cuspidando o bagaço fora.

– Sim, mas ainda precisamos aprofundar muito nossas ideias, meu sobrinho e futuro sócio. Por enquanto vamos continuar com nossa aula. Oficialmente, meu sobrinho, em 1532, Martim Afonso de Sousa, um nobre militar e administrador colonial português, primeiro donatário da Capitania de São Vicente, trouxe a primeira muda de cana da Índia para o Brasil. Ele tinha sido governador da Índia colonizada também por Portugal, pois é, Vasco da Gama também passou por lá. Portugal, oh país pequeno para ter mania de grandeza, colonizou parte do mundo à base de sangue e carne fresca, saques, estupros e o descaramento de chamar de conquista.

– Foi por isso que o senhor não quis ir para a Faculdade de Coimbra?

– Para que Coimbra se a gente pode ter Sorbonne? - Os dois riram. – Mas, vamos lá! Na Capitania de São Vicente ele construiu seu próprio engenho de açúcar.<sup>16</sup>

– Então os índios do Brasil, antes dos portugueses, não comiam açúcar não, titio?

– Das frutas, meu sobrinho, das frutas. Ou do mel de abelha. Mas essa aula só pode ser dada na biblioteca fechada. - Piscou o olho para o sobrinho que entendeu a censura. – Índios e ... - Olhou para os negros que suavam em bicas mexendo o tacho. – ...eles... tudo é assunto à parte. Matéria de adendo.

Ele chamava de aulas presenciais e vivas as que dava ao sobrinho. As que o seu desafeto e professor-mor ministrava, ele apelidava de aulas ausentes e mortas do professor “Sócrates de banguê”, para desespero do professor que era branco, mas pobre, e que não era abolicionista. Para ele tanto faz como tanto fez! Na verdade,

---

16 **Engenho de açúcar** ou simplesmente engenho (do latim *ingeniu*) é, *stricto sensu*, a moenda de cana-de-açúcar. *Lato sensu*, designa todo o estabelecimento agroindustrial especializado na transformação da cana-sacarina em açúcar, melaço, aguardente de cana e o etanol, este que passou a ser fabricado já na usina moderna (do francês *usine*), substituta do termo engenho.

para ele estava tudo bem lecionando para o filho do senhor de engenho que lhe rendia alguns trocados e o menino aprendia bem, até que aquele velho<sup>17</sup> magro e barbudo chegou de Paris destinado a ficar por ali e a lhe atormentar.

Começou contestando suas aulas, dando pitaco aqui, pitaco acolá. Depois que descobriu que o professor não era abolicionista começou a dar aulas ao menino e muitas delas trancados na biblioteca. Aquilo não estava certo. Daquele jeito ia acabar tomando o ganha-pão do mestre. Já tinha até se queixado, com muito jeito, ao senhor de engenho. Mas o irmão mais novo, senhor de engenho e de tudo e de todos por ali, com pouca paciência para mexericos, deu-lhe dois gritos e o professor calou a boca. Pelo santo (o emprego) se beija os pés (do senhor de engenho) e se tolera seu rival, o irmão louco, mas que não mandava em nada, para salvação do professor.

As aulas demoravam o tempo do sol. Quando o sol quebrava a barra era hora de montarem a cavalo - tio e sobrinho -, e voltarem num galope frenético pelo caminho de chão socado pelos cascos dos cavalos entre um lado do canavial e o outro. Eram cortes nas planícies e nos morros de cabeleiras verdes. As veredas que quem não conhecia poderia se perder ali e nunca mais se achar. Não tinha sinalização, sequer uma árvore para indicar a localização, era tudo palha de cana da mesma altura, da mesma cor e com o mesmo corte numa paisagem sem fim, dançando na mesma direção do vento. Tudo igual. Mas eles conheciam, porque quem nasce e se cria num lugar faz parte dele. Pode até fechar os olhos e reabri-los horas depois, saberia onde estava. É a geografia da memória. As árvores da mata Atlântica tinham sido derrubadas e a terra ocupada pelo canavial.

Os portugueses levaram o pau-brasil - toda madeira -, e tudo que tinha valor comercial. O que restou da mata Atlântica os novos brasileiros derrubaram na corrida ao ouro verde do canavial, transformado em ouro branco, o açúcar. Para que árvores? O lamento era somente daquele louco que voltava de Paris cheio de ideias e concepções estranhas para aquele lugar. Não se derruba uma árvore, dizia ele para o irmão, as poucas que restaram devem ser preservadas, senão para de chover. O irmão nem ouvia. Quem escuta louco? Ademais, ali chovia quase toda noite. Que besteira esse irmão teria aprendido em Paris?

E enquanto o menino branco tinha aula com o professor particular no engenho, o menino negro espreitava pela janela aberta. Numa dessas aulas, o tio louco entra de supetão na biblioteca xingando o professor, que rebateu ferozmente a retórica do ex-aluno da Sorbonne.

- Seu professor de banguê! Peguei o senhor querendo fazer a cabeça do meu sobrinho. Zumbi foi um herói do quilombo dos Palmares!

---

17 Observe-se que no Século XIX um **homem na faixa dos 40 anos já era considerado velho**, e a mulher, nem se fala.

– Não foi! - Reagiu o professor cheio de energia e palmatória na mão para fazer as vezes, pois se batesse levava outra, segundo recomendou o pai do menino. Bater se bate em escravo e em pobre, em filho de senhor de engenho não. – No quilombo também tinha escravidão e todos serviam e obedeciam Zumbi, caro senhor da Sorbonne.

– Mentira! Os escravos fugiam para se esconder no quilombo do bravo Zumbi que morreu lutando pela liberdade do povo negro, seu povo.

– Leia mais, ou na Sorbonne só se estuda a Revolução Francesa?

– Saia da minha biblioteca que já acabou seu tempo, seu professor de araque. Deixe a preparação do meu sobrinho comigo, já que ele não vai precisar da sua síndrome de insignificância para entrar na faculdade. - Os ânimos entre os dois professores já estavam tão alterados que as vozes foram ouvidas pelo senhor de engenho do seu escritório que correu até à biblioteca e deu de cara com tio Cassiano expulsando o professor Acenildo do seu recinto. O menino tudo assistia sem opinar.

– O que está acontecendo, Cassiano? Que gritaria é essa?

– Seu irmão, coronel, está incutindo na cabeça do menino ideias libertárias aos escravos. - Quem respondeu foi o professor Acenildo enquanto pegava o chapéu e a maletinha de livros, e tratava de sair o mais rápido possível antes que o senhor de engenho também se voltasse contra ele. E aí, nem mel nem cabaça, pensava o professor, seu ganha-pão poderia ir para o bebeléu. Mas que era difícil ficar entre Deus e o diabo, ah isso era.

– Cassiano! Cassiano, Cassiano. - Respirou fundo o senhor de engenho e engoliu um gole de cachaça pura do engenho. – O que é que eu faço com você? Vá, me diga, meu irmão! Eu já não lhe falei que não quero esse tipo de aula? Então o que danado está fazendo aqui, de portas fechadas, ensinando essas baboseiras a João Pedro?

– Esse professor é um xucro, limitado e ...

– Quer chamar o professor de burro porque ele não saiu da Sorbonne? Eu também não!

– Não é nada disso, José Luiz. Ele não sabe ensinar a pensar.

– E quem se interessa aprender a pensar em coisas que não servem para nada, Cassiano? Aqui, para o menino, meu filho, só se ensina o que eu quiser. Entendeu? Meu filho se chama João Pedro Orleans e Bragança Alcântara Gaspar de Lemos Álvares Cabral de Nassau Duarte Coelho Wanderley de Castro do Rego Barros. Ele tem dois nomes e quatorze sobrenomes. É linhagem! Entendeu? É ele quem vai tocar o barco em frente e perpetuar nossa família, porque você, Cassiano, até agora nada. Não me interessa saber desses assuntos de negros.

– Não, meu irmão, não é bem assim. Você precisa aceitar que seus estudos não chegaram à faculdade. Se quer que o menino avance precisa deixar que eu passe para ele meus conhecimentos, o que falta ao professor de banguê.

– Quer me desafiar, Cassiano? Eu deixei que você fosse professor naquilo que o professor Acenildo não conseguisse. Mas deixei bem claro que não quero essas ideias de jerico por aqui. Dar liberdade a escravo? Está doido, meu irmão? Sabe somar e multiplicar o quanto a gente investiu nesse negócio para perder tudo de uma hora para outra? Na Sorbonne não lhe ensinaram as quatro operações não? É muito prejuízo! E quem vai trabalhar para nós, os senhores donos da terra? Você? Com essas mãos finas que nunca pegaram numa enxada?

– José Luiz, estou lhe avisando que os tempos estão mudando. Há um movimento de pressão bastante grande em favor da abolição. Isso pode acontecer. Já veio a lei do ventre livre, depois a do sexagenário e agora virá a libertação geral. É melhor que você comece a entender. E pelo menos comece a aceitar as ofertas dos escravos que querem comprar a própria alforria por um preço justo. Corre-se o risco de você perder tudo.

– Nunca! O imperador não vai ter coragem de desapropriar tamanha fortuna das nossas propriedades. Quem vai ter a coragem de causar esse prejuízo a nós que seguramos o império? Confisco? É terra de ladrão?

– José Luiz, estou lhe alertando que o movimento se intensifica e a pressão é grande dentro e fora do Brasil. Ameaça-se até um bloqueio econômico. Como vai vender o açúcar para a Europa se os ingleses ameaçam fechar os portos?

– Quando eles quiserem adoçar a xícara de café abrirão os portos. E está encerrado esse lengalenga! Acabe com esse motim ou boto fogo na sua biblioteca.

– O que? Está louco, José Luiz? O louco da família não sou eu?

– Parece que foi numa das suas aulas, senhor Sorbonne, que eu lhe ouvi dizer que um doido lá para as bandas de Alexandria mandou queimar a biblioteca. E eram tantos livros que levou seis meses para serem queimados todos, servindo de aquecimento para o povo. - E saiu deixando tio Cassiano e o menino estupefatos perante a ameaça.

### III. O sumiço de João Pedro

TIO CASSIANO, percebendo as movimentações escorregadas do capitão-do-mato do irmão, resolve segui-lo, mas para quando a porta do escritório do senhor de engenho lhe é batida na cara pelo homem que não gostava nem um pouco do senhor de engenho primogênito que, apesar de ser dono de tudo, não era dono de nada e ainda andava distribuindo ideias libertárias por ali, ameaçando, assim, o ganha-pão do capitão-do-mato que era capturar escravo fujão e outros serviços mais, todos fora da lei da dignidade humana.

Com o ouvido colado na porta, tio Cassiano tentava ouvir as vozes dos homens no escritório, mas a porta era de madeira maciça e não permitia grandes coisas, de modo que ele destrava sorratamente a maçaneta - aquela mesma que tinha trazido de Paris e presenteado o irmão -, e por uma fresta, apenas conseguia ouvir os gritos do irmão, possesso e balançando o escritório com seus passos pesados em botas grossas de couro de boi. O capitão-do-mato era subserviente àquele senhor de engenho, sua voz era baixa com palavras medidas, só era senhor da situação para os escravos, aos senhores de engenho devia lealdade e obediência, não passando de um capacho, um lambe-botas.

- Meu filho é macho! Macho! Macho! Minha família é de machos! É tudo varão! - Ecoavam os gritos do irmão mais novo no escritório que para ele era falar em tom normal. Quando o capitão-do-mato sai da sala, tio Cassiano entra com cara de quem não quer nada, mas querendo. O senhor de engenho olha surpreso para o irmão mais velho.

- Vai dizer que aprendeu em Sorbonne, em Paris, na França, a ficar ouvindo atrás das portas, Cassiano? - Pelo tom da voz e da ironia da pergunta se percebia que o irmão mais novo, senhor de engenho, dominador, estava nervoso. - *Cassianô!!!!* - Imitou a pronúncia francesa. Cassiano levantou os antebraços e encenou com as mãos e os dedos uma passagem que tinha assistido numa peça de Molière, na Ópera de Paris, e gaguejou esquecendo a fala da cena.

- Eu... eu estava... eu estava passando... por... passando... aqui e ...

- Vai querer mentir gaguejando, meu irmão? - Cortou abruptamente o irmão caçula.

- Não! - Afirmou mentindo tio Cassiano, mas ainda conseguindo rodopiar nos tornozelos imitando o ator que fazia o papel na peça de Molière. Tentava descontrair. - Meu irmão, o que está acontecendo? O que esse cruel capitão-do-mato está fazendo aqui?

- O que você tem a ver com isso, Cassiano? Por acaso deixei de pagar seus gastos astronômicos em Paris? Deixei? Mês após mês? Ano após ano? Hein? *Cassianô*? Os negócios sempre não estiveram sob a minha responsabilidade?



– Não, meu irmão, não é nada disso. Você sempre foi o mais correto e mantenedor das minhas despesas, só tenho a lhe agradecer. Mas fico preocupado, não tenho notícia de nenhum escravo fujão. Ademais, a gente já tinha conversado sobre esses métodos cruéis de se recapturar escravo. Eu lhe pedi tanto que parasse com essas práticas. Já lhe alertei que os tempos são outros, diferentes dos tempos dos nossos pai, avôs e bisavôs. As coisas estão mudando, meu irmão.

– Os negócios são comigo ou não são, *Cassianô*? Quem resolve tudo sou eu ou você? - O senhor de engenho enchia o copinho branco com fundo de vidro maciço de cachaça e em seguida tragava de um gole só o líquido transparente.

– Tudo é com você, meu irmão. Eu sei. Os poderes são seus. Mas eu gostaria que esfriasse a cabeça antes de tomar qualquer decisão que não possa voltar atrás, apesar de ser digna de arrependimento.

– Arrependimento, Cassiano? E quando foi que você me viu me arrepender de alguma coisa? - Tio Cassiano anda até a bandeja em cima da mesa e ele também traga uma lapada da cachaça fabricada no engenho. A cabeça flutua recebendo o álcool à procura de coragem para enfrentar o irmão de uma maneira que não despertasse ainda mais a ira do outro e, principalmente não denunciasses a vontade de Cassiano em conduzi-lo na melhor direção.

– Meu irmão. - Apoia a mão de forma amigável no ombro do irmão caçula.  
– O mundo não foi feito exatamente da forma como Deus planejou.

– Ora, ora, Cassiano, vai dizer que agora virou coroinha? Desembuche logo, vá! Você sabe o que está acontecendo? Por isso estava ouvindo atrás da porta igual comadre de igreja?

– José Luiz, seja sensato, e pelo amor de Deus não bote o capitão-do-mato numa história que só diz respeito a nossa família. - Nesse momento o senhor de engenho dá um murro tão violento na mesa que copos e garrafa de cachaça voam se espatifando no chão do escritório. Pula na frente de Cassiano e segura o colarinho da camisa do irmão com as duas mãos, apertando a garganta do outro. Cassiano permanece parado, era mais alto, mas estava inerte, a fim de não despertar ainda mais a fúria do irmão mais novo. – Você sabe que ele anda com esses negros imundos? Sabe? Sabe? Sabe! - Acusava confirmando sua suspeita.

– Não sei de nada. - José Luiz afrouxa a pressão do colarinho da camisa de Cassiano e solta passando as mãos na testa suada e tremendo. Seu rosto estava vermelho e rangia os dentes. – Calma, meu irmão, em tudo se dá um jeito, calma. - Pede suspirando. – Não se lembra da nossa mãe que dizia: tudo tem um jeito, só não tem jeito para a morte?

– Eu mato! - Bateu na mesa novamente. – O jeito é a morte.

– Não faça isso, não faça nada. Isso deve ser fofoca desse capitão-do-mato.

– Não foi ele quem disse, Cassiano. É o povo do engenho que já começa a

falar, a espalhar. Como fica minha reputação? Da nossa família? Uma família de machos? Como fica? Eu que elejo os representantes de toda região, como fico? É uma vergonha!

– Deve ser fofoca desse povo que não gosta de você, José Luiz, e aí quer se vingar inventando essas coisas para lhe atingir. Converse com ele, seja o pai que ele precisa que seja.

– Conversar, Cassiano? Qual foi a conversa que nosso pai teve com a gente?

– São novos tempos, meu irmão. Você é um homem inteligente, tudo pode ser resolvido com uma boa conversa. Nós também já fomos jovens. Você não se lembra do que a gente também aprontou?

– Com as escravas, Cassiano, com as negrinhas! Vai dizer que é a mesma coisa? - Cassiano ia responder que era, mas não teve coragem depois que se lembrou do pescoço ainda doendo e vermelho.

– Calma, irmão, eu lhe aconselho a conversar com ele, ou então, deixe que eu mesmo converse. Ele tem confiança em mim, quem sabe tudo possa ser esclarecido, não deve ter passado de um engano, uma fofoca de comadre come-hóstia.

– Conversar? Conversar com uma vara de marmeleiro, isso sim. - E saiu do escritório pisando forte, com suas botas de couro de boi, em direção ao terreiro da casa-grande. Cassiano o acompanhou preocupado. O irmão caçula enfurecido sai à procura da vara de marmeleiro e não encontrando nenhuma pegou o chicote.

– Não! - Gritou Cassiano. – Tenha piedade, José Luiz, isso é chicote de bimba de boi, homem. - O irmão mais novo fuzila Cassiano com o olhar e este não se atreveu a ter nenhum ato heroico para tentar tirar o chicote da mão do irmão enfurecido que andava a passos largos até o alpendre enorme da casa-grande, onde a jovem esposa, grávida, encontrava-se na cadeira de balanço fazendo tricô, enquanto o menino, sentado aos seus pés, segurava o rolo de lã entre as mãos. Essa visão enraiveceu ainda mais o pai que lançou a ponta do chicote, ao mesmo tempo que tio Cassiano gritava:

– Corre João Pedro! - O menino caiu por cima do rolo de lã com a chicotada na cara e se arrastou se emaranhando no fio da lã. Mas como um gato se levantou e correu tentando ficar fora do alcance do pai que já lançava outra chicotada, dessa vez nas costas do menino que cortava a camisa de linho branco deixando a marca vermelha de sangue por onde tinha passado. Tio Cassiano, vencendo o medo e a inércia pacífica, agarrou-se nas mãos do irmão mais novo e mais forte e os dois caíram no terreiro levantando poeira, pela disputa da posse do chicote, enquanto o menino fugia se embrenhando no meio do canavial, sendo cortado pela palha da cana verde. Os irmãos lutavam no chão e de repente José Luiz para, sem fôlego, afrouxando as mãos do chicote que passa para as mãos de tio Cassiano que se encontrava embaixo do irmão caçula. Tio Cassiano empurra o irmão que cai na

terra. O primogênito se levanta com o chicote na mão.

– Sua mulher está grávida, homem. Como pode não pensar nela também? - Nesse momento os dois irmãos olham para o alpendre onde as escravas socorriam a sinhazinha desmaiada na cadeira de balanço, pois o chicote tinha atingido de raspão a mulher. Tio Cassiano é o primeiro a se levantar e correr até o escritório pegar outra garrafa de cachaça e abrir nas narinas da sinhá. Ela desperta e ele observa que o irmão continuava deitado no terreiro. Vai até lá e derrama a garrafa inteira na cara do irmão da sua altura. – Não seja estúpido, José Luiz. É a nossa família. Ele tem quatorze sobrenomes, você quer cortar cada um de chicotada? Quer apagar a história da nossa família? Não é você que se preocupa tanto com as convenções sociais? Então? Levante-se daí, bata a poeira e deixe isso pra lá, meu irmão. Venha! - Ofereceu a mão ao caçula que se levantou e foi direto ao banheiro, de cara fechada. A sinhá se recuperava e tio Cassiano fez questão de acompanhá-la até o quarto com as escravas e ficou lá até que os dois estivessem sozinhos.

– Maria do Carmo, minha cunhada, ajude-me a acalmar meu irmão, seu marido. Você se sente melhor?

– Estou bem, sim, estou melhor. - Respondia Maria do Carmo chorando baixo e assuando o nariz com o lenço branco e bordado com as iniciais do seu nome na cor rosa. – O que está acontecendo? Ele está com raiva de João Pedro ou de mim? Ele quase mata a gente.

– Não, não é nada com você, minha cunhada. Ele está nervoso com o menino, mas nada que não se possa dá um jeito, entende? Acalme-se. - Ele pegou o copo de água com açúcar na mesinha de cabeceira e ela tomou um gole. – É fofoca, Maria do Carmo, coisa de quem não tem o que fazer. Mas não é motivo para essa violência, sabe? Eu posso conversar com o menino, mas você precisa me ajudar a acalmar a fera.

– Seu irmão não escuta ninguém, Cassiano, você não sabe? Que susto, meu Deus, o chicote ainda pegou de raspão no meu braço, de sorte que o impacto maior foi na cadeira. - Reclamou ela alisando o braço com um pequeno corte. – E ainda bem! Imagina se tem pegado toda a chicotada na cara do menino? Tinha aberto de canto a canto.

– Sim, sim, foi Deus que desviou a mão dele. Deve ter ficado cego de raiva e errou a pontaria. Mas se acalme, vamos pensar juntos. Meu irmão foi pra o quarto dele, vamos deixá-lo lá por um tempo, ele precisa destilar o próprio ódio. Depois a gente fala com ele. Procure descansar, isso não faz bem ao bebê que está esperando.

– Vou mandar chamar papai, não durmo com uma fera dessa de jeito nenhum. Ele quer matar meus filhos? O bebê e o menino. - A sinhá só era piedosa quando se tratava da sua família, entretanto, quando se tratava de escravos ela não media consequências em mandá-los para o tronco até receberem as chibatadas

sentenciadas por ela mesma. Cassiano tentava ignorar que a sinhazinha tinha seu próprio quarto, enquanto o irmão desfrutava de outro para receber as escravas em noites de lascívia permitida a ele, senhor de tudo e de todos por ali.

Anoiteceu e a noite não era de lua cheia. A escuridão cobria todo o engenho, escondia tudo e todos com seu manto escuro. Fazia frio. O vento soprava impiedoso. Na sala de jantar só se ouvia o barulho dos talheres de prata. As escravas permaneciam em pé servindo seus donos: o senhor e a senhora de engenho. A mesa de doze lugares parecia ainda maior do que era sem João Pedro, quando tio Cassiano puxou a cadeira e se sentou já atrasado.

- E João Pedro? - Perguntou enquanto desdobrava o guardanapo de linho branco finamente bordado com o brasão da família. O silêncio da mãe e o olhar pesado do pai do menino foi a resposta que o tio recebeu enquanto completava a tensão com meio copo de vinho do Porto.

As velas nos inúmeros castiçais portugueses deixavam sombras nas preocupações de tio Cassiano. Aquela noite escura, fria e de vento, e o menino branquinho não havia aparecido para o jantar. Estava ferido, deu para ver a marca de sangue na camisa branca dele. Sentiria fome, sede, frio e estaria exposto aos perigos inerentes àquelas bandas. Os canaviais abrigavam cobras e feras venenosas e terríveis, bichos e homens. E o menino estava sozinho. Tio Cassiano não conseguia comer em paz, a comida lhe embrulhava o estômago. Ah, tudo era bem mais fácil em Paris. A civilização era um universo à parte, outro mundo. Não tinha engenho, nem escravos, nem seu irmão batendo no seu sobrinho por conta de convenções sociais. Os homens e o tempo, sempre querendo os homens superar o tempo ao estabelecer regras para ele. Paris era só farras, tonturas de vinho, sonhos inebriantes, música eloquente, mulheres nuas rodopiando na sua taça de champanhe. Ah, Paris, pensava ele, como tinha Paris o condão de lhe fazer *Cassiano* em *Sonho de Uma Noite de Verão*<sup>18</sup> sem fim.

Impaciente, dispensa a sobremesa, e com passos largos, imitando o irmão caçula, vai até o terreiro da casa-grande e lá, aos gritos, ainda fazendo o papel do irmão, reúne todos os escravos que fora possível. Aos gritos, é claro, para mostrar uma autoridade que todos sabiam não possuir. E debaixo de gritos de convocação todos atenderam, inicialmente pensando que fosse mais um ataque de loucura de tio Cassiano, mas depois entendendo o desespero dele em encontrar o sobrinho. Sob o comando do primogênito, uma legião de escravos se formou e acompanhou o patrão (sem autoridade) seguido do mesmo capataz, que fazia bico de capitão-do-mato, e que obedecia as ordens do tio do menino naquela ocasião, já que o

---

18 *Sonho de uma Noite de Verão* é uma peça teatral de autoria de William Shakespeare que não se sabe ao certo quando teria sido escrita e apresentada ao público pela primeira vez, mas crê-se que terá sido entre 1594 e 1596.

verdadeiro senhor de engenho não intercedia nem para mandar tampouco para desmandar.

Homens de lampião ou candeeiro na mão, cachorros farejadores que cheiravam a roupa do menino a fim de localizá-lo, e tio Cassiano que era um desespero só fuzilando o capitão-do-mato com o olhar e as palavras.

– Quero meu sobrinho são e salvo! A ordem é essa. Só se volta para casa com João Pedro, o senhorzinho de engenho e de todos nós. Não interessa se amanhecer ou anoitecer novamente. Só se arreda pé dessas matas e dos canaviais com João Pedro vivo. Entenderam? - Todos aquiesceram com as cabeças ou com resmungos baixinhos subservientes. – Vamos dar uma batida na senzala, e não tentem escondê-lo. Meu sobrinho está ferido e precisa de cuidados. O melhor para ele é com a família. - Pensou melhor e refez a frase. – O melhor para ele é com o tio: eu! Alguém vá buscar o médico. - E foi aquela correria. Fizeram a varredura na senzala, mas nada de encontrar o menino branco. Tio Cassiano ainda olhou atravessado para o menino escravo que vivia correndo campinas com João Pedro. Chegou a interrogá-lo reservadamente, mas o menino, de cabeça baixa, respondeu que também não sabia de nada.

Tio Cassiano montou seu alazão malhado e quando viu o irmão no alpendre, bem vestido de linho branco, puxou as rédeas com tanta força que o cavalo levantou as patas dianteiras.

– E de você, meu irmão José Luiz, eu não quero ouvir um pio!

Saíram em disparada. Homens a cavalo. Escravos a pé. Todos de lamparina na mão batiam cada capoeira por aonde pudesse ter passado o menino. Os cachorros farejadores seguiam os homens. E de vez em quando tio Cassiano apeava do cavalo e metia uma camisa de João Pedro nas narinas dos cães. O desespero tinha vindo junto com a noite. O mato escondia feras terríveis: bichos e homens. Tio Cassiano sabia, pois havia nascido e se criado ali, e nem Paris tinha apagado seu senso de perigo. O menino estava sozinho. Apesar do frio da noite, tio Cassiano suava, mas seu suor era frio. Escutava com o ouvido colado ao chão imitando o rastreador dos engenhos. Pedia silêncio. E no silêncio dos homens, cachorros e noite, nada se mexia, nem um passo sequer.

– O vento parou, senhor Cassiano. - Disse o rastreador se levantando da terra fria e batendo as mãos para soltar o capim seco. – Dificulta os cachorros de farejar, sentir o cheiro do menino. Um índio tapuia, já domesticado no engenho, escuta o chão com a orelha colada no massapê.

– Onde diabos esse menino se meteu, meu bom Deus? - O rastreador se aproximou mais e, baixando a lamparina, falou mais baixo:

– Está bastante escuro, não se vê rastro nenhum. Aperte o negrinho. Eles não se desgrudam. Deve saber para aonde costumam ir.

– Ele disse que não sabe. - Respondeu tio Cassiano.  
– Deve ter uma ideia. Quer deixar comigo?  
– Não! O sobrinho é meu. - Tio Cassiano acendeu um cigarro de palha dado pelo rastreador e tragou apressando o passo em direção ao menino escravo que seguia os cachorros mais de perto. – Algum sinal de João Pedro? - Perguntou baixando a voz. O menino escravo era quase invisível no meio da escuridão da noite e do mundo dos brancos.

– Não. - Respondeu, quase tremendo, com sua voz pastosa e em metamorfose de timbre denunciando a passagem da meninice para a adolescência.

– Pois trate de se lembrar de algum lugar para aonde ele possa ter ido se abrigar da noite, do frio, do vento e dos bichos. Eu sei que vocês vivem correndo por aí e foi por isso que ele apanhou e fugiu. Seja rápido, pense! - Pela primeira vez na vida se via tio Cassiano distribuindo ordens como se fosse ele o senhor de engenho.

– O tapuia está chamando. - De fato, o índio seminu tinha pedido silêncio e estava deitado escutando o que dizia a terra. Tio Cassiano correu e ele pediu com a mão para que todos ficassem imóveis. Aquele índio era uma espécie nativa cada vez mais rara da sua tribo que ocupava as terras da região. Mas, objeto de disputa entre portugueses, holandeses e franceses, os tapuia fugiram para o interior do Estado para não serem escravizados pelos estrangeiros que disputavam o Brasil entre si, cada qual querendo dominar o outro. E todos dominando índios e negros. Os índios que não se aliançavam, também não aceitavam ser escravizados pelos brancos europeus, lutando até a morte. Mas havia alguns que aceitavam ser domesticados e recebiam um degrau a mais na hierarquia em relação aos negros. Aquele tapuia era um, tanto ajudava na casa-grande quanto nas caçadas e na lida no engenho. Tinha um faro e uma escuta invejáveis aos homens comuns, resultado de nascer e ser criado tendo o céu como teto e as estrelas como candeeiro. Enxergava no escuro e não tinha medo de nada, somente do homem branco.

– Homem! - Falou o índio com seu sotaque desarticulado.

– Homem? Onde? Quantos? - Tio Cassiano perguntou afobado.

– Ou onça! - Respondeu o índio. Todos empunharam revólveres e espingardas cartucheiras. – Quebradeira!

– Mas os cachorros não latiram, se fosse onça... - Respondeu tio Cassiano com o revólver em punho, pois do salto da onça em ataque só se escapava quem fosse muito rápido no gatilho.

– Casco de cavalo!

– Casco de cavalo? Quem tem cavalo por aqui? - Olhou para o rastreador

que nada respondeu, apenas olhou para o capitão-do-mato que nada disse também. - Além de nós?

- Para lá, cavalo vai para lá. - Apontou o índio e tio Cassiano deu sinal que todos seguissem em silêncio acompanhando o tapuia e parando a cada vez que ele precisasse escutar o chão. O menino escravo pega na beira da camisa de tio Cassiano e com a voz baixinha diz:

- Para lá é o caldeirão e a gruta.

- Vocês costumam ir para lá?

- Vez em quando.

- E por que não disse logo?

- Passei mais cedo lá e ele não estava.

- Vamos de novo. - Andou até emparelhar com o índio e falou: - Tapuia, esse barulho de casco de cavalo pode ser em pedregulhos, lá pelas bandas do caldeirão e da gruta? Cavalo não sobe lá. E é cavalo solto ou com homem em cima?

- Índio não adivinha, não, nhô. - Respondeu o tapuia.

- E louco não tem paciência. - Tio Cassiano nervoso mandou que os homens se dividissem em dois grupos; que uns seguissem o rastreador enquanto o outro grupo seguia o índio, estando neste ele mesmo e o menino escravo, amigo de João Pedro. O último grupo pegou uma vereda por aonde se passava uma pessoa por vez no meio da cana-de-açúcar ressoca que já estava ao ponto de abrir pendão. Tio Cassiano começou a gritar pelo nome do sobrinho e todos repetiram o chamado.

- Curumim pode querer se esconder, nhô. - Lembrou o índio tapuia para o primogênito senhor de engenho.

- Não quer não, tapuia, ele só está com medo. - Mas mesmo assim parou de chamar o menino e deu ordens para que todos seguissem em silêncio. Sentia-se, na sola das alpercatas de couro, que o solo de massapê começava a mudar, se tornando em pedregulhos, pelo barulho que fazia quando o canavial desaparecia em volta e começava o mato a aparecer.

- Ouviram? - Ninguém havia ouvido. - Relincho de cavalo do outro lado da serra. - Decretou o índio.

- Tapuia, podem ser nossos cavalos que ficaram lá embaixo.

- Índio vai começar a subir na frente.

- Eu vou na frente!

- É alto, pedras, não é velhinho não, nhô?

- Velho é a sua mãe! Vamos! - Respondeu o tio do menino, impaciente.

O terreno era bastante íngreme ao pé de uma serra coberta por pedras e pedregulhos que exigia bastante esforço físico para escalar o terreno. E como o índio era jovem e criado solto na natureza, julgava tio Cassiano, rapaz fidalgo e passado dos quarenta anos, já um velho. - Tapuia, cadê o cavalo? Ou seu ouvido não sabe diferenciar passos de homem com trote de cavalo?

– Senhorzinho é vexado. O apressado come cru. Cavalos estão do outro lado da serra.

– Oh, meu Deus, meu santo José de Alencar, dê-me paciência com tapuia. Vamos! - E passou na frente do índio enfrentando os primeiros obstáculos da serra sendo seguido pelo índio e pelo menino escravo. Os cavalos tinham ficado embaixo da serra amarrados e vigiados por um dos escravos. – O que está fazendo, tapuia? - Falou quando se virou pra trás e viu o índio parado cheirando uma pedra enorme.

– Tapuia cheira pedra.

– Isto eu vejo. É cheirosa?

– Cheiro de pedra.

– É claro, tapuia, só pode.

– O apressado come cru.

– Bote o “r” sempre, tapuia, bote o “r” pelo amor de Deus que você já está me dando nos nervos.

– Senhorzinho é aperreado. O apressado come cru. Cheiro de homem que passou e pegou na pedra. - Tio Cassiano refletiu por um segundo parado ali mesmo, no meio da escuridão da noite iluminada apenas com um lampião erguido pelo menino escravo.

– Meu sobrinho usa sabonete de aroeira. É esse cheiro, tapuia? - O índio demorou mais algum tempo cheirando as pedras seguintes e para tio Cassiano pareceu uma eternidade. - Responda, tapuia, pelo amor de Tupã.

– Esse não toma banho faz tempo, nhô.

– E para que peste estamos seguindo esta trilha? Se não tem nem cavalo nem cheiro de sabonete de aroeira? Responda, tapuia.

– Já disse a Nhô que o apressado come cru. Agora! - Exclamou o índio em júbilo. – Cheiro de aroeira de menino.

– Vamos tapuia, vamos pelo amor da Virgem Maria e do pajé donzelo.

– O apressado come cru, senhorzinho.

– Isto, tapuia, continue colocando o “r”. - Tio Cassiano voltava às suas origens escalando aquele serrote de pedras, sentindo o coração palpitar de aflição pelo sobrinho. Nem se lembrava mais da sua vida boa em Paris e das moças nuas dançando em viés na sua taça de champanhe borbulhante. Em viés e dupla era mesmo a sua visão etílica de mundo.

Entraram os três na caverna, o restante do grupo tinha se subdividido vasculhando os arredores. A primeira visão que a luz do lampião iluminou congelou o sangue nas veias de tio Cassiano.

O homem era mais alto que João Pedro e se mantinha atrás do menino com uma faca no pescoço dele. Tio Cassiano parou com a sensação de que o coração iria pular pela boca, tanto pelo esforço da subida quanto pelo susto ao se deparar com a cena.



– Só entrego o menino por dinheiro e ouro. E não são poucos réis.<sup>19</sup> - Anunciou o homem mascando uma peia de fumo de rolo na boca.

– Pago o que pedir. Mas solte o menino. - Respondeu o tio procurando conter a explosão que ameaçava dentro de si.

– Primeiro o dinheiro e o ouro.

– José Luiz, meu irmão, vai lhe caçar nas profundezas do inferno. É melhor negociar comigo, você sabe.

– Vá buscar sozinho e deixe o índio e o escravo aqui. Não diga a ninguém.

– Ora, ora, sabe quantos homens, escravos, capatazes e capitães-do-mato José Luiz tem? Ele vai lhe capturar. Você está sozinho. Solte meu sobrinho. - O menino escravo - que prendia a respiração -, era o único que mantinha a lamparina acesa, e com o braço esticado, levantado na altura da cabeça mantinha a luz sobre o capitão-do-mato e ex-escravo fugitivo do engenho. Assim o homem não poderia ver bem tio Cassiano, que se mantinha na sombra, com seu revólver apontado para a cabeça dele.

– Atire nele, titio. - Ouviu-se a voz do menino branquinho pela primeira vez e ele mesmo sentiu um filete de sangue descer do seu pescoço acompanhando a ponta da faca.

– Não, João Pedro. Ele vai lhe soltar. Solte o menino! - Ordenou tio Cassiano segurando a raiva e o desespero. E jogou nos pés do homem tudo o que tinha no bolso esquerdo da calça. As notas de réis imperiais se abriram saindo do molho ao cair no chão coberto pelo lajedo. – Mando deixar o resto onde você disser. Dou minha palavra de honra que não mando lhe perseguir se prometer desaparecer de todas as bandas por onde José Luiz tem terras. Mas solte o menino! Agora! - Começava a deixar de pedir e a ordenar ao outro.

– Abaixese e pegue o dinheiro. - O escravo fujão ordenava ao menino para se abaixar ao mesmo tempo que ele, já que com uma mão tinha o menino enlaçado, e com a outra mantinha a faca no pescoço dele. Os dois se abaixaram a um só tempo e se levantaram devagar. João Pedro com o maço de dinheiro nas mãos. – Duas barras de ouro e um bernal de réis. Deixe enterrado ao pé da pedra lascada. - E foi se afastando sem dar as costas para o trio. O menino escravo continuava iluminando a cabeça do sequestrador que num reflexo de olhos tira o braço de João Pedro e com a mão esquerda saca o revólver da cintura e atira em tio Cassiano que também disparava ao mesmo tempo. João Pedro também teve o reflexo de se abaixar, mesmo sentindo o sangue aumentar em seu pescoço. Caíram o sequestrador e tio Cassiano ao mesmo tempo, ambos feridos. Como um gato o tapuia saltou em cima do escravo fujão segurando seus punhos, mas logo sentiu que o outro não tinha movimento algum.

---

19 A moeda usada naqueles tempos era Real Império (1833-1888), conhecida como **réis**.

– Bandido morto. Cabeça rachada. - João Pedro se levanta desesperado e corre ao tio caído com o braço ferido.

– Estou bem, meu sobrinho, foi só o braço. Você está bem?

– Sim, titio. - Procurava acalmar o tio que perdia sangue no braço direito que segurava o revólver que tinha caído longe. – É só um arranhão da faca no pescoço, não é grave.

– Ele está morto? - João Pedro segurava a cabeça do tio na pedra fria da gruta. O índio se aproxima de tio Cassiano e improvisa umas tiras de embira para amarrar o braço dele e estancar o sangue. Diante do silêncio de todos, tio Cassiano, que nunca tinha matado uma mosca, começou a sentir na boca um gosto amargo e vontade de vomitar. O menino escravo iluminava o local sem dizer uma palavra sequer, mas sem tirar os olhos de João Pedro pelo alívio de ver o amigo são e salvo.

– Pode andar, titio? - O tio se mexeu, mas a tontura permaneceu e não conseguiu se levantar. João Pedro, numa determinação jamais vista, gritou para o índio. – Tapuia, vamos fazer um banguê de varas e embiras para carregar titio e descer a serra, ele não pode perder mais sangue. - E assim fizeram os três de faca em punho e colocaram o tio no banguê. – De agora por diante será um segredo entre nós quatro. Ninguém fala nada até a morte do terceiro. Aqui nada aconteceu para se contar. O assassino fugiu, entenderam? Amanhã tapuia volta aqui e enterra o sujeito em cova funda.

– Terra muito dura para cavar cova funda, senhorzinho. - Reclamou o índio.

– Então enterra em pé. - Respondeu João Pedro.

– Em pé não. Nunca! - Protestou o índio. – Em pé só se enterra índio para ressuscitar quando Tupã chamar.

– Então enterre o bandido de cabeça para baixo para nunca mais ressuscitar.

– Já sei! - O índio arrastou o homem pelas pernas e saiu da caverna escaldando até uma pedra, com a força acostumada a pegar boi pelas pontas, e de lá de cima, os que estavam dentro da caverna só ouviram o barulho do corpo rolando pedra abaixo. O índio voltou se coçando. – Tem urtiga demais, amaldiçoado. - Abaixou-se e pegou o maço de dinheiro no chão de pedras. – Índio precisa de dinheiro. - Soltou um riso despreocupado - enquanto guardava o maço de notas no bisaco a tiracolo -, e em seguida pegou num lado do banguê, ajudando os outros dois a descer a serra carregando o peso de tio Cassiano que parecia ter desmaiado. No meio do caminho encontraram os demais homens que já subiam atraídos pelo barulho dos tiros. João Pedro dava as ordens aos escravos e capangas do seu pai. Todos obedeciam sentindo que o controle corria o risco de mudar de mãos. Conduziram o tio no lombo de um cavalo até o engenho, e somente antes da barra quebrar anunciando o dia, foi que João Pedro teve coragem de olhar nos olhos do menino escravo. Tudo isso por quê? E para quê?

O médico, que já estava a postos, tratou de cuidar de tio Cassiano. O pai de longe crucificava os dois meninos, o branco e o negro. Ao perceber, João Pedro falou baixo, entredentes, para o menino escravo.

– Fuja! Esconda-se no mato e só volte quando o ódio dele suturar. - Sim, o ódio é uma ferida que precisa ser curada.

O menino escravo fugiu e passou semanas escondido nos matos. Quando reapareceu tinha marcas de chicote nas costas. Tio Cassiano, ao mesmo tempo, foi cuidado do ferimento no braço, mas nunca da dor de ter tirado a vida de um ser humano, o que era terminantemente contra. Entretanto, tinha sido obrigado a matar para não morrer. Passou semanas numa prostração de dá pena, com o olhar parado nas telhas do seu quarto não tinha ânimo para nada. Mal comia e mal bebia, e dormia noite e dia sem forças para se levantar da cama. O diagnóstico do médico era sempre o mesmo: doença da cabeça não tem jeito. Mas daquela vez o louco estava tão manso que todos estranhavam.

O sobrinho, como sempre, prestava toda a atenção e ajuda ao tio querido, e depois de semanas sem reconhecer naquele homem abatido a alegria de viver dele, teve o primeiro sinal do tio ao pedir uma cachacinha da boa.

– Titio, minha irmãzinha é bem galeguinha, o senhor precisa ver. - Era costume do menino trazer as novidades para o quarto do doente, assim ele ficava atualizado.

– Sim, sim, seu bisavô era um galego, da parte dos holandeses. - Respondeu tio Cassiano abatido e com ares de cem anos. - Refletiu virando os olhos para as telhas e baixou o olhar para o menino. – Eu não entendo, branquinho. Se ele tinha aceitado o ouro e os réis por que atirou em mim?

– Prometemos não tocar mais nunca nesse assunto, titio.

– Mas não faz sentido e eu matei um homem.

– Esqueça disso.

– Aquele homem também era uma vítima social desse furor dos homens em escravizar os outros homens. Era escravo do engenho e fugiu para ter liberdade no crime. A escolha não foi a melhor. E logo comigo?

– O senhor não teve escolha, titio. Ele iria lhe matar e a mim também. Faria qualquer coisa para sair vivo. - Baixou a cabeça envergonhado. – Ele tinha ameaçado me bolinar. Ouviu coisas. Disse que gostava de meninos. - Uma lágrima caiu do olho direito de João Pedro que fingiu coçá-lo.

– Eu não aprecio, mas sou um homem moderno, capaz de compreender as situações. E para lhe provar que meu discurso não é meramente sofista, certa vez em Paris, com a cabeça cheia de champanhe e fumando ópio que o cão inventou, é certo que acordei com uma galega de peitos e pênis. - O menino branquinho arregalou os olhos para o tio que gargalhava bebericando sua cachacinha. – Não me pergunte o que houve porque também não me lembro. Devo ter matado minha

curiosidade, pois nunca mais inventei essa safadeza. Digo safadeza porque não envolvia sentimento. - Suspirou demoradamente e engoliu outra bicada de cachaça. - Até eu, meu sobrinho, eu que andei enrabichado, para lá e para cá, segurando a sombrinha de Chiquinha Gonzaga na Corte.<sup>20</sup> Imagine! O mundo tem muitos mistérios e não queira desvendar todos. Vá viver sua vida, mas com muito cuidado para não se ferir nem ferir os seus. A família que a gente tem pode não ser a ideal, mas foi a única que a vida nos deu. Mas você pode formar a sua. Eu sou quase um velho e seu pai não é eterno. É você quem vai comandar esse mundão de terras, engenhos, fazendas e escravos se não vier logo a abolição.

- Como posso comandar alguma coisa sendo do jeito que sou? Quem vai me respeitar? E por que sou assim, titio?

- Vamos ler Freud juntos, talvez encontremos a resposta que você procura. Mas não se preocupe muito, pode ser provisório. E depois qual dos homens pode se dizer intocável? Se até eu, mulhengo incorrigível, já provei do fruto proibido! A diferença, meu sobrinho, é que não se fala. É um código mudo masculino. Um dia você vai encontrar uma moça bonita, casar com ela e ter filhos. Vai esquecer essas inquietações de menino descobrindo a sexualidade.

- E se não passar? Talvez seja melhor eu ir para Paris e nunca mais voltar. Esconder a vergonha do meu pai e da nossa família.

- Paris não tem nada para lhe dá, não, João Pedro. Em terras estrangeiras seremos sempre estrangeiros. Vou falar com seu pai para apressar sua preparação para o exame da Faculdade de Direito do Recife e o futuro a Deus pertence.

O pai do menino branco, senhor de engenho, certo é que, achando que Recife ainda era muito perto, quis enviá-lo para Paris. Mas no fundo sentiu medo que lá ele se encantasse com o *savoir faire* dos franceses e enlouquecesse como o tio. Ou que passasse a odiar, ainda mais, o regime da escravidão; o negócio era casar o menino na primeira oportunidade com a filha de outro senhor de engenho, porque as águas só correm para o mar. O pai colocava todas as esperanças no filho para continuar os negócios das terras de engenho, bem como, eternizar sua espécie lhe dando um neto homem, porque homem tem que gerar homem. E sua mulher, depois de mais de uma década, tinha lhe dado o desprazer de uma filha, mulher. Depois de pensar e ponderar os conselhos de tio Cassiano, ele aceitou. Que jeito?

E assim foi feito. As aulas foram intensificadas. Os exames foram feitos e João Pedro foi bem sucedido.

---

20 Francisca Edwiges Neves Gonzaga, mais conhecida como **Chiquinha Gonzaga** (Rio de Janeiro, 17-10-1847 - Rio de Janeiro, 28-02-1935) foi uma compositora, instrumentista e maestrina brasileira. A primeira pianista chorona (musicista de choro), autora da primeira marcha carnavalesca com letra ("Ó Abre Alas", 1899) e também a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil.

## IV. O trem para o Recife dos Holandeses

No trem<sup>21</sup> o rapaz branco mirava a paisagem passar ligeira sob seus olhos. O canavial corria querendo acompanhar o trem, enquanto seu coração parado ainda na estação queria voar do trem. A Maria-fumaça apitava soltando fumaça pelas ventas fazendo o rapaz sonhador ter vontade de pular pela janela. Ainda estavam nas suas lembranças, no seu corpo, na sua carne aquelas mãos fortes, calejadas, é verdade, o que nada diminuía a maciez e a pressão em seu quadril; o que nada desmerecia ao afago no rosto; sua boca branca naquela boca negra formando um mosaico vivo de movimentos e prazer. Nada, nada poderia ser igual aquilo. Suspirou devagar com medo que o pai adivinhasse seus pensamentos e desejos impuros. Como movido pelo costume de tudo controlar, a voz do pai soou como os trilhos do trem.

– Pensando nas negrinhas? Vai sentir saudades? - Riu pelo canto da boca segurando o charuto. O rapaz tremeu. Será que até os pensamentos ele controlava? Era senhor de tudo mesmo? Ele riu de volta para o pai, mesmo que um riso amarelo, e virou a cabeça para o outro lado da ferrovia na esperança de ver outras cores senão o verde da cana-de-açúcar. Se fosse responder responderia que não, que não era nas negrinhas que ele perdia seu pensamento. Mas a resposta seria seu fim. – Por que não pegou a mala que o seu tio lhe trouxe de Paris? É tão bonita. - Voltava a voz do pai cortando o silêncio do rapaz.

– Não precisava, meu pai. Não trouxe muita coisa não. - Ele mesmo olhava para as duas malas de couro grosso, muito simples, por sinal, para o filho de um senhor de engenho. O menino, perdido nas paisagens e nos pensamentos, ainda tinha a visão da irmãzinha nos braços da mãe. A mãe com a filhinha nos braços, as duas vestidas de roupas brancas ricamente bordadas de renascença, tornavam tudo branco ao redor. Era um branco tão branco capaz de iluminar de algodão o verde do canavial.

De repente o trem perdeu a velocidade e sua atenção é despertada pelo pulo do pai do banco se colocando em pé já com o revólver<sup>22</sup> em punho. – O que houve? Por que o trem está parando? - Gritou o homenzarrão já com o dedo no gatilho.

– Sossegue, meu pai. Deve ser algum boi na linha.

– Ou assalto. - Completou o senhor de engenho que perscrutava com seus olhos de lince, apertados, todos os ângulos do trem sem se aquietar. E o jovem

---

21 O primeiro trecho de 31,5 km de **ferrovia** chegou a Pernambuco em 1858 ligando o Recife à cidade do Cabo de Santo Agostinho.

22 Samuel Colt em 1836, inventou o **revólver**, embora o conceito existia há séculos antes da invenção de Colt.

desejava que o trem quebrasse e que não se tivesse como prosseguir viagem a não ser voltando para o engenho, seu lugar. Mas logo o trem recomeça sua marcha rápida - para a época -, e tanto o senhor quanto os demais passageiros voltaram a se sentar. O que em nada desafogou a tristeza e a solidão do rapaz branco que, sequer, se mexera durante o tempo do ocorrido.

O canavial continuou passando cortado pelo trem, seus pendões em flor ao sabor do vento que voavam querendo ver o mar. Na vizinhança passava cana, rio, mangues, casas-grandes, mocambos, moleques e o apito ensurdecido avisando da aproximação do destino certo - incerto ao querer do rapaz branco. É claro que se Ascenso Ferreira<sup>23</sup> já fosse vivo teria escrito o poema, como de fato, no futuro escreveu: “Trem de Alagoas”

Vou danado pra Catende,  
Vou danado pra Catende,  
Vou danado pra Catende com vontade de chegar...  
Mergulham mocambos  
nos mangues molhados,  
moleques mulatos,  
vem vê-lo passar.

– Adeus!

– Adeus!

Mangueiras, coqueiros,  
cajueiros em flor,  
cajueiros com frutos  
já bons de chupar...

Na estação no Recife<sup>24</sup> era um entra e sai sem fim, um passa e passa incontroleável de gente se encontrando e se despedindo, um mundo de negros escravos carregando as malas dos seus amos, umas dúzias de mães chorando ao se despedir dos filhos que ficavam e elas voltavam para seus engenhos e fazendas, levando pacotes e mais pacotes debaixo dos braços.

O casarão no bairro da Boa Vista, em Recife, só não era maior do que a casa-grande do engenho, mas facilmente poderia um visitante desavisado se perder nele. Era um sobrado antigo que ocupava todo o quarteirão da rua, impondo sua presença majestosa num desenho de dois andares com jardim, cômodos a não se

---

23 **Ascenso Ferreira**, poeta pernambucano (Palmares, 09-05-1895 – Recife, 05-05-1965). Do livro: “Poemas de Ascenso Ferreira”, Nordestal Editora, 1995, PE.

24 **A Estação Central de trens**, em estilo arquitetônico neoclássico, teve início sua construção em 1885 pela empresa inglesa Great Western em 1885.

contar, quintal com pomar e horta verde, além das estalagens para escravos e animais.

– Papai, esta casa é muito grande, vai precisar de mais empregados. - Falou o rapaz branco enquanto olhava o negro velho escravo - já com dificuldade para andar -, pegar suas malas.

– Empregados? E para que têm os escravos?

– Já estão velhos demais. - E aí tentava ensaiar uma forma desleixada e insuspeita de fazer suas colocações sem despertar a ira do pai. – Tem a feira para fazer, a água para buscar no chafariz, além do mais esta casa parece não ter fim de tão grande.

– Os escravos dão conta de tudo e você é um só. Não vai aumentar tanto o trabalho com a sua presença. A gente só vem de vez em quando lhe visitar, então assim está bom.

– Papai... - Parava ele nesse ponto olhando umas negrinhas lavadeiras passarem com uma trouxa de roupa na cabeça, cada qual com a sua, em direção ao rio Capibaribe. Passou os dedos na cicatriz no rosto. – Não seria melhor o senhor liberar aquele negro... filho daquela negra escrava que mamãe vendeu... para quem mesmo? - O pai tossiu e cuspiu no chão perto da própria bota de couro de boi, em seguida espalhou terra em cima da saliva amarelada pelo fumo do charuto que já era uma extensão dele mesmo. Pigarreou. Tinha entendido e estava translúcido de ódio, sim, mas tinha que disfarçar porque achava que na vida, assim como na política, às vezes é mais fácil vencer o adversário não o enfrentando deliberadamente, pois essa forma já é o próprio enfrentamento. Costumava dizer que se come papa pelas beiras. Se aquele negócio continuasse era capaz de mandar matar aquele negrinho insolente que se julgava melhor do que os demais só porque era um tom a menos na cor da pele. Mas era negro! Negro era negro! Negro de cabelo pixaim. E negro era escravo. E escravo tem que saber qual é o seu lugar. Nunca o branco, senhor de engenho, vai se misturar com negro.

– Não tem necessidade ne-nhu-ma. - Cortou o assunto soletrando com aspereza a última palavra, e apesar de ser sua característica a rudeza, estava mais assustadora do que a de sempre, como se perguntasse como ousava o filho tocar naquele assunto depois do ocorrido, muito menos fazer um pedido daquele?

Entraram na casa e os dias correram como se o rapaz branco tivesse perdido a própria pátria. Era um estrangeiro ali havendo sido arrastado da sua própria casa, do seu meio, da sua gente.

Recife é a capital mais antiga dos estados brasileiros, pois o Brasil foi descoberto bem pertinho daqui, no Cabo de Santo Agostinho, pelo navegador espanhol Vicente Yáñez Pinzón em 26 de janeiro de 1500. E o português Pedro Álvares Cabral? Ah, essa é outra história, aliás, a que permaneceu. A capital de Pernambuco, terra antes habitada pelos índios tapuias e depois tupis, foi fundada

em 12 de março de 1537 pelo português Duarte Coelho Pereira (1480-1554), que havia iniciado a povoação de Pernambuco em 1536 – um ano após receber a doação da Capitania de Pernambuco do rei Dom João III, de Portugal –, e referiu-se à cidade como “Ribeira de Mar dos Arrecifes dos Navios”. O Recife, com seu nome masculino, antes vila pertencente à Olinda, foi elevado à categoria de cidade pela Carta Imperial de 5 de dezembro de 1823 e, por Resolução do Conselho Geral da Província, passou a capital de Pernambuco em 15 de fevereiro de 1827. A cidade enfrentou um período de ocupação holandesa (1630-1645) cuja herança ainda hoje se faz presente. Sob o comando da Companhia das Índias Ocidentais, representada pelo conde holandês Mauricio de Nassau (1604-1679), tornou-se a capital do Brasil holandês. Amante das artes, Nassau tinha na sua equipe grandes artistas, como Franz Post (1612-1680) e Albert Eckhout (1610-1666), pioneiros na documentação visual da paisagem brasileira e do cotidiano dos seus habitantes. Dentre as várias alcunhas atribuídas à cidade, tais como “Capital dos Naufrágios” e até uma pós-moderna “Manguetown”<sup>25</sup> à la Chico Science<sup>26</sup>, a de “Veneza Brasileira” é a mais conhecida por conta da passagem do romancista franco-argelino Albert Camus em 1949 que descreveu em seu livro *Diário de Viagem*, como a “Florença dos Trópicos”.

A capital era um universo solto e preso entre os rios e o mar, na cabeça de João Pedro que vinha do engenho. O verde do canavial era trocado pelo verde do mar. O branco do pendão da cana era refletido nas suas retinas nas ondas quebradas na areia da praia. As pontes, as veredas do canavial.

O pai não sossegou enquanto não acompanhou o filho até a Faculdade de Direito no primeiro dia de aula e o recomendou ao diretor e aos professores que pôde. Era seu filho, e precisava ser bem tratado, bem cuidado, pois era seu filho! O rapaz, inibido, na aula inaugural chegou a se sentir envergonhado pelo grau de autoridade que o pai tinha e fazia questão de usá-la sem dó nem piedade. Estava acostumado a mandar e desmandar nos escravos e em todos no engenho, e se comportava na capital da mesma forma e ele - ele -, era cria daquele senhor de engenho que mandava em tudo e em todos. Era o senhor da capitania hereditá-

---

25 **Canção do grupo Nação Zumbi** (Tô enfiado na lama/É um bairro sujo/Onde os urubus têm casas/E eu não tenho asas/Mas estou aqui em minha casa/Onde os urubus têm asas/Vou pintando, segurando a parede/No mangue do meu quintal Manguetown/Andando por entre os becos/Andando em coletivos/Ninguém foge ao cheiro sujo/Da lama da manguetown/Andando por entre os becos/andando em coletivos/Ninguém foge à vida suja/Dos dias de manguetown).

26 Francisco de Assis França, artisticamente conhecido como **Chico Science** (13-03-1966, Olinda - 02-02-1997, Recife), foi um cantor e compositor brasileiro, um dos principais colaboradores do movimento mangubeat em meados da década de 1990. Líder da banda Chico Science & Nação Zumbi, deixou dois discos gravados: *Da Lama ao Caos* e *Afrociberdelia*. Faleceu jovem, num acidente de carro, no auge do sucesso, no período das prévias carnavalescas e no dia de Iemanjá.



ria<sup>27</sup>, portanto, mandava até nos mandantes do Estado. Sua família era pioneira na região - porque os índios e os negros não eram gente para ele -, e nada iria mudar a tradição, nem o futuro, nem o tempo. Aquele homem era seu pai. Um déspota! Ainda ensaiou dizer:

- Papai, eu não quero ficar. - Mas, parecendo ler seus pensamentos, o pai falou em voz alta- o que lhe era de costume -, para que todos pudessem ouvir e concordar, enquanto olhava fotografias nas paredes do salão onde ocorriam as boas-vindas aos novos alunos:

- Não foi por aqui que passou aquele poetinha metido a libertador de escravo, Castro Alves?<sup>28</sup> Não era o que morria de amor pela atriz? - Era tão óbvio, e todos ali deviam saber, que o rapaz branco fez de conta que não ouviu a voz trovejante do pai, e foi salvo por um fazendeiro que chegou puxando o filho pelo colarinho e que reconheceu o senhor de engenho como sendo um amigo de longa data. O menino branco aproveitou e escorregou por entre os vários convivas acadêmicos e suas famílias, autoridades convidadas, senhoras e senhoritas andando com dificuldade no meio das suas saias longas e armadas em tule fazendo barulhinhos característicos do sexo feminino, e chegou até o pátio da Faculdade onde um grupo de uns cinco rapazes pareciam encenar um número teatral. Apertou os olhos sob o sol derretedor de Recife e se aproximou mais procurando uma sombra debaixo de um pé de flamboiã ou flamboyant, em francês, já que seu tio dizia para praticar o idioma. Procurou se abrigar do sol escaldante debaixo daquela árvore que pendia dos seus galhos aqueles cachos de flores grandes e vermelhas anunciando que era verão no litoral. Os rapazes falavam em República e em abolição da escravatura e estavam tão empolgados, cada um com seu papel, que sequer perceberam a presença dele. Um jovem declamava:

“Lá na úmida senzala,  
Sentado na estreita sala,  
Junto ao braseiro, no chão,  
Entoa o escravo o seu canto,  
E ao cantar correm-lhe em pranto  
Saudades do seu torrão ...”<sup>29</sup> e um segundo jovem respondia:

---

27 **As capitânicas do Brasil** foram uma forma de administração territorial da América portuguesa, parte do Império Português, pela qual a Coroa, com recursos limitados, delegou a tarefa de colonização e exploração aos donatários, quais sejam, os ganhadores das terras. As capitânicas hereditárias no litoral brasileiro, doadas por Dom João III entre 1534 e 1536, foram 14 e os donatários 12.

28 Antônio Frederico de **Castro Alves** (Fazenda Cabaceiras, Freguesia de Curralinho, Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, BA, 14-03-1847 - Salvador, BA, 06-07-1871), foi um **poeta brasileiro**. Escreveu clássicos como *Espumas Flutuantes* e *Hinos do Equador* que o alçaram à posição de maior entre seus contemporâneos, bem como poemas como *Os Escravos*, *A Cachoeira de Paulo Afonso* e *Gonzaga* que lhe valeram epítetos como “*poeta dos escravos*” e “*poeta republicano*” por Machado de Assis.

29 **A Canção do Africano**, poema de Castro Alves.

“Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?  
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes  
Embuçado nos céus?  
Há dois mil anos te mandei meu grito,  
Que embalde desde então corre o infinito...  
Onde estás, Senhor Deus?”<sup>30</sup> E o terceiro jovem incha o peito e grita como se estivesse no teatro:

“Era um sonho dantesco... o tombadilho  
Que das luzernas avermelha o brilho.  
Em sangue a se banhar.  
Tinir de ferros... estalar de açoite...  
Legiões de homens negros como a noite,  
Horrendos a dançar...  
Negras mulheres, suspendendo as tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Regam o sangue das mães:  
Outras moças, mas nuas e espantadas,  
No turbilhão de espectros arrastadas,  
Em ânsia e mágoa vãs!”<sup>31</sup>

De repente outro rapaz chega correndo e grita ao grupo com as mãos em concha:

– O senhor Joaquim Nabuco<sup>32</sup> está chegando. - O grupo se apressa e se dissolve correndo para dentro do prédio. O menino branco ficou ali ainda por alguns breves instantes apreciando aquele lindo prédio no meio da capital, no qual abrigava a faculdade de Direito<sup>33</sup>, reduto de juristas, intelectuais, dos homens

---

30 **Vozes d'África**, poema de Castro Alves.

31 **O Navio Negroiro**, poema de Castro Alves.

32 **Joaquim** Aurélio Barreto **Nabuco** de Araújo (Recife, 19-08-1849 – Washington, EUA, 17-01-1910) foi um político, diplomata do Império do Brasil (1822-1889), historiador, orador, escritor, poeta, memorialista, abolicionista, jornalista e advogado brasileiro formado pela Faculdade de Direito do Recife. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

33 A instituição, da **Faculdade de Direito**, foi fundada pelo Imperador Dom Pedro I do Brasil, através da Carta Imperial de 11-08-1827, a qual criou dois “*Cursos de Sciencias Jurídicas e Sociaes*” no país recém-independente: um instalado no Convento de São Francisco, em São Paulo (atual Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo) e outro no Mosteiro de São Bento, em Olinda (antiga Faculdade de Direito de Olinda e atual Universidade de Pernambuco). Em 1852, o Curso foi transferido para o palácio dos antigos governadores, prédio reformado situado no alto da Ladeira do Varadouro, em Olinda (atual prédio da Prefeitura), que ficou conhecido pelo nome de *Academia*. Em 1854, a *Academia* transferiu-se para a Rua do Hospício, no Recife, ocupando um velho casarão pouco adequado para as suas funções e por isso apelidado de *Pardieiro* pelos próprios estudantes. Em 1912, mudou-se para o prédio onde fun-

pensantes, dos poetas, escritores, dos abastados e, enfim, dos homens importantes da sociedade de todo o Nordeste e até do resto do Brasil. Por ali haviam passado algumas personalidades como Teixeira de Freitas, Tobias Barreto, Franklin Távora, Barão do Rio Branco, Castro Alves, Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa. E João Pedro voltou a entrar na faculdade onde Joaquim Nabuco começava no auditório um discurso inflamado contra o regime escravagista, deixando descontente e desconfortável a maioria da sociedade de senhores de engenho.

---

ciona até hoje, na Praça Dr. Adolfo Cirne, no bairro da Boa Vista, Recife, depois de concluídas as obras do Governo da República.

## V. O encontro de Branquinho com o estudante poeta e abolicionista

AQUELE RAPAZ MAGRINHO, DE PELE PARDA, NÃO ERA NEGRO, tampouco branco - usando um paletó surrado um número ou dois a mais que seu corpo, de cor escura, mas desbotada - chamava a atenção por não estar inserido naquele contexto de ricos, e novos ricos, frequentadores da Faculdade de Direito do Recife varonil. À primeira vista, alguns pensavam se tratar de um leva-recados de algum fazendeiro, senhor de engenho ou de algum político da vez. Mas não era nada disso, era um estudante de Direito, poeta, também abolicionista. Mais do que isso, era um idealista. O menino branquinho o havia visto na aula inaugural, no meio daqueles outros, como se se tratasse de uma representação teatral no pátio da faculdade, até que gritaram que o senhor Nabuco iria iniciar o discurso, e então todos correram e se posicionaram no saguão a beber as palavras do abolicionista, pretendendo-se digeri-las em liberdade.

Agora ele observava o rapazinho franzino e a influência que exercia sobre os outros. E no meio daquele grupo havia uma mocinha branca e bonita, pele de leite de cabra, cabelos escuros longos e cacheados por alguma ama, vestido de pala de renascença clara e sombrinha rendada francesa. Ela também se destacava por andar no meio daqueles rapazes. Nenhuma outra, somente ela. Não era um comportamento compatível com sinhazinha de família que se preza. Sua presença na faculdade de Direito não era nada comum, só poderia ser filha de alguém muito rico e influente para estar ali. O pai, de certo, também seria algum extravagante e moderno para permitir e forçar a presença da filha no meio daquela sociedade machista.

Ele observou, também, que o rapaz, de paletó escuro desbotado, conseguia magnetizar o grupo de jovens com suas palavras de ordem e dialética, porém, era magnetizado pela mocinha que falava baixo. Mas quando ela falava, todos baixavam o tom a fim de melhor ouvi-la. Presumia-se que ela fosse rica, pois se via a carruagem que vinha buscá-la no fim das aulas. Mas o rapazinho franzino, o líder do grupo, nem por disfarce poderia ser rico.

Ele, o branquinho como era chamado por seu tio, seguiu o estudante-poeta a pé ao término das aulas. Pretendia não ser visto, de modo que puxava o chapéu mais para cima dos olhos, e tirou o paletó branco, mostrando a camisa também de linho e afrouxando um pouco a gravata, debaixo daquele sol escaldante do Recife tropical. Era a roupa do típico senhorzinho de engenho que tanto seu pai fazia questão que o filho - futuro doutor advogado -, exibisse em terras litorâneas banhadas pelo resplandecente oceano Atlântico ora azul, ora verde. Suava naquela

tarde abafada que parecia não perceber os apelos de chuva dos rios Capibaribe e Beberibe - tampouco do mar -, que faziam vizinhança presentemente, mas a tarde não deixava o vento soprar. Era fácil que chovesse logo mais, à noite. Naquela cidade a chuva gostava de molhar tudo quando o sol cedia a vez à lua para iluminá-la.

Com o dedo indicador, o menino branquinho levantou - somente um pouquinho -, a aba do chapéu de massa, para não perder o estudante de vista que, da Rua do Hospício margeou o Parque Treze de Maio, parou alguns segundos para observar os passarinhos cantarem nas árvores enfolhadas, seguindo pela Rua Princesa Isabel. E em vez de dobrar, à esquerda, na Rua da União, ele preferiu seguir em frente em linha reta em direção ao rio Capibaribe, e somente ali dobrou à esquerda, já se embrenhando no meio do povo naquela esquina da Rua da Aurora, que dava de cara com a Rua do Sol, do outro lado do rio Capibaribe. Entrou numa pensão barata para estudantes pobres na Travessa Corrêa Neto, ali, bem pertinho da Assembleia Legislativa.<sup>34</sup> Aí o branquinho ficou um pouco afofado, pois quando ia atravessando a travessa para ver o destino final do colega de faculdade, um conhecido do seu pai - senhor de engenho também -, o reconheceu e o parou para conversar sobre cana, açúcar, cabeças de boi e ações na bolsa de valores e notícias nos jornais... e escravos e meninos e ... o suor pingava na testa do menino, de tanta agitação. Já tinha perdido de vista o colega, que se enfiara naquela pensão barata de três andares. Educadamente tentava despachar aquele senhor gordo, que derretia debaixo do sol inclemente, mas que parecia nem sentir as marcas de suor que desenhavam seu paletó de linho branco embaixo das axilas, tampouco a inconveniência de continuar detendo o outro com seus assuntos desinteressantes ao estudante.

Quando já quase tinha perdido as esperanças na sua perseguição, viu uma janela de cor verde desbotado se abrir, e o colega da faculdade estender uma roupa numa corda no terceiro andar. Os pingos de água e resto de sabão evaporavam antes de bater no chão. Pediu licença ao homem branco e gordo e atravessou a rua de terra. Bateu na porta surrada, desbotada e descascada. Bateu por bater, por uma questão de educação, mas sentiu medo que a porta desabasse com o leve toque

---

34 Em 12 de agosto de 1834 - Doze anos após a Proclamação da Independência do Brasil (1822), são criadas as **Assembleias Legislativas Provinciais** para substituir os Conselhos Gerais das Províncias. Isso é possível a partir do Ato Adicional, uma emenda à Constituição de 1824. Em 1º de abril de 1835 - É instalada a **Assembleia Legislativa da Província de Pernambuco**, no Forte do Matos, localizado no Bairro do Recife. O então presidente da Província, Manuel de Carvalho Paes de Andrade, coordena a solenidade e diz que a data representa “uma nova época, formada pela segura garantia dos progressos, das luzes e do incremento da prosperidade pública”. Em 1870 - José Tibúrcio Pereira Magalhães, major do Corpo de Engenheiros e bacharel em Ciências Físicas e Matemática, faz o projeto e dá início à construção da nova sede da Assembleia Legislativa, na Rua da Aurora. Em 1875 - Sob o comando do então presidente da Província, Henrique Pereira de Lucena, é inaugurada, em 1º de março, a nova sede do Poder Legislativo pernambucano, na Rua da Aurora. A solenidade, porém, não aconteceu com o prédio concluído. A obra só foi entregue definitivamente no dia 20 de janeiro de 1876.

dos seus dedos fechados em punho. Não demorou – nem poderia-, ser aberta, porém, apenas alguns centímetros capazes de revelar a metade da cara parda do rapaz magrinho.

– O que deseja?

– Estive na biblioteca a fim de tomar emprestado um dos livros do Sr. Nabuco, mas vi na ficha que todos os poucos exemplares estão emprestados, a maioria ao senhor. - Respondeu o rapaz branquinho, senhorzinho de engenho.

– Então se faz necessário esperar a devolução, senhorzinho de engenho, e pelo que eu me lembre estou dentro do prazo.

– Mil perdões. - O rapaz branquinho tirou o chapéu e limpou uma gota de suor que ainda teimava em chegar até o colarinho da camisa branca de linho, resultado do vapor abafado que vinha de dentro daquele quartinho sem circulação. – Eu não quis dizer isso, eu não soube me expressar. É que eu vim lhe pedir emprestado um livro raro, se o senhor puder me fazer essa gentileza, eu agradeço. Tenho um trabalho pra fazer e pensei que...

– E pensou que, por ser filho de senhor de engenho, teria mais direito do que eu? – O rapaz pardo interrompeu a frase do rapaz branco.

– Não, nunca... - Era visível o constrangimento do menino branquinho que se arrependia de tê-lo seguido para tentar uma aproximação e ser aceito naquele grupo seletivo do qual o outro era o líder. Recolocou o chapéu na cabeça, ao mesmo tempo em que balançava a mesma, e cabisbaixo sorria o seu mais amarelo sorriso. Deu meia-volta. – Perdão. Bom dia para o senhor.

Quando se dirigia ao primeiro degrau da escada de madeira, que chiava com os passos dos passantes, ouviu a voz do outro.

– Volte outra hora. É que estou com a roupa secando na corda, não sei se percebeu. Estou somente de ceroula. - Sim, João Pedro tinha percebido a roupa estendida na corda fora da janela, sem sequer quicar pingava seus pingos encardidos, a mesma roupa que o rapaz pardo usava na faculdade, dia após dia. Mas não tinha visto que o outro, por trás da porta, encontrava-se de ceroula. Ele tirou, novamente, o chapéu da cabeça e voltou com ele girando entre os dedos das duas mãos.

– Se me permite eu aguardo o senhor se vestir.

– Eu não sei se o senhor reparou, mas eu não tenho outra roupa. - A resposta do outro vinha revestida, e calçada, de uma voz tão firme que ninguém ousaria sentir pena dele, simplesmente porque ele não permitiria a compaixão alheia, tampouco a humilhação. O olhar que acompanhava a resposta se dirigia à janela e à corda com a roupa pendurada escorrendo pingo por pingo o tempo do seu dono, debaixo do sol escaldante recifense.

– Não tem problema. Não somos homens? - O menino branquinho tentou responder o mais naturalmente possível, o que só não se tornava mais difícil por-

que conviviam com os escravos. E eles não tinham roupas, vestiam trapos, andavam seminus exibindo suas cicatrizes externas, já que as interiores eram tão profundas quanto à cegueira social. Diante do desafio no olhar do branquinho jogando a pergunta aérea, o rapaz pardo oscilou entre abrir a porta - não aceitando ser amedrontado por aquele maldito moleque de engenho -, ou fechar aquela brecha e sentir o prazer social de ter batido a porta na cara de um senhorzinho de engenho, blefe social. Mas abriu. O menino branco passou, entrou, e não demorou um segundo sequer para ver o quarto todo. Um vão! Uma rede desarmada e presa no armador que era uma enxada com sua lâmina fincada na parede. Um tamborete faltando uma perna. Uma montanha de livros. Pela janela viu a corda estendida com a roupa do dia, da noite, da semana, do fim de semana, de sempre. A tão conhecida e chamada: na água e no couro. Quando se virou para o menino pardo, este ainda mantinha a mão na tramela que fechava a porta descascada do quarto de pensão.

- Chocado? - Perguntou o menino pardo. O outro estava chocado, sim, pois antes disso só sabia o que era miséria escrava de negros. Mas aquele rapaz frequentava a faculdade de Direito do Recife, local onde abrigava a nata social de todo Nordeste e também do resto do Brasil. - Sim, sim, está chocado sim. - Respondeu o rapaz pardo pelo senhorzinho de engenho que tinha perdido a fala, ou pelo menos a resposta. - Deve estar se perguntando como estou entre vocês. E deve estar se respondendo que devo ter cometido um ato tão ignóbil que meu pai me deserdou. Não, eu não sou senhorzinho de engenho como vocês e nem nunca fui. - João Pedro pigarreou, constrangido por ter tido seus pensamentos lidos pelo outro. - Então como estou na faculdade? Não é esta a pergunta?

- Por favor, não me interessa a vida do senhor..

- Pare de me chamar de senhor, já disse que não sou senhor de nada. - Alterou a voz fazendo João Pedro piscar os olhos. - Sou abolicionista! - Declarou orgulhosamente com um brilho ímpar nos olhos.

- Já ouvi falar. - O senhorzinho de engenho estava ficando cada vez menos à vontade.

- E o senhor? O que é? Oh, me desculpe, sente-me, por favor. - Apontou o tamborete de três pernas e João Pedro precisou se equilibrar, o que era bem fácil no auge dos seus dezesseis para dezessete anos.

- Também não precisa me chamar de senhor. - Aproveitou João Pedro para também fazer a mesma observação. - Obrigada. E você, não se sente? - O menino pardo olhou em redor do seu quarto de paredes cobertas de papel de pão colado, a fim de dar um ar mais limpo ao ambiente. Em seguida olhou para o chão de cimento cru, já se abrindo em pequenos buracos e, por fim, sentou-se na pilha de livros encostados na parede. Não havia outro lugar, pois a rede estava desarmada e pendurada no armador que era feito de uma enxada fincada na parede. Somente

nesse momento João Pedro teve coragem de fixar os olhos na ceroula de morim amarelado que o outro vestia. Aos fiapos! Desviou o olhar assim que percebeu e sentiu vergonha por sua indiscrição. Sentiu vontade de sair correndo, mas já era tarde. Não tinha insistido e provocado aquele encontro? Então não poderia se comportar como um senhorzinho de engenho fútil que fica chocado com a miséria alheia. Mas estava! – Ouvi dizer que o senhor... que você... tem um exemplar raro, precioso, do livro do Sr. Nabuco.

– Ah, as pessoas comentam. - Ele levantou um lado do quadril da pilha de livros, abaixou o dorso e com os dedos esticados passeou pelos livros até tirar um do monte e jogá-lo ao outro rapaz que pegou no ar. – É meu único bem. - Era o livro de Joaquim Nabuco, “O Abolicionismo”.<sup>35</sup> Depois que o branquinho manuseou o livro e suspirou sorrindo, o outro pôde pensar em sorrir. Mas não o fez.

– É uma joia rara. O senhor Nabuco fez a dedicatória para você. - Ele ria impressionadíssimo. – São amigos?

– Somos abolicionistas!

– Mas dizem que são amigos. - Insistiu o branquinho.

– E você? O que é? - João Pedro perdeu o sorriso e ficou olhando as telhas furadas daquele quarto de pensão, no terceiro andar, daquela travessa vizinha à Assembleia Legislativa, mas sem nenhum glamour do prédio vizinho onde se discutia os projetos de leis.

– Eu não sei ainda. Mas meu pai não pode nem sonhar com o que eu gostaria de ser. Acho que me deserdaria ou faria coisa pior...

– E você não conseguiria viver sem dinheiro. Mas ao entrar aqui e ficar chocado, viu que é possível viver com pouco? Ou não?

– O mundo é tão complexo. Meu tio é abolicionista e todos o chamam de louco.

– Por ser abolicionista?

– Não sei se o chamam de louco por ser abolicionista ou de abolicionista por ser louco. O fato é que ele é doente, é incompreendido. Mas para mim é a pessoa mais sensata quando está em sã consciência. Acho que por conta desses desideratos o meu avô deixou os engenhos, as terras, as fazendas, os escravos, tudo, para meu pai comandar. Deixou em testamento. Meu tio é rico sem o ser. Tem poder, mas não manda. Voltou da Sorbonne já faz algum tempo e só consegue viver entre um ataque e outro. Ele foi meu professor até há pouco tempo, quando entrei na faculdade para fazer os gostos do meu pai.

– E os seus gostos?

– Não sei se seria conveniente tê-los. Agradei que meu pai não me man-

---

35 “O Abolicionismo” é um livro do autor pernambucano, **Joaquim Nabuco**, publicado em 1883



dou para Coimbra ou Sorbonne. Meu tio o convenceu que meu francês é fraco. Mas acho que foi para que pudesse me ter por perto. - João Pedro riu mostrando os dentes alvíssimos. Mas o outro não achou graça.

- Os ricos e suas estratégias para continuar no controle. Coimbra e Sorbonne é apenas uma questão de escolha. Aos pobres a miséria é a única escolha, o que não deveria ser para ninguém.

- Pra Medicina não dou, não gosto de ver sangue. Sofro quando vejo meu tio com seus ataques, machucado, sangrando. Mas sei tudo do engenho, como plantar cana e fabricar açúcar. E até a fabricação de cachaça já aprendi um pouco. Meu tio me ensinou tudo. Se não der certo para advogado, jurista ou político, eu volto para o engenho para assumir os negócios do meu pai e continuar a história açucareira da família, é assim que meu pai quer que seja.

- E se isso acontecesse hoje, qual seria a primeira coisa que você faria? Se tivesse que comandar o engenho no lugar do seu pai, o que faria? - João Pedro olhou para a janela, para a corda que balançava a roupa com um sopro de vento solto agora da boca do rio Capibaribe, e suspirou fundo. Pensou no menino escravo, da sua idade, nascido na mesma noite, mas na escuridão da senzala, enquanto ele era iluminado com camarinha e coberto por cueiros bordados de renascença.

- Libertaria os escravos.

- Seria uma grande perda monetária nos investimentos da sua família ao longo de mais de trezentos anos. Como iria tocar em frente os negócios sem a mão-de-obra escravagista?

- Eu os contrataria como empregados. Teriam a contraprestação pelo trabalho executado. Meu tio disse que já é assim na Europa. Lá eles são pessoas, e não coisas, res, como aqui.

- Realmente, seu pai não deve nem sonhar com suas ideias, pois na verdade seria pesadelo para ele, e não sonho. - O menino branquinho riu.

- Sim. Titio me alertou para tomar cuidado. Ele fala o que fala porque é considerado doido, ninguém lhe dá ouvidos, mas eu seria punido. - Ele se levantou e pegou o chapéu que tinha pendurado num prego na parede.

- Pode levar emprestado o livro de Nabuco. Você não tem cara de quem não devolve livro. - Falou o rapaz pardo e João Pedro riu e bateu de leve dois dedos na capa dura do livro de Joaquim Nabuco.

- Você não gosta de mim porque sou branco e senhor de engenho ou tem outro motivo?

- E quem disse que não gosto de você?

- Sou novato na faculdade, tentei me aproximar do seu grupo, mas todos devem me achar esquisito. Não fui bem sucedido nas tentativas. Como sei que você é o líder, achei que tinha influenciado os demais contra mim.

– Sim, sim, eu os influencio. - Levantou-se o rapaz pardo vestido somente de ceroula encardida e desfiada de um tecido que agora lembrava ter sido algum dia morim. – Mas somente para o bem. - Completou. – Na verdade eu os influencio a pensar. O conformismo não faz parte da evolução. Mas tem razão: eu não gostava de você porque é senhor de engenho que mantém seu status à base da escravidão negra. Eu sou filho de uma escrava com um senhor de engenho que nunca me reconheceu. Minha mãe morreu no parto. Meu padrinho me criou como escravo da casa-grande, onde recebi instrução, e consegui que eu fosse aceito na faculdade de Direito porque fui o melhor no teste. Mas nunca fui um deles. Sempre fui o pardo entre a senzala e a casa-grande. Sou alforriado. Foi a única coisa que meu pai fez por mim. Dizem que resmungou ao fazê-lo, afinal, perdia uma escrava para a morte e um escravo para a alforria. Um prejuízo! - Riu. – Mesmo contra a sua vontade, atendeu o pedido do meu padrinho, que era um rapaz jovem e de quem minha mãe tinha sido ama de leite. Foi a única misericórdia que recebi dessa sociedade escravagista miserável. - Calou-se por uns breves segundos. – Haverá um tempo em que os homens saberão, com toda certeza, quem são seus filhos. Mas por enquanto somente as mulheres o sabem. Meu pai duvidava da minha filiação. E a minha mãe morreu. Era por isso que, em tempos remotos, as tribos eram lideradas por mulheres, que sabiam quem realmente eram os pais dos seus filhos.

– Eu sinto muito.

– Como pode sentir? Não viu e ouviu o Senhor Nabuco na aula inaugural? Os senhores da vida e da morte já lucraram até a última gota de sangue com a escravidão. Agora o que resta é libertar todos os escravos ainda vivos. A lei da alforria para os sexagenários não foi suficiente.<sup>36</sup> Quando um escravo vem ser libertado aos sessenta anos já não serve mais para nada. Além do mais, poucos chegam a essa idade. Eles morrem de várias doenças. São mortos pelos capatazes a mando dos senhores. Eles morrem de fome. Eles morrem de tanto trabalhar. Essa lei é mais um embuste, pois além de tudo isso, o escravo sexagenário ainda tem que pagar por sua liberdade, trabalhando mais três anos para seu senhor ou até 65 anos de idade. O liberto é obrigado a indenizar seu ex-senhor que não pode perder o investimento feito. Que liberdade é essa? E mesmo assim houve resistência por parte dos senhores de escravos, quase não foi votada e aprovada essa lei que ainda não basta.

– É verdade. Eles morrem muito cedo, somente alguns sobrevivem. - Concordou o rapaz branco.

---

36 **A Lei dos Sexagenários**, também conhecida como Lei Saraiva-Cotegipe ou Lei n.º 3.270, foi promulgada em 28-09-1885, garantindo liberdade aos escravos com 60 anos de idade ou mais, cabendo aos seus proprietários o pagamento de indenização.

– A lei do ventre livre<sup>37</sup> também não foi suficiente. O que vão fazer os filhos pequenos livres, os recém-nascidos, se suas mães continuam escravas? Se o leite materno vai lhes faltar do mesmo jeito, pois suas mães continuam sendo amas de leite da casa-grande?

– Nem me fale nessa lei...- Pronunciou baixinho, João Pedro.

– O que disse?

– Tenho um amigo que nasceu no mesmo dia que eu, melhor dizendo, na mesma noite, véspera da entrada em vigor da lei do ventre livre, entretanto, eu sou senhor dele, ele é meu escravo, e não posso chamá-lo de amigo. Nascermos exatamente na mesma hora, na mesma noite, do mesmo mês, do mesmo ano e no mesmo lugar. Eu na casa-grande e ele na senzala.

– Inacreditável! Acho que o senhor Nabuco gostaria de conhecer suas histórias, deve ter mais algumas para contar sobre a escravidão.

– Tenho, sim. Mas por que fala isso?

– Porque estamos marcando um encontro de abolicionistas com o senhor Nabuco, logo em breve, na casa da madrinha dele. Um almoço, é como dizem os ricos, não é?

– No engenho Massangana?

– Sim. Conhece?

– Sim, é caminho para o meu. E acha que eu seria bem-vindo ao encontro de abolicionistas, mesmo sem saber ainda se sou um?

– Daqui para lá você decide, ou melhor, talvez decida depois do encontro com o senhor Joaquim Nabuco.

– Isso parece cena de um livro de suspense de conspiração. - Riu João Pedro.

– E é! - Respondeu o rapaz pardo sem devolver o sorriso do rosto branco, jovem, bonito e alegre de João Pedro, que ainda carregava uma certa candura aos olhos de quem o olhava pela primeira vez bem de perto. – Como vê, uns têm problemas com dinheiro demais, outros com dinheiro de menos. E eles, os negros, com tudo, pois tudo começa com a privação da liberdade. Essas leis não foram suficientes, apesar de reconhecer que se tratam de medidas gradativas para abertura da libertação geral. Mas não queremos esperar mais trezentos anos para nos insurgir. Liberdade ou morte!

– Você é um idealista e, segundo meu tio, é a qualidade mais admirável num homem.

– E você me parece um bom sujeito, acho que nossa amiga Luiza estava certa

---

37 **Lei do Ventre Livre**, também conhecida como **Lei Rio Branco**, foi uma lei apresentada na Câmara dos Deputados em 12 de maio de 1871, sendo promulgada em 28 de setembro do mesmo ano. A fim de limitar a duração da escravidão no Brasil Imperial, a lei propunha, a partir da data de sua promulgação, a concessão da alforria às crianças nascidas de mulheres escravizadas no Império do Brasil.

quando nos repreendeu por não permitirmos sua aproximação. Você não é mau.

– Luiza é a sinhazinha que anda com o seu grupo de acadêmicos?

– Ela mesma. Sim, ela é sinhazinha, e todos os demais são filhos dos senhores da casa-grande. Somente eu sou da senzala.

– Agora compreendo por que a senhorita sempre está com você. Se eu fosse uma mulher também me encantaria por um homem tão interessante. - Sorriu encabulado sem saber bem por que tinha dito aquilo e atrapalhou-se tentando se explicar; engasgou-se, o livro caiu no chão, ele se abaixou para apanhar, mas o rapaz pardo já tinha apanhado e lhe entregou na mão estendida. João Pedro, vexado, ele mesmo destravou a trave da porta de tinta descascada e atravessou o portal estreito, aturdido sem olhar para trás de tanta vergonha. Já ia ganhando o primeiro degrau da escada de madeira quando ouviu o outro rapaz, ainda no portal, de ceroula encardida, dizer:

– E sendo homem? - João Pedro parou, mas não se virou para trás. Desceu a escada de dois em dois degraus fazendo a madeira ranger denunciando sua passagem desajeitada. Não respondeu. Na rua puxou o chapéu mais para os olhos sem querer que ninguém o visse sair daquela pensão paupérrima e suja. E que ninguém adivinhasse o que tinha dito!

Perambulou pela beira do rio Capibaribe que corria calmo, em direção à bacia de Santo Amaro, à procura do abraço do rio Beberibe e finalmente se afogando no oceano Atlântico. O vento saudou a cidade pelo corredor do rio que trazia o ar do mar. Ainda atordoado, atravessou a passos largos a ponte Santa Isabel,<sup>38</sup> saindo no teatro do mesmo nome, Santa Isabel,<sup>39</sup> em homenagem à princesa Isabel<sup>40</sup>, a regente do Brasil. Nas instalações daquele teatro aconteceram episódios interessantes, históricos e curiosos, como a visita do imperador Dom Pedro II, além de

---

38 **A Ponte Santa Isabel** é uma das pontes urbanas recifenses. Inaugurada em 02-12-1863, é a última ponte sobre o rio Capibaribe, antes de sua junção com o Rio Beberibe, atrás do Palácio do Campo das Princesas. Seu projeto original foi do engenheiro francês, Louis Léger Vauthier (o mesmo que projetou o teatro de Santa Isabel e o mercado São José), e a construção feita a cargo do engenheiro inglês, William Martineau. Foi a primeira ponte de ferro do Recife.

39 **O Teatro de Santa Isabel** é um teatro localizado na cidade brasileira do Recife, capital do estado de Pernambuco. Foi o primeiro teatro do Brasil projetado por um engenheiro civil, o francês Louis Léger Vauthier. É um raro exemplo de genuína arquitetura neoclássica da primeira metade do século XIX brasileiro. Inaugurado em 18-05-1850, foi nomeado em homenagem à Princesa Isabel (filha do Imperador Dom Pedro II), que veio assinar a Lei Áurea, em 13-05-1888, que libertou os escravos.

40 **Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon-Duas Sicílias e Bragança** (Rio de Janeiro, 29-07-1846 – Eu, França, 14-11-1921), apelidada de “a Redentora”, foi a segunda filha, a primeira menina, do imperador Pedro II do Brasil e sua esposa a imperatriz Teresa Cristina das Duas Sicílias. Como a herdeira presuntiva do Império do Brasil, ela recebeu o título de Princesa Imperial. A princesa serviu três vezes como regente do império enquanto seu pai viajava pelo exterior. Isabel promoveu a abolição da escravidão durante sua terceira e última regência e acabou assinando a Lei Áurea em 1888, que libertou os escravos.

ter servido de palco para a campanha abolicionista de Joaquim Nabuco e foi lá, inclusive, que outro abolicionista, o conhecido poeta dos escravos, Castro Alves, conheceu sua paixão, a atriz Eugénia Câmara. João Pedro margeou o Palácio do Campo das Princesas<sup>41</sup>, parou alguns instantes para olhar um sagui no tronco do baobá na praça em frente. Recife, como cidade das pontes que é, ele precisou atravessar mais uma ponte, a ponte provisória que se encontrava em construção de uma nova ponte, a Buarque de Macedo,<sup>42</sup> até chegar na ilha do Recife Antigo, o Recife Velho. Início de tudo, a ilha era abraçada pelo oceano Atlântico de um lado, do outro recebia os pequenos dedos do rio Beberibe e com a mão mais comprida o rio Capibaribe abraçava o rio Beberibe, formando a bacia de Santo Amaro, e assim protegia as costas e o rabo da ilha dos invasores que vinham da terra e do mar. Os casarões ao redor do mar e dos rios tinham olhos eloquentes ao bater do sol. Na ilha o mar batia fortemente nos arrecifes quebrando as ondas em filigranas de energia. A espuma branca era refletida de sol na retina de João Pedro que se mantinha em pé a contemplar aquele cenário da natureza pintora da beleza. O movimento cadenciado das águas levava o rapaz de volta ao engenho. Pensava no pai, no tio, na mãe e também nos escravos, ou melhor, em um escravo. Com os dedos apertando o livro na palma da mão, ele se perdia na visão da imensidão do mar e dos próprios pensamentos. Também eles, assim como o mar, pareciam não ter fim. A claridade do sol era tão forte que cegava os olhos do senhorzinho de engenho que via o verde do mar se confundir com o verde do canavial na sua imaginação. O mar balançava em ondas, mas sem sair daquela área demarcada pela terra. A folha da cana verde também balançava ao sabor do vento, mas sem sair do lugar, presa no massapê. Era tudo terra e mar. Acrescentava-se o ar e os homens. Os homens que habitavam e colonizavam tudo naquela imensidão. E ainda tinha o céu e seus misteriosos habitantes e vizinhos. Aquelas nuvens fazendo sombra tentando quebrar o sol que iluminava tudo. E quando o sol se retraía dava lugar à lua, ou à escuridão de breu transitório que cobria com seu manto escuro todo o engenho. E tudo parecia programado pela mãe natureza. Tio Cassiano tinha dito que tudo tinha explicação, mas às vezes a gente não entende ou não aceita o que entende.

---

41 O **Palácio do Campo das Princesas** é a sede administrativa do poder executivo do estado brasileiro de Pernambuco, localizado na cidade do Recife. Idealizado desde 1786 pelo governador José César Menezes, foi construído em 1841 pelo engenheiro Morais Âncora, a mando do governador Francisco do Rego Barros, no local onde ficava o Erário Régio. Localiza-se no bairro de Santo Antônio (Ilha de Antônio Vaz), na Praça da República, próximo ao Teatro de Santa Isabel e ao Palácio da Justiça.

42 A **Ponte Buarque de Macedo** é uma ponte sobre o Rio Capibaribe, no Recife, Pernambuco, Brasil. Com 288,30m, é a ponte mais extensa entre as que ficam no centro do Recife. Liga os bairros do Recife e Santo Antônio. Inicialmente foi construída uma ponte de madeira, em 1845, que foi chamada de *Ponte provisória*. Por ordem de Buarque de Macedo, ministro dos transportes e sob a administração do engenheiro Alfredo Lisboa, em 1880, sua construção foi iniciada em 1882 recebendo o nome do ministro. Foi aberta ao público em 20-10-1890.

João Pedro respirou toda a imensidão do mar e quando seus pulmões se inflaram, e seus olhos ficaram cegos de tanta claridade, ele se moveu em transe até a primeira bodega que encontrou e lá tragou uma lapada de cachaça vinda do seu próprio engenho pela qual pagou, depois de tomar de um gole só. Ardeu o estômago. Queimou as tripas. Cachaça se toma de um trago só, como a vida que só se vive uma única vez. E se é assim, para que adiar o prazer? Mas poderia se prorrogar? Ou evitar? Já não parecia mais tempo de pensar em evitar. Sentado no tamborete olhando o fundo de vidro do copo vazio da pinga engolida, ele via rodar o vidro duplo. Respirava ofegante e sentia a cabeça se inebriar de imagens paralisantes. O homem deve cumprir o destino que Deus lhe deu. E se não foi Deus, foi a natureza, mas ela também deu a ele o mesmo destino: ser homem. Homem é homem e mulher é mulher. Mas ele tinha tomado conhecimento dos pecados de Sodoma e Gomorra<sup>43</sup> através das aulas de tio Cassiano, naquelas aulas a portas fechadas na biblioteca. Sabia que não era o único, mas por que ele? E principalmente, por que era inevitável?

No segundo trago se lembrou da lição de tio Cassiano que dizia que, segundo Freud, tudo na vida é amor e dor. E parecia que um, inevitavelmente, trazia o outro sentimento. E a vida seguia, apesar de tudo, apesar do amor, apesar da dor, apesar da cachaça que fazia efeito no seu cérebro e liberava seu coração para sonhar com um mundo mais justo de acordo com suas percepções. Ele, ele também era escravo do mundo e suas convenções.

E QUANDO, NO DIA SEGUINTE, terminou a aula de João Pedro, ele estava ansioso para reencontrar o colega, o jovem abolicionista, que era aluno da turma que concluiria naquele mesmo ano. Eram chamados os “doutores” do quinto ano. Eram procurados, consultados, enaltecidos, colocados numa casta digna de pedestal que, às vezes, nem mereciam. Alguns faziam apenas poesia e não estavam nem aí para as condecorações futuras de corpo presente que suas famílias, amigos e futuros clientes lhes presenteavam. Outros não conseguiam esconder o sorriso de orgulho e contentamento, nos rostos quase infantis, pela proximidade de receber o “canudo”. E ainda restavam aqueles que, como o jovem abolicionista, estavam inteiramente engajados nas lutas sociais. E a principal e que se fazia urgente era a abolição da escravidão. João Pedro já tinha entendido

---

43 **Sodoma e Gomorra** são, de acordo com a Bíblia, duas cidades que teriam sido destruídas por Deus com fogo e ou enxofre caídos do céu. Segundo o relato, as cidades e seus habitantes foram destruídos por Deus devido a seus pecados e à prática de atos contrários à moral dos antigos israelitas, dentre os quais a tentativa de estupro a dois anjos do Senhor. Porém, os arqueólogos nunca encontraram nenhuma evidência significativa da existência de Sodoma e Gomorra. Entre 1922 e 1923, o escritor francês, Marcel Proust (1871-1922), publicou o livro “Sodoma e Gomorra”, que fala sobre o homossexualismo masculino na França. Há uma edição da Editora Globo com tradução do poeta brasileiro Mário Quintana.

que naquele rapazinho pardo e frágil existia uma potência de líder idealista. Era amigo de Joaquim Nabuco, era base do abolicionista-mor, tinha colaborado na elaboração da redação da lei dos sexagenários, cerca de dois anos antes, e agora sua pena tinha fornecido tinta para a elaboração da lei da abolição, apesar de o seu nome não aparecer em canto nenhum. Mas sua pena e sua memória tinham colaborado com a equipe que redigia o projeto de lei. Isso era suficiente para um idealista que não queria aparecer, mas apenas fazer. Isso era suficiente. Todos sabiam. Mas, apesar de servir de orgulho aos abolicionistas e simpatizantes, provocava ira a uma boa parte da sociedade escravagista que resistia às mudanças e dava o troco ao rapaz em forma de perseguição. Se não fosse o padrinho protetor e senhor de engenho - abolicionista também -, e ele já teria sido morto ou, no mínimo, expulso da faculdade de Direito de Recife. Diziam que ali não era lugar de pardo, pobre e abolicionista criador de motim. Ora, ora, e os acadêmicos de Direito abolicionistas e simpatizantes riam em resposta de deboche, pois se lembravam do poeta Castro Alves, que era abolicionista sem ser pobre nem pardo; e se lembravam também do jurista, Tobias Barreto, mulato e pobre. Entretanto, ambos abolicionistas e passados por aquela faculdade de Direito antes deles.

O fato era que as ideias abolicionistas de Joaquim Nabuco, José Bonifácio e Castro Alves que corriam pelo Brasil e na Universidade de Direito de PE começaram a apaixonar o menino branco assim como lhe encantava a passagem de Castro Alves, poeta abolicionista, pela Faculdade de Direito do Recife e a boemia dos rapazes idealistas.

- E quando será o encontro com o Sr. Nabuco? - Perguntava João Pedro ao jovem abolicionista assim que a sineta parou de tocar e os estudantes em turbilhão começaram a esvaziar as salas. Ele tinha sido o primeiro a correr para a frente da sala do jovem abolicionista.

- Estamos arquitetando. - Levantou os olhos o jovem ao responder, ainda surpreso pela rapidez em ver o senhorzinho de engenho na porta da sua sala.

- Mas será em breve! - Afirmou, chegando, a menina muito branca de cabelos negros encaracolados a gosto, e olhos fundos, brilhantes e negros também. - Não nos apresenta seu amigo? - Ela se dirigia ao jovem abolicionista, enquanto João Pedro sofria uma espécie de êxtase com a visão que a moça lhe causava. Ali mesmo, mentalmente, ele passou a pena no tinteiro, e escreveu a carta ao tio: "Titio querido. Ela apareceu do nada, mesmo sabendo que o nada era tudo e que estava entre nós. Branca como cera. Mas de olhos de águia: negros e espertos se tornam velozes. Tinha uma voz de passarinho: suave e consonante. E seu sorriso abria os confins do mundo, as grades, as porteiras e as fronteiras. Sua beleza era do pavão, pois deixava sem graça a pavoá que ela não se dispunha a ser. Vestindo aquele vestido armado de anáguas, deixava por aonde passava o rastro do tecido

francês, que tal qual a cauda do pavão, era em leque colorido, desafiando as leis do tempo e dos costumes. De branco mesmo somente a sua tez. Eu diria, alva. E quando todos os olhares se dignavam a se recolher, ela desaparecia deixando no ar seu perfume inebriante que todos disputavam a inalar. Não tinha pose de santa, nem de deusa, nem de princesa... era algo que ainda não consigo classificar. Mas que sei que vai além de tudo que já vi. Por isso me senti perdido”. E o tio, pensativo no meio do canavial verde balançando ao sabor do vento, numa mão o cigarro de palha, na outra a carta, inspirou, respirou e suspirou o ar do engenho e falou de si para si: “Será que eu estava enganado? Oxalá! O mundo é “bão” Sebastião? Não! O mundo é ruim, Joaquim!” Ele mesmo se perguntava e ele mesmo se respondia sem conseguir deter a certeza na carta que a mão segurava contendo a dúvida.

– João Pedro... senhorzinho de engenho. - O rapaz, finalmente, com um piscar de olhos, voltou a si com a apresentação feita à moça em forma de deboche cuspidado pelo próprio jovem abolicionista. A moça riu sendo acompanhada pelas gargalhadas irreverentes de um punhado de rapazes que chegavam e ouviam a frase do jovem abolicionista. – Perdão... foi só uma troça. - Desculpou-se ele, quase rindo também, o que não era comum no seu rosto naturalmente contraído.

– Não caçoe dele, meu amigo. Para se desculpar, convide-o ao banho de rio. O piquenique. - O jovem abolicionista que, era o líder de todos ali, parecia não liderar sobre a menina branca. – Muito prazer, Luiza Fernandes Vieira de Paula Cavalcanti de Albuquerque. No domingo, não esqueça de saber nadar. - Ela fez menção de esticar a mão para ser beijada pelo senhorzinho de engenho, mas em seguida a retirou do ar. E se retirou também, deixando seu perfume na memória de todos, que tragavam pelo olfato satisfeito e ofegante o odor da França. Sim, ela foi embora, sozinha, arrastando a saia longa pelos ladrilhos dos corredores da Faculdade de Direito do Recife, quando já tinha feito o convite, na maior desenvoltura; convite que não esperara que o jovem abolicionista fizesse ao senhorzinho de engenho novato na faculdade. O abolicionista, surpreso por mais uma da moça, mas acostumado com a irreverência e independência dela, ficou rodando o chapéu velho e desgastado entre os dedos das duas mãos.

– Eu... - João Pedro tentou falar, constrangido.

– Sim, ela lhe fez o convite.

– Se eu não for incomodar... - Tentava se desculpar João Pedro pelo convite recebido de forma atravessada.

– E se souber nadar... - Completou o abolicionista se retirando. O grupo já se movia em direção à saída quando João Pedro alcançou o retardatário, que era o jovem abolicionista.

– Gostaria de me desculpar por ter ido até seu quarto sem ser convidado. E principalmente por ter falado coisas que ainda não sei bem o que quiseram dizer.



É que não sou um orador nato como você. Às vezes não consigo expressar com palavras exatamente o que quero dizer, aí termino metendo os pés pelas mãos.

– Não há o que se desculpar. Você falou exatamente o que sente. - Parou o jovem e colocou o chapéu na cabeça ao olhar para João Pedro. – Só que ainda não compreende o que sente. Até domingo! - Despediu-se com um leve toque na aba do chapéu e apressou o passo alcançando o grupo de amigos que ria de alguma chacota que ele tinha perdido.

O DOMINGO FOI DE SOL, o Capibaribe descia nada comportado procurando o abraço do Beberibe e os dois sendo freados pela Bacia de Santo Amaro, antes de desaguar no mar.

As gaivotas pousavam no flamboyant que se debruçava na Rua do Sol, molhando seus cabelos de flores vermelhas nas águas verdes do rio.

Os rapazes já faziam algazarra sentados na beira do rio fazendo um círculo em volta de uma cesta de comes e bebes. Tinham estendido na relva uma toalha branca rendada na qual os rapazes colocavam os copos de alumínio repletos de ponche de maracujá.

– Bom dia a todos. - Chegou-se João Pedro tirando o chapéu e se abanando com o mesmo. Todos responderam. Ele olhou para o rio descendo com suas águas repletas de pasta e de vitória régia. – Deve ter chovido no Agreste, não?

– Certamente! - Confirmou Guilherme que vinha de Vitória de Santo Antão e que era galego, de olhos azuis e cabelos cacheados lembrando um anjinho barroco. – Ontem relampejou pra o lado de lá. - Completou.

– Sim, choveu muito mesmo. O capataz do engenho chegou hoje de Moreno e disse a mesma coisa. Foi chuva de arrastar o canavial. - Confirmou Aduino.

– Aduino vem do engenho Moreno, é filho do Barão de Moreno<sup>44</sup> e primo-segundo de Luiza. - Informou Guilherme. Os rapazes moravam em seus palacetes na capital para estudar.

– E ela vem de onde? - Perguntou João Pedro sem ver a moça.

– Daqui mesmo, quer dizer, todos os ricos vêm de Portugal. - Debochou Guilherme. – Ainda vem a ser herdeira do Barão de Souza Leão.

– Sente-se e venha lanchar. Tem um monte de coisa boa pra comer e ponche de caju e de maracujá para beber. - Convidou Aduino que era branco de cabelos encaracolados, e gordinho de tanto comer bem. E muito! – Mas se não quiser, sobra mais para a gente. - Desatou numa gargalhada com a boca cheia de tapioca com manteiga,

---

44 A ocupação do atual município de Moreno provém da faixa de terra comprada, em torno do ano 1616, por **dois irmãos portugueses de sobrenome Moreno**. A intenção era a instalação de um engenho. Um deles morreu antes da concretização deste projeto. O segundo, Baltazar Gonçalves Moreno, faleceu no dia do funcionamento do engenho. A propriedade foi vendida pelos seus herdeiros a Antônio de Souza Leão. O engenho foi visitado por Dom Pedro II em 18-12-1859, quando o proprietário foi agraciado com o título de Barão de Moreno e sua esposa, Maria Amélia de Sousa Leão, com o título de Baronesa.

queijo de coalho e coco ralado. Os demais riram também e até mesmo João Pedro riu, tentando se ambientar naquele grupo de rapazes com mais ou menos a sua idade. Mas ainda se sentia estranho porque não tinha amigos no engenho, salvo... bem, aquele pensamento insistia em lhe acompanhar aonde quer que fosse. Não tinha amigos, era assim que deveria dizer. Sentou-se na grama, tirou os sapatos e as meias. Pegou no seu cesto uma garrafa e depositou na toalha branca estendida na relva.

– Mamãe mandou do engenho um licor de jabuticaba que está tinindo de bom. - Germano, outro galego de olhos azuis, irmão de Guilherme, e primo de Adauto por outro ramo familiar, pegou a garrafa e todos riram, sabendo que ele não apreciava aquele suco de maracujá sem álcool. Bebeu o licor. João Pedro olhou ao redor sem entender a presença de uma escrava velha, um pouco afastada, debaixo de uma sobrinha enfeitada demais de renda para lhe pertencer.

– Curioso? - Perguntou o rapaz abolicionista, parecendo que adivinhava seus pensamentos e olhares em direção à escrava que se mantinha em pé, com a sombrinha numa das mãos, suando debaixo daquela roupa longa e grossa, com os olhos pregados nas águas do rio.

– De quem é a escrava? - Finalmente perguntou João Pedro.

– Não é escrava. - Respondeu o jovem abolicionista. – É uma senhora. - João Pedro procurou não expressar nenhuma reação, mas seu rosto denunciava não compreender. – Ela foi ama de leite de Luiza, mas agora é uma senhora liberta. Luiza só pode vir ao piquenique acompanhada por ela. Ordens do pai. - De fato. João Pedro não tinha visto Luiza, mas foi atraído pelos gritos finos da moça no meio do rio, nadando com sua roupa branca, no mesmo modelo da dos homens.

Ele quase não acreditou que aquela mocinha fosse tão destemida.

– Ela não corre perigo sozinha no rio? - Indagou João Pedro e todos riram.

– De que perigo você fala? Só podemos entrar no rio quando ela sair. Não podemos tomar banho junto com ela, óbvio. Ela é uma sinhazinha e todos nós aqui a respeitamos. - Respondeu Adauto.

– Mas ela sabe nadar bem? Vocês mesmos disseram que choveu bem no interior e o rio traz a água até aqui. - João Pedro se dirigia a Guilherme e Adauto. – A correnteza está forte e... - Antes que encerrasse a frase, João Pedro, que se encontrava em frente ao rio - enquanto os outros mastigavam distraídos dando as costas para a água -, percebeu as braçadas mais movimentadas da moça, depois da passagem de um amontoado de vitória-régia. Ela afundou e voltou à superfície gritando por socorro. Já ia quase cruzando a ponte arrastada pela correnteza que parecia ter aumentado. Levantava os braços. João Pedro, apavorado, correu e mergulhou de um salto só no rio, enquanto os outros ainda pensavam em se levantar e entrar no rio. Quando o grupo entendeu a situação, o primeiro a agir, depois de João Pedro, foi Germano que, num salto mortal, do tipo bunda-canastra, saltou

como um gato dentro do rio também, mas sem alcançar João Pedro que nadava bem na sua frente. O restante também pulou no rio em seguida. Nadando com longas braçadas, João Pedro conseguiu chegar a tempo de segurar as vestes de Luiza que flutuavam enquanto ela afundava. De um bote só puxou com força e a moça veio junto para seus braços e de olhos fechados encostou os lábios na boca de João Pedro, que gelou. E, surpreso, levantou a cabeça quando viu Germano se aproximar nadando rapidamente. Luiza abriu os olhos e sorriu. Germano chegou. E João Pedro ficou em dúvida se ele teria visto. Os dois suspenderam Luiza pelos braços e nadaram até a margem onde se encontrava a ex-escrava, aos gritos e aos prantos de tanto nervosismo ao ver sua sinhazinha afundando no rio Capibaribe. Deitaram Luiza na relva verde e os demais rapazes chegaram eufóricos pelo esforço da natação.

– Está tudo bem? - O que parecia mais aflito era o jovem abolicionista e pela voz cortada dele João Pedro entendeu que o rapaz a queria bem.

– Sim. Foi só um susto. - Riu a moça levantando a cabeça para João Pedro. - Mas o senhor dos quatorze sobrenomes me salvou. - Todos riram ao constatar que a moça estava bem, pois já fazia troça com o novo membro do grupo. João Pedro corou, e todos pensaram que teria sido somente pela troça da sinhazinha, mas ele sabia que ali sua alma queria se machucar, pois o abolicionista amava a moça.

– Ibiapino, me ajude a me levantar, por favor, preciso me secar. - E estendeu a mão ao abolicionista que juntou suas mãos pardas às mãos brancas dela e a suspendeu do chão acompanhando o passo leve da moça até a criada que estava se abanando e secando as lágrimas.

Todos voltaram ao local de antes, menos Ibiapino que ainda ajudava Luiza e sua criada com os apetrechos de toalhas, cestos de merenda, chapéus e o que mais se possa imaginar na bagagem de uma mulher jovem e sinhazinha de engenho para um piquenique. E aí João Pedro se calou angustiado sentando na relva verde e molhada pelos pingos de água que caíam da sua roupa molhada.

– Que perigo! Ufa! - Desabafou Adatao, que tinha sido o último a chegar, pois era gordinho e lento. - Se o pai dela sabe... meu Deus... é capaz de proibi-la a sair conosco. Tio não é tão liberal ao ponto de deixá-la correr risco de morte. - Declarou o rapaz que era primo-segundo da mocinha Luiza, filho, claro, de outro senhor de engenho. Todos brancos.

– Ela tem que proibir a criada de dar com a língua nos dentes. Temos que ter mais cuidado, o rio está indomável com essas enchentes no interior. Traz a água em turbilhão arrancando tudo que acha nas margens. A água sobe tanto e tão rápido que a gente nem percebe. Um perigo mesmo! - Respondeu Guilherme se enxugando numa toalha branca bordada com seu nome e o brasão do engenho.

– Será que ela estava se afogando mesmo? - Perguntou Germano que era

um gatuno de tão esperto, e assim lançando a dúvida na cabeça dos demais. Olhou para João Pedro, ao terminar a frase, à procura da resposta que talvez já soubesse.

– O quê? - Perguntaram Guilherme e Aداuto, ao mesmo tempo, em vozes uníssonas.

– Não é a primeira vez que ela vem nadar no rio. Ela nada bem. - Continuou Germano, virou-se para João Pedro e indagou, maliciosamente. – O que você acha, senhor de todos os engenhos da mata Sul? - João Pedro sentiu seu coração bater mais forte e viu quando Ibiapino vinha se aproximando ao deixar Luiza, aos cuidados da criada que secava a moça com devoção e ainda soluçando o último choro.

– Eu não sei. A correnteza está forte. E também não sei como ela nada. - Consegui responder disfarçando uma neutralidade inexistente antes que Ibiapino chegasse e se sentasse na relva quente.

– Do que estão falando? - Perguntou Ibiapino desfazendo uma ruga na testa aliviada por ver Luiza sã e salva.

– Germano encrenca com Luiza porque tem uma paixão recolhida. - Pilheriu Guilherme com o irmão, e Germano bebeu o último gole do licor de jabuticaba que João Pedro tinha trazido, sem tirar os olhos do rapaz. Ibiapino fechou a cara.

– Parece que todos aqui somos apaixonados por Luiza, novato. - Brincou Aداuto tentando salvar o mal-estar que corria o risco de ser instalado pelo assunto. – Mas ela não parece ser apaixonada por ninguém, ou seja, todos amam Luiza, mas Luiza não ama ninguém. - Brincou e piscou um olho para Ibiapino que arrancou um graveto de capim e enrolou numa pedra jogando no rio.

– Não acho gentil falarmos dela pelas costas e ainda mais de assunto que ela não gostaria que falássemos. - Repreendeu a todos de cara fechada e trouxe o silêncio necessário sobre aquele tema. Ele a protegia, ainda mais que os outros, ele a respeitava e a idolatrava, e nunca iria permitir que a desrespeitassem. Era o jovem abolicionista honesto, ético e leal. Assim, todos mudaram de assunto quando o próprio Germano arrumou um que conduziu entre risadas, aperitivos e merendas. O sol esquentava e já era hora de voltar, cada um para suas casas, seus palacetes, enquanto Ibiapino tinha todo um resto de domingo para amargar sua solidão num minúsculo quarto de pensão barata e suja. E foi por isso que não quis voltar para casa, era como se não tivesse para aonde voltar. Despediu-se dos outros e de Luiza, principalmente, que foi a primeira a querer ir embora. Seguiu seu passeio margeando o rio na direção do engenho Caxangá, sentido inverso ao curso do rio - e dos amigos também. Para lá era mais tranquilo e assim suas roupas poderiam secar no corpo, sem precisar lavar com a pedra de sabão feito de sebo de cabra. Olhava o verde dos mangues que desciam seus cabelos para serem lavados pelas águas do rio; as garças, branquinhas, colorindo a cabeleira verde do mangue, desciam em voo rasante procurando caranguejo na lama. Ouvia seus gritinhos roucos se

misturar ao som das águas que corriam procurando o mar. Era domingo! Recife ainda dormia das farras, serestas e serenatas da noite festiva do sábado de ontem. Algumas beatas de igreja passavam apressadas, com suas cabeças cobertas pela mantilha branca de renda, em direção à igreja Nossa Senhora do Carmo<sup>45</sup> para a missa domingueira. Ibiapino não tinha pressa nenhuma. Parou ao lado da Casa de Detenção,<sup>46</sup> ainda no lado esquerdo do rio, onde se erguia aquele prédio em forma de hélice de moinho. Olhou para cima, os presos tinham os braços estendidos para fora das grades grossas de ferro a fim de curtir a pele de sol. A liberdade andava escassa por ali. E não adiantava nada morar num prédio arquitetonicamente tão lindo, com vista para o rio, se não se tinha liberdade. Era a maior cadeia do Brasil naquele século XIX, o que não era nenhum orgulho na ótica de Ibiapino, o que só vinha a significar que o crime andava aumentando, e as leis também. Entretanto, ao olhar para as grades só conseguia ver braços negros estendidos para fora à procura do sol. Nenhum senhor branco ia preso ao matar seu escravo.

Ele olhava enternecido o descer das águas do rio que corria solto, sem cabresto, livre como nenhum homem consegue ser até então, nem como homem, nem como rio. O homem só é totalmente livre em pensamento e o rio somente enquanto o homem não desvia seu curso. O resto é natureza pura. A cabeça de Ibiapino começava a esquentar com o sol; ameaçada de estourar de tanto pensar e de tanto sol, ele começa a ficar triste, desiste de seguir margeando o rio em sentido inverso à descida das águas, em direção ao engenho São João da Várzea do Capibaribe<sup>47</sup> - lugar onde tinha sido enterrado seu umbigo -, e dá meia volta rodeando a casa de detenção, aproveitando a sombra dos pés de manga, e retorna em direção

---

45 A **Basílica e Convento de Nossa Senhora do Carmo** é um conjunto arquitetônico católico pertencente à Ordem Carmelita, localizado na cidade do Recife, em Pernambuco, que em 1665, o Capitão Diogo Cavalcanti Vasconcelos deu início às obras de construção da igreja, mandando executar, às suas expensas, a capela-mor, sem a licença real que, requerida em 1674, só foi concedida em 8 de março de 1687. A nave do templo foi terminada em 1742, e em 1754 foi colocado o sino na torre, sendo o frontispício concluído em 1767. A conclusão do convento deu-se antes, em 1730. Em 1909 a Virgem do Carmo foi proclamada a padroeira do Recife ensejando um feriado municipal no dia 16 de julho.

46 Em 1848 a Lei provincial 213 autorizou a construção de uma **Casa de Detenção no Recife**, com projeto do engenheiro pernambucano, José Mamede Alves Ferreira. Assinada uma portaria, em 1850, determinando sua construção, que se iniciou no mesmo ano. Em 25-04-1855 foi inaugurada, porém a conclusão da obra só se deu em 1867. Em 1973 a cadeia foi desativada, os presos transferidos para a Ilha de Itamaracá, e aproveitando a ideia do artista plástico e ceramista, Francisco Brennand, foi transformada num centro de cultura e arte, denominado Casa de Cultura.

47 A **Várzea** teve a sua primeira povoação no século 16. A pequena comunidade era originária do Engenho Santo Antônio, fundado nos primeiros anos de colonização pelo português Diogo Gonçalves. Além do Santo Antônio, outras 16 fábricas de açúcar ficavam situadas na região, formando a chamada Várzea do Capibaribe. Antes disso, na primeira metade do século 17, os principais engenhos da Várzea do Capibaribe eram três: São João, Engenho do Meio e Santo Antônio, todos de propriedade de João Fernandes Vieira. No alto de uma colina, nas terras da família Brennand, está hoje o que foi a casa grande do Engenho São João. Ela foi fabricada na Bélgica, adquirida nos Estados Unidos em 1897, e montada em solo pernambucano, em 1902.

ao Oceano Atlântico. Resolve atravessar a ponte de ferro,<sup>48</sup> aquela obra arquitetonicamente da Boa Vista que encantava os olhos de quem a olhava e a alma de quem a atravessava. Os ferros formavam figuras geométricas na visão do passante, fazendo o rio escorrer por entre desenhos; as sombras dos desenhos pairavam no chão lembrando as aulas de geometria do jovem abolicionista. No meio da ponte tinham barracas de doces vários, café, tapioca, beiju, tortas e bolos de uma infinidade de sabores, menos o Souza Leão que não era para qualquer bico. A feira era popular, e o famoso bolo Souza Leão tinha a receita guardada em segredo pela família do mesmo nome.<sup>49</sup> Era servido apenas em pratos finos de porcelana ou cristal nas confeitarias chiques recifenses e dentro do clã da família que inventou o tal bolo, uma especiaria de encher a boca até dos anjos mais resistentes à gula. Porém, esse ainda não era o preferido de Ibiapino, que tinha um paladar mais simples por ter vindo da senzala, apesar de criado entre a casa grande e a senzala. Era o preferido de Luiza - menina prima dos herdeiros detentores do segredo da iguaria -, mas não dele. Ele gostava mesmo era da torta da sua fruta preferida: abacaxi. E do abacaxi não se perdia nada, tudo se aproveitava. Na casa-grande do engenho se fazia o ponche com o miolo da fruta esmagada e coada com água e acrescentando açúcar do engenho; na senzala se aproveitava as cascas - jogadas fora pela casa-grande -, para se fazer o ponche. As cascas do abacaxi eram colocadas de molho, de um dia para o outro, dentro da água que era açucarada no dia seguinte com pedaços de rapadura preta, muitas vezes furtada pelos escravos no afã de tornar mais doce a vida amarga que o destino lhes reservara nas mãos dos brancos. Ibiapino para de frente a uma banca de madeira repleta de quitutes, bolos e tortas, e seus olhos são congelados na torta de abacaxi. Estava tão amarelinha coberta com rodela da fruta madura e exalava um cheirinho típico da sua infância, *chilando* na cozinha da casa-grande do engenho São João da Várzea do Capibaribe, entre a casa-grande e a senzala, claro. Ele apalpou o bolso da calça e sentiu a decepção encher sua boca de um líquido amargo: não tinha um tostão furado! Fechou os olhos, tragou o último

---

48 **Ponte da Boa Vista** é uma ponte recifense sobre o Rio Capibaribe, ligando a Rua Nova, no bairro de Santo Antônio, à Rua da Imperatriz Teresa Cristina, no bairro da Boa Vista. É a ponte mais típica da paisagem urbana recifense, conhecida também como ponte de ferro foi mandada construir por Maurício de Nassau, em 1640.

49 O **bolo Souza Leão** recebeu o título da família pernambucana de mesmo sobrenome, dona de vastos engenhos, e com raízes nos municípios de Jaboatão dos Guararapes e Moreno. É um dos mais antigos doces do estado e conta-se que teria sido servido ao Imperador Dom Pedro II e sua esposa, a Imperatriz Teresa Cristina, em 1859, que apreciaram demais a iguaria em visita a Pernambuco. A receita teria sido adaptada de uma receita francesa pela matriarca da família Souza Leão, dona Rita de Cássia Souza Leão Bezerra Cavalcanti, esposa do coronel Agostinho Bezerra da Silva Cavalcanti, senhor do engenho Bartolomeu. O bolo era servido em pratos de porcelana ou cristal, e na sua receita contém massa de mandioca (ou massa puba como era chamada), leite de coco, açúcar, manteiga e ovos (muitas gemas). O quitute foi estudado pelo sociólogo pernambucano, Gilberto Freyre, e recebeu o título de Patrimônio Cultural e Imaterial de Pernambuco, através da lei estadual 357 de 2007.

cheiro açucarado do abacaxi e já ia se preparando para continuar sua travessia na ponte quando uma voz lhe fizera abrir os olhos.

– Professor? - Ele ainda hesitava em abrir os olhos com vergonha que alguma pessoa conhecida lhe adivinhasse a situação de penúria misturada ao desejo de comer a torta de abacaxi. – Professor? Bons dias. - A voz era feminina, sempre era mais fácil se desvencilhar de uma mulher do que de um homem, para ele. Os homens queriam sempre conversar sobre preço de açúcar, de escravos, de cachaça, de mulheres da vida, e não aceitavam nunca uma desculpa qualquer para deixá-lo seguir o caminho. As mulheres respeitavam mais seu silêncio e sua indiferença, ademais, elas pouco se interessavam pelas conversas abolicionistas dele. Abriu os olhos! Abriu os olhos e viu uma mulher negra, jovem e roliça que lhe parecia familiar. Quase sorriu! Era uma jovem escrava que vendia guloseimas para sua dona, a fim de juntar dinheiro para comprar a própria liberdade, pois a do filho tinha sido garantida pela lei do ventre livre, ao contrário do amigo escravo a quem se referiu João Pedro, o menino branco do engenho da zona da mata sul. Agora se lembrava bem daquela senhora escrava, sim, estava se lembrando. – Meu menino é seu aluno, não está lembrado? O moleque Cicinho.

– Perfeitamente! Cícero! - Afirmara ele – Como vai o menino, Dona Arcelina?

– Aperreando no meio do mundo. Correndo campinas pelo engenho atrás de matar passarinho. Depois das suas aulas findadas, não está bom não. E não quer me ajudar com a *torda* de quitutes. - Mostrou a banquinha repleta de bolos, tortas, cocada de coco e de jaca, tapioca de coco com queijo de coalho e outras guloseimas, cada uma mais deliciosa que a outra.

– Compreendo. A senhora veio do engenho para vender aqui? Faz tempo que está na ponte de ferro?

– Toda a vida do urubu, meu *fió*. Mas o moleque já está taludinho, não quer mais empurrar a carroça. Tem vergonha dos pareceiros.

– A senhora pode marcar para a próxima sexta-feira, à tarde, que eu dou um pulinho no engenho e dou uma aula para ele.

– Perdão, doutorzinho, mas eu não posso pagar mais não. Tenho que guardar cada tostão para comprar minha alforria. Depois a gente vê como fica.

– Mas ele estava indo tão bem, já lia a cartilha que emprestei. Eu já disse a senhora que a gente se ajeta, depois da alforria a senhora paga... somente a metade. Está feito! Somente a metade depois da sua carta de alforria. O menino não pode parar de estudar, não. Ele é inteligente. - A senhora, com a ponta do avental branco, limpou uma lágrima, no canto de um olho, que insistia em marejar a visão.

– Oh, meu Deus, só Ele... - Levantou as mãos para o céu. – Só Deus para lhe pagar tanta bondade. Meu moleque tem cabeça boa mesmo para estudo? Tem tutano? O senhor acha? Todo mundo diz que escravo não aprende, que negro é burro.

– Nunca acredite nisso, mas também não perca seu tempo ouvindo e discutindo baboseiras que não são verdadeiras. Está combinado, sexta-feira.

– O senhor aceita um pedaço de torta de abacaxi? - Ele apalpou novamente o bolso vazio, porque vazio era seu estado normal, e suspirou fundo o cheiro da torta.

– Não, muito obrigado pela gentileza.

– Por favor, aceite, senão vou pensar que a minha torta não é a melhor da ponte de ferro de Recife. - Riu a escrava mostrando seus dentes ainda brancos e completos. - Ele respirou, mais uma vez, e dessa vez prendendo disfarçadamente o ar para melhor tragar o cheirinho da torta misturado com o cheiro do manguê do rio, a fim de mantê-lo alguns instantes na memória enquanto terminava de atravessar a ponte de ferro.

– Não, não, obrigado. Na realidade já está quase na hora do almoço, eu também merendei com os amigos no piquenique de banho de rio de onde estou voltando. - Resistia ele entre a fome, o desejo e a vergonha de não ter dinheiro.

– E o que é que tem? Torta de abacaxi nunca é demais. É só um taquinho. Um tiquinho de nada. - Insistia ela já cortando o pedaço de torta que se desvenilhava do restante da travessa numa orgia gastronômica aos olhos de Ibiapino, que já sentia as tripas roncando atiçadas pelo cheiro do abacaxi caramelado. Ela pegava um pedaço de folha de bananeira e acomodava o pedaço de torta com a faca pequena. Aquilo já era demais! Ele estava paralisado, como em transe.

– Senhora! - Despertara da inércia acovardada da sua situação de pobreza. - Eu me esqueci de trazer comigo o dinheiro. - Mentiu! Apalpou novamente o bolso da calça somente para justificar a honradez de não ter onde cair morto, mas que ninguém precisava ter certeza do que todos desconfiavam.

– Oxe, professor doutorzinho, e desde quando precisa de dinheiro para comer um taquinho da torta que faço com tanto zelo? Desde quando? Assim o senhor me ofende. - Esticava ela a mão com o pedaço de folha de bananeira e nela o pedaço de torta de abacaxi em cima. – Tome, pegue, homem. - Ele pegou! Como ser humano que era não lhe cabia resistir a todas as tentações, apesar de Oscar Wilde ter dito justamente o contrário. Tirou a mão do bolso vazio e pegou a torta da mão da escrava sorridente. Sorriu também. E, quase tremendo, deu a primeira mordida naquele manjar dos deuses do Olimpo. Mastigou em câmera lenta, de um lado e do outro da arcada dentária, prendeu o pedaço da fatia no céu da boca a fim de prolongar o prazer e saciar o desejo do cérebro. E finalmente engoliu. E assim pôde soltar o ar preso nos pulmões.

– E então? - Ria a escrava querendo saber o veredicto do abolicionista quase advogado.

– É coisa do outro mundo! Manjar dos deuses! Meu Deus! Sua torta é a melhor do mundo. Quem poderia me matar por isso?



– Oxe! E quem havia de querer matar o senhor por isso? - Gargalhava a dona da banca de quitutes que tinha a receita da torta na ponta da língua, mas não dava para ninguém a fim de manter o monopólio da clientela e juntar o dinheiro da carta de alforria.

– Já sei que a receita é segredo de Estado. - Suspirou Ibiapino com pena de dar outra mordida na fatia da torta de abacaxi e antecipar o fim do prazer daquela sensação de céu.

– Oxente, e *apô!* As escravas e sinhazinhas se rasgam querendo saber. Mas eu não revelo nem no tronco, debaixo de chibatadas. É meu ganha-pão, seu Ibiapino.

– Com toda razão. Então vamos fazer o seguinte: a aula de sexta-feira já está paga. Apronte o menino, dê-lhe um banho, que higiene faz bem para a saúde, também faz parte da educação e da aula, viu?

– Viu! - Concordou a escrava. – Pode deixar que eu mando aquele moleque danado tomar banho no rio, está cheinho que dá gosto. Choveu demais para as bandas de lá.

– Muito obrigado, dona Arcelina, tenha um bom domingo. - Despediu-se Ibiapino com toda educação acumulada ao longo da sua juventude de menino que se cria entre a casa-grande e a senzala, misturando aqui e ali identidades e se perdendo em crises da própria identidade.

Ele seguiu seu caminho contando os passos na ponte de ferro, olhando o descer do rio, as vitórias-régias, as garças voando brancas no verde mangue do rio e mordendo a torta, devagarinho e em pedaços muito pequenos. Voltou ao quarto de pensão onde não tinha nada. Exatamente nada para ele, salvo os livros: desgastados, empoeirados e emprestados. De frente à pensão ele para, ainda mastigando o último farelo da torta de abacaxi, mantendo o pedaço de folha de bananeira na mão - queria guardar para si mais um bocadinho do cheiro -, a fim de recordar daquele dia ensolarado de domingo, como quase todos, aliás. Mas naquele domingo ele comeu torta de abacaxi. Arqueou os olhos para a janela do seu quarto e olhou para suas meias - encardidas, furadas pelo uso do tempo -, estendidas na corda ao sabor do vento que desembocava no corredor da travessa que se ligava ao Capibaribe. Era sua realidade. A torta de abacaxi era apenas fantasia. Seu domingo terminava ali guardando o pedaço de folha de bananeira no bolso.

PARA OS DEMAIS JOVENS, seus amigos, ao contrário dele, o domingo apenas começava. O que era um meio-dia de domingo de sol a pino para filhos de senhores ricos de engenho, que voltam de um piquenique com banho no rio Capibaribe?

– O domingo é uma criança. - Gritava o galego Germano que era o mais anarquista de todos. E os demais respondiam às gargalhadas enquanto olhavam Luiza que se dirigia ao cupê que chegava conduzido por um chofer, enviado pelo pai

para levar a moça e a criada de volta ao engenho São João da Várzea do Capibaribe.

JOÃO PEDRO acompanhou o restante do grupo de rapazes. E para tristeza de todos, Luiza tinha ido embora com a criada e o motorista do cupê<sup>50</sup> do seu pai que tinha enviado para buscar a donzela em segurança e bem acompanhada. O pai era moderno, mas não abria mão da segurança e conforto da filha. Todos esperaram a moça subir no cupê na Rua da Aurora. Germano ainda fez uma piada no meio do grupo ao vê-la subir na carruagem, ajudada pela criada a administrar a saia e os tantos babados.

– Quem tem um cupê desse precisa de tantos babados? - Os demais riram e João Pedro ainda ficou olhando o carro brilhando, debaixo do sol quente, que conduzia a moça e a criada tendo o chofer segurando as rédeas de quatro cavalos alazões lindos e potentes. – Seu pai tem um desse, João Pedro? - Perguntou o jovem quando percebeu o fascínio de João Pedro pelo cupê.

– Não. Esse é mesmo muito bonito.

– E espera só pra ver chegar o automóvel<sup>51</sup> que o pai dela encomendou.

– Oh, não! - Exclamou João Pedro mais que admirado. – Do senhor Benz? Mas titio disse que é recentíssimo o lançamento do automóvel na Alemanha por Her<sup>52</sup> Benz, que nomeou a marca em homenagem a sua filha, *Freuleine*<sup>53</sup> Mercedes!

– Sim, mas o barão, o pai de Luiza, é tão moderno e futurista que já encomendou o primeiro. Só que tem que se debater com a burocracia, a morosidade mater da monarquia que sonha em ser República, e por outro lado com a disputa com o jovem Santos Dumont<sup>54</sup>, que como futurista que é, também quer ser o primeiro a importar um modelo. Seu pai também tem interesse no automóvel sem cavalos? - João Pedro riu.

– Oh, não. Meu pai não teria coragem de entrar num automóvel moderno, assim, não. É muito veloz<sup>55</sup>. No máximo um cupê francês. Ele é conservador demais. Demora em aceitar os novos tempos, as novas coisas.

– É um senhor de engenho escravagista? - Perguntou Aduino.

---

50 O *Coupé* ou Cupê é uma carruagem do séc. XIX originária da França. Tem quatro rodas, é puxada a cavalos, é coberta e tem um único banco para dois passageiros, que viajam virados para a frente.

51 O ano de 1886 é considerado o ano de nascimento do **automóvel moderno - com o Benz Patent-Motorwagen**, inventado pelo engenheiro alemão Karl Benz (1844-1929). Carros movidos à energia elétrica apareceram no século XX, mas praticamente desapareceram de uso até o século XXI

52 **Senhor**, em alemão.

53 **Senhorita**, em alemão.

54 Pode-se dizer que a **era automobilística nasceu no Brasil no dia 25 de novembro de 1891**, quando desembarcou no porto de Santos, do navio Portugal, o primeiro carro importado, adquirido pelo jovem inventor do avião, **Alberto Santos Dumont** (Minas Gerais, 20-07-1873 - Guarujá, São Paulo, 23 de julho de 1932) que mais tarde seria conhecido como o “Pai da Aviação” no Brasil.

55 Os primeiros automóveis atingiam uma velocidade média de 30 km/h.

– Sim. - Respondeu o rapaz de engenho de escravos, mas sem deixar de ficar encabulado. – E o seu não?

– Já foi. Todos os nossos pais, avôs e bisavôs foram. Mesmo os que vieram da Europa do Norte não trouxeram de lá as novas ideias libertadoras. Acho até que já vieram para cá para continuar com a mão de obra barata, lucrativa e bastante cruel. Mas nós, da nova geração, estamos aqui para mudar. E para que o mundo não nos cobre para sempre os erros dos nossos antepassados. Você também é abolicionista? - Aduauto saciava a curiosidade de todos pela figura nova de João Pedro no grupo.

– Sou contra a escravidão do homem pelo homem. Não acho certo. Mas não mando em nada nas terras do meu pai.

– Mas já conta se for contra. - Os rapazes agora já cruzavam a ponte nova, Buarque de Macedo, por cima do rio Capibaribe, e paravam um pouco debaixo da sombra que fazia o teatro Santa Isabel. Aquele prédio exercia um fascínio sobre os rapazes e todos que por ali passavam, quer apreciassem arte ou não. – Se está entre nós é porque certamente Ibiapino viu em você um abolicionista, senão, não estaria, estou seguro disso. - Disse Aduauto olhando para a fachada do teatro.

– Ele...

– Eu sei. - Cortou Aduauto. – Você estará na reunião do Sr. Nabuco, no engenho. Não temos segredos abolicionistas entre nós. E estaremos, também, na última convenção a favor da abolição, aqui, no teatro, para sustentarmos que a lei seja assinada. O Sr. Joaquim Nabuco estará aqui e nós o protegeremos dos que não querem que ele continue lutando pela liberdade dos homens, pois os negros, ao contrário de como são tratados na nossa terra, são homens como nós, brancos. E por sermos iguais é que devemos ser todos livres.

– Acha possível que seja assinada? O imperador já teve outras oportunidades...

– Tudo tem sua hora, João Pedro. Eu também não nasci um abolicionista, mas me tornei. Ninguém aqui nasceu abolicionista, mas todos mamaram nas tetas das escravas, das amas de leite. Você também, naturalmente.

– Naturalmente... - Aquiesceu João Pedro.

Eles atravessaram a próxima ponte, a Santa Isabel, por cima do braço curvado do Capibaribe que abraçava o Beberibe formando a bacia de Santo Amaro, e finalmente chegaram à ilha do Recife Antigo e adentraram na confeitaria onde a sociedade recifense se reunia para degustar o que de mais fino tinha em doces, inclusive o bolo Souza-Leão.

## VI. O Baile no Clube do Açúcar

DE BRAÇOS DADOS COM O PAI - o senhor de engenho mais moderno, mais futurista e popular de Recife, dono dos engenhos São João da Várzea do Capibaribe -, Luiza estava impaciente, em pé, trocando de peso nas pernas e incomodada com o calor e o salto dos sapatinhos de princesa, cobertos de cetim na cor champanhe, sem contar, é claro, com a incômoda saia longa de inúmeros babados lhe pesando na silhueta.

- Papai, eu estou me sentindo uma perfeita idiota, seguindo as regras de um completo imbecil, que me faz ficar parada aqui, aguardando um otário me tirar para dançar. - Reclamou ela entre uma e outra abanada de leque procurando amenizar o calor que aquela multidão ajudava a subir o termômetro.

- São as regras, minha filha. - Procurava o pai acalmar a sinhazinha que, decididamente, não era moça que gostasse de seguir as regras do império. E ele, apesar de ser considerado moderno, não poderia infringir e liberar todas as regras para a filha única, órfã de mãe e muito querida, pois isso a deixaria - ela mesma -, numa situação delicada perante a sociedade. E ele sabia não ser eterno, não ser para sempre, - e por isso temia. Portanto, não poderia proteger sua joia rara eternamente. Ela precisava seguir as regras sociais impostas pelos escravagistas, donos do poder, donos da vida e da morte, ou pelo menos algumas das regras, ou poderia até mesmo fazer de conta que as seguia.

- Minhas pernas estão em frangalhos, papai. Eu não entendo por que não posso, simplesmente, atravessar o salão e convidar para dançar o cavalheiro que mais me apetece... - Continuava reclamando.

- Meu anjo, você entende o porquê, apenas não aceita. Uma senhorita não pode fazer isso. Não tem o direito de tomar essa iniciativa que é direito dos cavalheiros.

- Dos cavalheiros, pois sim! E por que o direito de tirar para dançar é somente dos homens? - Olhou para o pai que se enchia de paciência para controlar a filha. - Porque foram os homens que criaram as regras! - Ela mesma respondeu. - No Clube Feminista é perfeitamente possível que uma dama tire um cavalheiro para dançar. - O pai riu disfarçadamente.

- Mas o Clube Feminista foi criado por você, minha filha. Quantas feministas já se associaram? - Ela resmungou e ele não ouviu a resposta. - Quantas? - Repetiu a pergunta.

- Somente eu! - Ela deu ênfase na resposta batendo o salto do sapatinho no mosaico português do piso do Clube Social do Açúcar. O pai então riu com o enfezamento da filha e apertou delicadamente a mão dela coberta pela luva branca de renda.

– Então não é para agora, Luiza querida. O seu clube vai precisar esperar muito até que as coisas mudem.

– Não, papai, o mundo não pode continuar assim. O que eu estou fazendo nesse baile ridículo?

– Onde estão suas amigas? - O pai procurava dissuadi-la do debate feminista naquela hora e naquele lugar.

– Ora, papai! - A moça repreendia o pai. – O senhor sabe que não tenho amigas. São todas um bando de songamongas que só falam em vestidos, bordados, caça a marido, cartinhas imbecis de amor, que suspiram e desmaiam ao ver o objeto amado... por favor, isso me deixa com os nervos ao ponto de explodir. É água com açúcar demais no meu copo. - O pai ria novamente.

– Realmente, acho que Deus se enganou em lhe deixar nascer mulher. Você tem alma de homem.

– Não, senhor, eu tenho alma de feminista. Os homens são uns falsos, debochados e hipócritas.

– Eita que seu canhão está carregado hoje, minha filha. Eu também sou assim? - Ela respirou fundo e, finalmente, olhou para o pai com o olhar amoroso de uma filha que admira o pai, mudando completamente a fisionomia zangada.

– Perdão, meu pai. O senhor é o melhor homem do mundo, mas acho que também nasceu num tempo errado.

– Não é você que vive dizendo que nascemos no tempo errado para corrigi-lo e adaptá-lo?

– Tem razão, meu pai. Nós dois sabemos o quanto temos feito para preparar o terreno às nossas novas gerações. Mas o senhor não precisava me obrigar vir a um baile idiota desse para fazer os gostos da minha madrastra, linda, jovem e branca, que quer mostrar seu vestido novo vindo da França.

Um português de bigodes longos, finos e duros de goma de mandioca se aproxima de Luiza e estica a mão em reverência compreensiva de convite para dançar.

– A rapariga me dá o prazer e a honra de uma partida na dança? - Luiza, enraivecida mirou o cavalheiro como se quisesse fuzilá-lo. Mas lembrou-se das convenções sociais e, com meio sorriso amarelo no rosto, respondeu:

– É de bom alvitre, de acordo com as convenções sociais, que meu pai autorize toda e qualquer dança ou contradança, pois sou uma senhorita da mais alta corte. - E virando-se para o pai que demorou apenas uma fração de átomo de segundo e ela mesma respondeu. – E meu pai não autoriza, no momento, pois a ocasião não é propícia. - O pai, arregalando os olhos para Luiza, viu-se numa sinuca de bico, e foi obrigado a concordar com a filha imediatamente, antes que ela tornasse a situação ainda mais constrangedora.

– Senhor Pereira de Holanda Souza, queira desculpar minha filha, ela está com os sapatos a machucar seus pezinhos de princesa e ...

– E por que não se senta e toma um ponche? - Sugeriu o português e Luiza encheu o abdômen de ar.

– Porque estava sentada até agora e os pés já estavam doendo, ademais, sou alérgica a ponche. - O português deu um sorriso matreiro e alisou os fios duros do bigode. O pai de Luiza, sentindo o rumo que a conversa tomava e conhecendo bem sua filha, tratou logo de sair da companhia de Luiza conduzindo o português numa conversa que incluía família, a lavoura da cana-de-açúcar e principalmente o comércio de exportação de açúcar para a Europa, o ouro branco da região. Ao voltar encontra a filha na mesma posição dando os mesmos suspiros de irritação.

– Assim você acaba com meu comércio de açúcar, minha filha. Aquele senhor é meu melhor parceiro comercial para exportar para a Europa. Estamos agora estudando um meio lucrativo para exportar para os Estados Unidos. E você me sai com essa. - Reclamou, mesmo no seu tom calmo.

– Papai, eu não vou me casar com esse sujeito de bigodes duros de goma.

– Ele é seu pretendente mais qualificado.

– Papai! - A moça quase gritou mais alto do que a orquestra que tocava nada baixo. – E ainda me chamou de rapariga!

– O que foi, Luiza? Não grite, por favor!

– Pretendente mais qualificado, papai? Um sujeito que o povo chama de *Zezinho*? Por favor peça eu, meu pai. - Os dois, silenciosamente, riram por dentro sem perceber um que o outro ria e vice-versa.

– Onde estão seus amigos, masculinos, eu digo, para lhe tirar para dançar? Não estou vendo os galegos irmãos, Guilherme e Germano, lá do engenho Moreno. Nem Aauto.

– Ah, eles estão do outro lado do salão paparicando as estúpidas primas Souza Leão.

– Hum! Senti a voz do ciúme. Até Germano?

– Este, principalmente este que não pode ver um rabo de saia.

– As irmãs Souza Leão também encomendaram vestidos na França?

– Ora, papai, me poupe, por favor. Isso é o apogeu da idiotice. Eu não sei, não me interessa, não quero saber e tenho raiva de quem sabe. - Ela soltou o braço paterno e esticou os dedos de ambas as mãos tendo o leque no meio delas. – Eu preciso dar uma volta para respirar melhor esse cheiro de naftalina de vestido velho de baú. - Olhou ao redor. – E essas velhas de duzentos anos já estão secando minha juventude de tanto me olharem e me desaprovarem.

– Onde está Ibiapino para lhe acompanhar? Não o vi ainda.

– Papai! - Ela chamava, novamente, a atenção do pai que parecia, de fato, distraído naquela noite. – O senhor sabe muito bem que Ibiapino jamais entraria num baile idiota deste. Ademais, papai, ele não tem dinheiro para um traje de gala.

– Mas eu já disse a ele que tem crédito no nosso alfaiate para mandar fazer um terno decente.

– Mas ele é orgulhoso, papai, o senhor não sabe? Nem sei se aceitará sua oferta para a formatura que está perto. O senhor Nabuco também já ofereceu, mas ele disse não, quer comprar o terno e a beca da formatura com o próprio dinheiro.

– Mas se passa o dia inteiro estudando não sobra tempo para trabalhar.

– Está dando umas aulas particulares.

– Mas se ele dá aula de caridade, não rende dinheiro nenhum, assim como faz para o menino da escrava Arcelina. Aquele rapaz é um primor! Tem futuro! É o melhor da turma, palavras do senhor Nabuco, e vai ser laureado, sem dúvida! Mas não precisa ser tão orgulhoso. Criou-se nos terreiros do engenho, com você. Ele é quase um dos nossos. Eu mesmo comprei a alforria dele, era justo pois a mãe faleceu quando ele nasceu, coitado. Igual a você, como eu poderia manter um menino escravo sem mãe? Ademais, a mãe dele foi minha ama de leite.

– Sim, ele é o melhor, em tudo, papai. Mas eu não vou me casar com ele, ouviu? – O pai riu e se virou pegando uma taça de vinho do Porto na mesa onde estavam sua nova esposa e as senhoras de engenho fofocando cada detalhe de cada vestido e de cada dança e contradança. O pai tomou um gole de vinho ignorando a cara feia da nova esposa por ele estar dando tanta atenção e paparicos à filha órfã de mãe, enquanto ela ficava no meio das velhas sinhás fofoqueiras, sem o marido.

– Eu sei, não estou dizendo isso. É que vocês foram criados juntos, quase como irmãos, eu só confio você a ele. Ele lhe protege. Cuida de você. Não quero você solta por aí despertando a cobiça de algum garanhão que possa lhe faltar com respeito. E como você não quer se misturar às sinhazinhas, o que seria natural, eu só confio em Ibiapino lhe acompanhando.

– Então vamos dar uma volta, papai.

– Minha filha, sua madrasta já está de cara feia por estar sem o marido, compreenda. E todos que vieram me pedir a permissão para dançar com você, até agora você fez a indelicadeza de recusar.

– Então me deixe voltar para casa com a criada e o cocheiro, papai, antes que até o judeu, aquele cacheiro viajante, venha me tirar para dançar. Eu não suporto aquele homem.

– Não suporta porque ele é judeu ou porque é caixeiro viajante?

– Nem um nem outro. Não suporto porque ele é capaz de vender a própria mãe para subir na vida. Meus amigos disseram que ele tem intenção de pedir minha mão ao senhor. Não dê! Ouviu? É um disparate mesmo. Não gosto dele e pronto! Ponto final, meu Deus!

– Que sujeitinho insolente! Se você não gosta dele está resolvido. Só darei sua mão ao homem que a mereça, ou seja, aquele que ganhar seu coração.

– Isso, papai! Bravo! – Batia ela palmas com o leque entre as mãos. – Por isso que amo tanto o senhor e lhe admiro muito, porque me permite ser da geração de mulheres que não são somente escolhidas, mas que também escolhem. Eu sou uma mulher de voz, papai, de querer.

– Ainda não é bem exatamente assim, Luiza, mas me orgulho de ter a filha que vai ser a primeira mulher no Brasil a ser advogada. E isso é pioneirismo. Só

daria sua mão ao judeu se, além de ser da sua vontade, não fosse um casamento por interesse econômico dele. Não gosto de gente interesseira.

– Papai, o senhor é mesmo fantástico! Sei que daria minha mão até mesmo a um mulato alforriado que não tem onde cair morto. Mas nunca a um casamento por interesse.

– Ibiapino é um homem exemplar, Luiza, a cor dele nada importa. Mas o caráter, sim. E depois temos dinheiro suficiente para nós e para ele, se fosse o caso. Portanto, não me importa a situação de penúria dele. O que me importa é que sei o quanto ele lhe ama e o quanto não tem interesse econômico nenhum nas riquezas alheias, nem na nossa tampouco nas de outros.

– Sim, Ibiapino é bom, é honesto, trabalhador, inteligente, justo! Mas eu não o amo!

– Tem certeza que não? Não será apenas incômodo pela penúria das roupas dele, pelo fato de ele não poder frequentar os mesmos lugares que nós? - Nesse momento os olhos de lince de Luiza enxergaram, do outro lado do salão do baile - entre um casal e outro que rodopiavam -, João Pedro que se dirigia ao saguão do clube com uma taça de vinho na mão. O coração da moça disparou, as mãos gelam e ela, num impulso, pega a taça de vinho das mãos do pai e traga tudo de uma só vez. O pai nem teve tempo de resistir.

– O que é isso, minha filha? Aqui não! Não pode beber álcool em público. - Tira o copo vazio das mãos da moça que ria começando a ficar inebriada por uma sensação de prazer inenarrável – Ibiapino passou para o pátio, vou lá, não se preocupe, ele me protege. - E saiu apressadamente segurando a saia para não pisar na barra. O pai nem teve tempo de averiguar se era de fato Ibiapino, mas também o salão se enchia de casais dançando e atrapalhando sua visão. A esposa, enciumada, chamou o marido com um gesto de leque mandou que se sentasse ao lado dela.

Quando Luiza chegou ao pátio encontrou João Pedro de costas olhando a lua cheia lá no alto do céu estrelado com o pensamento em tio Cassiano. Ela tirou uma florzinha do penteado dos cabelos e ofereceu a ele.

– O senhorzinho de engenho me dá o prazer da dança? - Ele primeiro viu a mão dela estirada com a flor e se virou sem acreditar no que ouvia. – Ah, e da contradança também. - Sorriu ela completando com todo o esplendor da sua alma.

– Você está ainda mais linda com esse vestido. Ah, o penteado também. - Ele observou surpreso e segurou a florzinha da mão dela. Onde está Ibiapino? - Olhou ele ao redor.

– Não sei. Ele não é meu capanga. Mas não vamos perder tempo falando dele, não é?

– Claro! - Tossiu ele desconsertado. Nesse momento os dois foram rodeados pelos demais amigos que ainda não tinham encontrado: os galegos irmãos, Guilherme e Germano, e o primo Adauto que já tinha bebido um pouquinho a mais, a julgar pelas risadas altas que dava, mesmo sem motivo aparente.



– É claro que Luiza nos concederá o prazer de uma dança, pelo menos, e vamos aproveitar que Ibiapino não veio para pastoreá-la. - Falou Germano e caiu na risada. Os demais também.

– Oh, sinto muito, amigos, a dança é concedida pelo meu pai, se eu quiser, claro. Vocês não têm a permissão dele. - Luiza respondeu rindo debochadamente enquanto segurava, discretamente, o braço de João Pedro em direção ao salão. – Ah... - Virou-se ela para o trio masculino que se encontrava de queixo caído com a faceirice e o charmoso desprezo dela. – Como dançam as Souza Leão? Os vestidos franceses atrapalharam muito? - Acenou para os três com a ponta dos dedinhos e se misturou à multidão dançante. O salão estava repleto e João Pedro parecia pouco à vontade com os passos da capital, enquanto ela se encontrava senhora de si nos braços dele. Ele segurava a mão dela e evitava o contato mais próximo que sentia que ela provocava.

– Eu não sei dançar bem. Aprendi com mamãe, mas nunca coloquei em prática com ninguém. - Pigarreou olhando para os pés dela.

– Não aprendeu com as escravas? Algumas sabem e até iniciam os meninos no engenho. - Ele entendeu do que Luiza falava, pois era uma menina fora do comum naquela sociedade açucareira escravagista e machista. Ele levantou o braço permitindo à ela girar ao mesmo tempo que todas as outras senhoritas e senhoras no salão repleto. Encabulado preferiu levar o assunto para outra direção.

– Seu pai não permitiu que eu dançasse com você.

– É que você não teve tempo de pedir, mas na verdade, ele já tinha permitido. - Mentiu ela.

– Ele me conhece? - Ficou em dúvida.

– Quem não conhece o filho do senhor de engenho mais rico e poderoso da zona da mata sul? - Ela riu jogando o charme acumulado durante todo o início da noite, mascando a chateação de estar naquele baile sem achar graça em nada e nem em ninguém, até o momento de ver João Pedro. Dançaram e repetiram, e não se desgrudaram mais, ela mais do que ele, é claro. E já começavam a chamar a atenção dos frequentadores do baile por não trocarem de par, até que os mesmos três amigos chegaram, ao fim de uma dança, e levaram João Pedro para a mesa das três irmãs da família Souza Leão que exalavam juventude, beleza e submissão, motivo pelo qual Luiza recusou o convite e voltou para a mesa do pai.

– Luiza, você foi dançar com um estranho sem a permissão do seu pai? - A madrastra tratava de estragar o prazer da moça que ainda flutuava nos braços de João Pedro, e de lembrar o pai que parecia nem se lembrar desse detalhe. – Pode ficar falada, Manoel. - Bateu o leque no braço do marido.

– Ele não é um estranho. E não precisa se preocupar com a minha reputação, madrastra. - A resposta foi tão seca e de cara fechada que a madrastra pediu

licença e se retirou da mesa. O pai olhou para a filha demoradamente e suspirou aliviado por não ter que apartar uma discussão acalorada entre a filha e a nova esposa jovem.

– Não consegue chamá-la de mãe, minha filha?

– Ora, papai, ela é quase da minha idade.

– Não exagere! O rapaz com quem dançava também é mais novo que você.

– Por que casou com ela? Eu já estava conformada com a morte da minha mãe. E quase acostumada em ver o senhor correndo atrás de um rabo de saia de ex-escravas libertas pelo senhor. O senhor, tão moderno, abolicionista, mas na hora de se casar novamente escolheu uma branca, rica e submissa. Por quê?

– Para poder lhe dar irmãos brancos a fim de que o mundo não os faça sofrer no futuro por serem mestiços. O mundo ainda é cão, minha filha, e eu não posso pensar somente em mim. Sua mãe era branca, rica e linda como você. Nós estamos mudando nossa realidade, mas a mudança é lenta, paulatina, e não devemos pensar somente em nós comprometendo nossos descendentes.

– O senhor não é tão moderno como sempre achei.

– Talvez. Mas agora me conte, quem era o rapaz pé-de-valsa? E realmente eu não me lembro de ter dado consentimento para dançar com você. Como é o nome do rapaz?

– João Pedro. E ele é apenas alguns anos mais novo que eu.

– João Pedro de quê?

– Papai, ele tem quatorze sobrenomes, não vale a pena falar porque senão o baile acaba e eu me esqueço de dizer todos, muito menos na ordem. Ele é novato na faculdade, amigo de Ibiapino.

– Amigo de Ibiapino? Com quatorze sobrenomes? Ele não parece ser pobre.

– Não, papai, ele não é pobre, é rico como nós. É senhorzinho de engenho. Acho que Ibiapino quer convertê-lo num abolicionista de fato, por enquanto parece ser apenas simpatizante.

– Então convide o rapaz para almoçar um dia lá no nosso engenho, na casa-grande.

– Eu ainda não o pedi em casamento, papai. - Riu a moça e o pai a acompanhou beijando-lhe a mão enluvada de renda, já acostumado com os gracejos emancipados da filha amada. É claro que se ele tivesse nascido mulher seria igual a ela, por isso a identificação sem recriminação. A diferença era que seu pai, avô de Luiza, era escravagista e nunca admitiria o comportamento do filho, muito menos da neta. Foi preciso que o avô morresse para que o pai de Luiza implantasse as mudanças, as boas novas que os novos tempos exigiam. E a primeira foi libertar os escravos, dentre eles Ibiapino fora o primeiro. Comprou a carta de alforria ao dono e pretense pai do menino que era esperto, e Manoel, pai de Luiza, afeiçoara-se a ele, talvez pelo fato de ter nascido um pouco antes de Luiza, e ter ficado sem mãe no parto, igual a Luiza. Poucos meses depois foi a vez de Luiza nascer e perder a

mãe, da mesma maneira. Coisas que o destino não explica, mas Manoel, senhor filho, neto e bisneto de senhores de engenho, era um homem saído da faculdade de Direito de Sorbonne, e trazia novas ideias libertárias a serem implantadas no engenho. Casado com a primeira sinhazinha, também de engenho, desistira de seguir a carreira de jurista na capital e assumira completamente o engenho quando seu pai morreu de morte súbita. Foi a ocasião de fazer tudo o que tinha vontade, mesmo com as críticas e resistências da mãe, senhora de engenho conservadora. Luiza crescera cercada de amor, cuidados e companheirismo por um pai diferente de todos os que conhecia na região. E ela, também, tinha suas próprias ideias.

## VII. Ibiapino e Luiza confabulam

– Hum, hum, hum. - Ibiapino se deliciava com a fatia de torta de abacaxi na boca. De olhos fechados ele não podia contemplar o olhar de contentamento da moça que tinha trazido a torta do engenho. – Hum, Luiza, Luizinha. Não sei se é sacrilégio comparar essa torta de abacaxi de dona Arcelina com o céu. - A moça ria agora com os olhos e a boca também mostrando seus dentes alvos.

– Já pode abrir os olhos, seu tonto. E ainda tem a cocada de coco. A branca, que você gosta, deve ser racista. - E soltou uma gargalhada. Tinha sido ela a colocar a fatia de torta de abacaxi primeiramente sob as narinas de Ibiapino, de olhos fechados, e depois na boca dele. Estavam somente os dois debaixo do pé de acácia em flor, no pátio da faculdade. Ele também riu um riso educado, contido e reservado somente para ela. Abriu os olhos e viu as cocadas nas mãos da sinhazinha.

– Luiza, Luizinha, o que será que você quer em troca por esses mimos dos deuses?

– Ora, ora, seu bobo. Não sou interesseira. - Fingiu ela ter ficado chateada. – Apenas cheguei hoje do engenho e trouxe para você. Dona Arcelina passou lá vendendo umas guloseimas e eu me lembrei de você. Mas... se não quiser... - E faceira fechou as abas do pano de prato que cobria as cocadas brancas.

– Não, não! - Ele quase perde a compostura. – Muito obrigada. Mas, é que... fomos criados juntos, temos a mesma idade, e a gente conhece um ao outro.

– Você não me conhece. - Respondeu ela.

– Conheço o suficiente para saber que os doces não são de graça. - Engoliu o último farelo da torta e pegou as cocadas da mão dela, embrulhadas no pano de prato. – O que a doce Luizinha quer de mim? Seja lá o que for eu não devolvo os doces, principalmente a torta de abacaxi que já engoli. Fato consumado. As cocadas a gente ainda pode negociar.

– Pare com isso, seu tonto. Está parecendo o caixeiro viajante.

– Quem?

– Ora, ora, Ibiapino! O judeu que anda espalhando que sonha em casar comigo.

– Ele que não se atreva a lhe incomodar ou vai se ver comigo. - Pigarreou o rapaz franzino querendo mostrar uma valentia que não tinha. – Ele anda a lhe incomodar?

– Mandei devolver as cartas dele, evidentemente, e ameacei contar ao meu pai.

– E contou?

– Foi só cena, papai já sabe, é óbvio. Mas sempre é bom deixar parecer que

papai é um fidalgo conservador e valente capaz de mandar surrar qualquer um que se aproxime da filhinha única dele.

– Ah! É verdade! Mas o que tem isso a ver com a torta de abacaxi e as cocadas?

– Preciso de um favorzinho seu. Mas é segredo de justiça! - Decreta ela. A moça alisa as tranças ajeitadas para frente e se aproxima mais do rapaz a fim de não permitir que alguém que passasse pelo pátio ouvisse a conversa ou que se sentisse atraído pela sombra dos cachos amarelos do pé de acácia. Abre o leque e cochicha no ouvido do rapaz que arregala os olhos e devolve as cocadas.

– Acho que você anda lendo muito José de Alencar,<sup>56</sup> Luiza. - Respondeu assustado, Ibiapino, depois que Luiza cochichara ao pé do ouvido dele o tal assunto de segredo de justiça. – E é isso que chama de ‘favorzinho’?

– Sim e sim. Chamo de favorzinho porque não se trata de um favorzão. E ando lendo José de Alencar, sim. Principalmente relendo *Senhora*. - Riu a moça com todos seus apetrechos de sinhazinha indomável. – E você também não anda para lá e para cá com *O Mulato*<sup>57</sup> debaixo do braço?

– Mas o que me pede é impossível! É perigoso demais! Você sabe o que acontece nesses ambientes? Você, pelo menos, imagina?

– Sei e imagino. Mas agora eu quero ver.

– Não é para você, pelo amor de Deus, Luiza. Se alguém descobrir, eu estou perdido. Padrinho me mata.

– Eu sou esperta e você não é besta. Ninguém vai saber. Ficará apenas entre nós dois, segredo de justiça: eu e você somos o segredo, e a justiça é a nossa faculdade. - Ria debochando da situação.

– E para que tanta curiosidade? E para que correr tantos riscos nessa empreitada sem fundamento? Eu mesmo não sou frequentador, já estive uma vez, confesso, mas não me apetece.

– Ibiapino, você não representa o comum dos homens. - E como Ibiapino não dissesse sim nem não, Luiza tomou como sim. – E tem mais. - Disse ela antes de terminar.

– Mais? - Indagou ele, já tremendo, sem conseguir atinar qual seria o outro favorzinho absurdo que a menina dos seus olhos lhe pediria a seguir.

– Uma besteirinha, só! Preciso daquela sua peruca da peça de teatro.

---

56 **José Martiniano de Alencar** (Messejana, Ceará, 01-05-1829 - Rio de Janeiro, 12-12-1877) foi um escritor e político brasileiro. É notável como escritor por ter sido o fundador do romance de temática nacional, e por ser o patrono da cadeira fundada por Machado de Assis na Academia Brasileira de Letras. Autor de várias obras como *Senhora* (1875), *Iracema*, (1865) e *O sertanejo* (1875).

57 *O Mulato* é o segundo romance de **Aluísio Tancredo Gonçalves Azevedo** (14-04-1857, São Luís, Maranhão - 21-01-1913, La Plata, Argentina) escrito no ano de 1881. Ele foi um romancista, contista, cronista, diplomata, caricaturista e jornalista brasileiro, além de desenhista e pintor. Foi responsável pelo início do naturalismo no Brasil.

- Já entendi. E as roupas também? - Ela riu com a mão na boca.
- As suas? - Riu novamente. – Não! As de papai servem. Não sou uma moça baixa e ele também não é tão alto. Dou uma dobradinha aqui e ali e está tudo certo. Mas quero os bigodes da peça de teatro.
- Entendi e entendi também que com as minhas roupas você não entraria em lugar nenhum.
- Aliás, sugiro que aceite se vestir com as de papai também.
- Luiza, eu não me sinto bem e ... - Ela cortou a explicação dele que resultaria, naturalmente, numa negativa. – Eu sei, eu sei, eu sei. Já sei! Mas pare de romantizar um Tostói<sup>58</sup> com aventuras quixotescas<sup>59</sup> com síndrome de Sancho Pança<sup>60</sup> e siga minhas orientações.
- Mas que raio de ideia foi essa? Quem botou isso na sua cabeça?
- Estou escrevendo um artigo para uma revista feminina sobre o Clube Feminino. Preciso de material.
- Que revista é essa?
- Ibiapino não me encha o saco com perguntas infrutíferas e vãs. É uma revista francesa.
- Às vezes você consegue me surpreender, até a mim que acho que lhe conheço, Luiza. Seu pai disse que nesse clube feminino só tem você. Você sabe o tamanho da minha responsabilidade? Os rapazes não podem me ajudar se algo der errado, entende?
- Entendo perfeitamente e sei que você me protegerá. Mas não seja pessimista. Você é ator e eu minto desde que me entendo de gente.
- Luiza, eu fico até assustado da maneira como você fala. Uma sinhazinha de engenho, uma moça de respeito. Você precisa ter cuidado com as palavras.
- Está bem! Terei cuidado com as palavras e deixarei soltas as ações. E tome! - Colocou nas mãos dele a trouxinha de cocadas embrulhadas no pano de prato. – Deixe de ser tonto! Como pôde imaginar que eu seria capaz de pensar que lhe compraria com cocadas e torta de abacaxi? Você é um homem ou uma formiga? Deixe de bobagem, eu só queria adoçar um pouco essa sua amargura, esse fardo que carrega sozinho e sem descanso.
- Luiza... Luizinha.
- Não tem Luiza, nem Luizinha, nem nada. Você sabe que quando quero

---

58 **Liev Nikoláievich Tolstói ou Leon Tolstói** (Governorato de Tula, 09-09-1828 - Astapovo, 20-11-1910), foi um escritor russo, amplamente reconhecido como um dos maiores de todos os tempos. O autor de Guerra e Paz, nascido em família rica e bem sucedido na literatura, terminou seus dias distribuindo seus bens com os pobres.

59 **Dom Quixote de la Mancha**, livro do escritor espanhol, **Miguel de Cervantes** (1547-1616), que teria surgido em primeira edição em 1605 e em segunda em 1615, na Espanha.

60 Personagem de **Dom Quixote de la Mancha**.

uma coisa não desisto facilmente. - Ele estava de cabeça baixa e ela o observa em seu silêncio constrangedor.

- Você sabe que... olhando bem para você, Ibiapino, é claro que trocando suas roupas... lhe fazendo sorrir...

- Ora, ora, Luiza, só falta você tentar me seduzir dizendo agora que sou bonito.

- Feio você não é. - Desatou ela um riso involuntário que o fez ensaiar um riso também.

- O que eu faço com você? - Ele enfia as cocadas no bolso do paletó usado na água e no couro e respira fundo. - Você sabe que seu pai pode revogar minha alforria caso eu pratique algum ato impróprio contra ele ou sua família?

- E é com isso que está preocupado, Ibiapino? Meu pai nunca faria isso com você simplesmente porque você nunca faria mal a ninguém da nossa família.

- Concordar com o que você me pede é um ato ignóbil que pode me deixar em maus lençóis.

- Você disse bem: pode! Mas isso não vai acontecer, e se acontecer eu assumo toda a responsabilidade. Digo mais: que lhe obriguei.

- Luiza, seu pai é tão bom. Não o decepcione, não perca a confiança que ele tem em você. Eu também não posso trair a confiança que ele deposita na minha pessoa.

- Não recomece, Ibiapino, chega desse discurso porque você não está no parlatório da faculdade. - Como não obedecer a menina branca e bonita, possuidora do seu amor? Como não atender ao pedido da menina que se despedia jogando beijo ao ar? Ele pega uma cocada e com a boca cheia confessa para si mesmo: - Eu sou uma formiga!





## VIII. O Cabaré da Francesa na Ilha do Recife

A ilha fervia de carruagens puxadas por cavalos, e homens de preto com cartolas negras que circulavam ao cair da noite, enquanto a cidade era iluminada por lampiões, que em 1822 começaram a ser abastecidos com azeite de mamona e óleo de peixe, passando em 1859 a receber gás das mãos dos empregados da prefeitura. Um a um iam denunciando as sombras. Os mascates fechavam as lojas. A noite pulsava.

Dentro do cupê do pai de Luiza, parado em frente à confeitaria, ouvia-se o cochicho da moça para a empregada, ex-escrava.

– Desça e distraia o nosso cocheiro. Leve a sacola. Não o deixe me ver. Acerte com ele o horário e me espere no mesmo local.

Feito! Enquanto a ex-escrava puxava conversa com o cocheiro, Luiza escorrega do cupê vestida com as roupas do pai e trazendo acima da boca um bigode fino arrebicado para os lados. Entra na confeitaria aquele rapaz branco, de cabelos acima dos ombros e bengala numa das mãos. Para logo na entrada e observa o recinto. Ajeita os óculos redondos que ameaçavam cair por falta de hábito. Anda devagar com uma mão num dos bolsos da calça preta que combinava com o paletó da mesma cor e para ao lado da mesa do solitário rapaz mulato.

– Boa noite, Senhor Ibiapino. - O rapaz arqueou as sobrancelhas, e os olhos ficaram pregados na figura de Luiza. – Posso me sentar? - Ele ensaiou se levantar e puxar a cadeira para ela, mas se lembrou que certas gentilezas só se faz às mulheres. Ela se sentou ainda segurando o riso perante o olhar surpreso dele.

– Toma alguma coisa? - Ele recuperou o fôlego e a palavra.

– Sim. - Respondeu ela após se sentar, apoiar a bengala no braço da cadeira e tirar o chapéu preto. – Cachaça. - Ele, que tinha levado a xícara de café à boca, engasgou-se com o líquido.

– Está louca? - Pegou o guardanapo e limpou a boca ainda tossindo abafado.

– Louco! - Corrigiu ela.

– Você não pode, entendeu? Senão vai botar tudo a perder e nos denunciar.

– Mas não é o que os homens bebem? Eu não vou para lá tomar café, não? Ou chá? - Ele pensou, pensou, pensou e respondeu.

– Podemos fingir que você bebe cachaça, o copo é de vidro branco que pode ser preenchido com água. Cachaça é muito forte, você não aguentaria.

– E você... aguenta?

– Todos sabem que eu não tenho dinheiro, por isso não bebo. Vou pedir um caldo de cana com pão doce para você.

– Caldo de cana, Ibiapino? Mas se é o que eu mais tomo no engenho? - Ele

se levantou mostrando um fio distante de impaciência e tirou uma moeda do bolso para pagar o café, mas ela já tinha depositado na mesa a sua moeda.

– Faço questão, amigo. - E se dirigiram à rua que fervilhava de gente à procura dos prazeres proibidos à luz do dia e camuflados à noite.

– Fale mais grosso, por favor. - Pediu ele quando Luiza dirigiu-lhe, novamente, a palavra.

– É que eu sou um franguinho trocando de voz para virar galo. - Riu ela e ensaiou engrossar mais um pouco a voz tão fina e, como diriam os franceses, *assez féminine*. E entraram no cabaré da francesa. – Você ficou muito bem com as roupas de papai. Elegante de cartola, deveria usar mais.

– Gostaria de dizer ao *senhor*...- Pigarreou. – Que estou me sentindo um idiota nessa fantasia de senhor de engenho em baile de carnaval de Veneza numa Recife maurícia. - Pararam em frente ao porta-chapéus do cabaré que fervilhava de senhoritas convidativas com um cigarro na boca, alongado pela piteira, e na outra mão uma taça de champanhe.

– Vou querer beber champanhe. - Animou-se Luiza.

– Informo ao *senhor* que os homens não costumam beber champanhe.

– Informo ao *senhor* que o senhor está ficando chato demais no controle e que podem pensar que temos algum sentimento aleatório proibido pela lei da natureza dos homens. - Caminharam à procura de uma mesa desocupada. – E também que estou me sentindo muito bem nessas roupas, aliás, é muito confortável ser homem, ou pelo menos se vestir como eles. Não sei por que alguns gostam de se travestir de mulher, não é nada confortável ser mulher, ou pelo menos ser da forma como nos impõem nos vestir e nos comportar. - Ibiapino pigarreia com a chegada da madame Mimi, uma loira alta de olhos azuis e cabelos presos no alto da cabeça.

– *Bonsoir messieurs, bienvenus au cabaret*. - Olhou fixamente para o rosto branquinho de Luiza e para o mulato de Ibiapino, e voltou os olhos para Luiza. – *vous êtes... un couple?*

– *Non!* - Respondeu Luiza engrossando a voz com ênfase.

– *Pardon! Oh, pardon! Mas aqui tout é permitido, d'accord?* - Os dois aquiesceram com as cabeças e a mulher prosseguiu caminhando e os acomodando numa mesa. – *Boire? O que bebem, messieurs?*

– Uma garrafa de cachaça, uma de água e copos. - Pediu Ibiapino.

– *Biensur! Et pour manger?* - Pigarreou com um sorriso destro no rosto. – Querem já escolher a *mademoiselle*?

– Agora não. - Respondeu Ibiapino tentando esconder seu vexame. – Vamos beber um pouco e talvez dançarmos antes.

– *Excusez-moi*. - E se retirou a mulher deixando no ar seu perfume francês

falsificado.

– Eu pensei que você fosse escolher. - Sorriu Luiza encabulando ainda mais Ibiapino.

– Ora, por favor, Lui...

– Luiz! - Completou ela. – Mas não é para isso que os homens vêm aqui? Então eles bebem e dançam antes? E depois escolhem as mulheres? E depois?

– Eu não acredito que estou aqui com você fazendo e falando disso. - Ele toma o copo de cachaça servido por uma moça branca e roliça, e em seguida enche o copo de água e disfarça passando para Luiza. – É a sua cachaça, senhor. É isso, podemos beber e sair, já está visto para você.

– De jeito nenhum! - Respondeu ela se virando para a nuvem de fumaça que saía das piteiras das mulheres e dos cachimbos e charutos dos homens. A música tocava alta e o salão já começava a se encher de casais formados e rodopiando numa valsa vienense. – Mas a música é a que toca lá em casa. - Comentou surpresa.

– Podemos ir?

– Claro que não. Onde estão os irmãos do engenho Moreno, os galegos Guilherme e Germano? E Aduato? E João Pedro? Você marcou com eles, não foi? Eu soube que os acadêmicos de Direito apreciam bastante esse lugar masculino. - Riu.

– Eles sempre chegam atrasados, mas também são os últimos a sair. Não precisamos esperar por eles, você já pode começar a pensar no que vai escrever no seu artigo para a revista feminina. Mas cuidado, não sei qual mulher vai querer ler. É necessário usar um pseudônimo. E masculino.

– Sim, sim. Você está me enchendo de ideias. Vamos aguardar um pouco mais os rapazes retardatários. - Ibiapino tragou outro copo de cachaça e a cabeça começou a rodar igual aos casais no salão. Sentia que não podia mais beber, era fraco pra isso enquanto a cachaça era forte. Nisso uma mulher alta e magra, cabelos cortados de forma curtíssima e embebidos de banha de porco, dizendo-se francesa (mas com cara de polaca), tira Luiza para dançar. A menina treme diante do inusitado, mas se levanta imitando os trejeitos de Ibiapino, e de pernas abertas acompanha a dama até a pista de dança. Ficou um pouco difícil para Luiza acompanhar os passos da dama fazendo o papel de homem, até que a outra percebe e lhe cochicha ao ouvido.

– Posso fazer o papel de homem... e você de mulher, adoro troca-troca. - E beijou levemente o pescoço de Luiza que teve um calafrio seguido de repulsa, principalmente quando a polaca deslizou a mão e apertou as partes íntimas de Luiza. De sorte que a moça tinha colocado uma cenoura no local. – *Ulalá! Quel volume!* - Luiza segurou a mão da moça. E trocou de passo, mas se atrapalhou toda, beijou a mão da dama e caminharam de volta à mesa onde tinha chegado o grupo de rapazes da faculdade de Direito.

– Esse é o primo de Luiza do qual lhes falei, meus amigos. - Apressou-se

Ibiapino em se levantar e apresentar o suposto rapaz para Germano, Guilherme e Aduato, que ficaram curiosos com a aparência do disfarçado rapazinho.

– Ora, ora, Ibiapino. - Riu, de forma debochada, Germano, que mantinha os olhos surpresos pregados em Luiza. Aproximou-se mais de Ibiapino e lhe disse a meia voz. – Abolicionista, poeta, mas eu não sabia que você, Ibiapino, gostava de rapazinhos afeminados.

– Ora, ora, Germano, você me respeite e a ele também. - Respondeu contrariado.

– Perdão, perdão. - Desculpou-se o anarquista Germano vendo a zanga de Ibiapino. – Não está mais aqui quem falou! Pronto. - Levantou os braços em direção à polaca. – Meu anjo do mal, traga uma rodada de vinho do Porto que eu não vim aqui tomar cachaça do engenho de João Pedro não.

– *Ulalá*, a noite é uma *enfant*. – A moça baixou os olhos com seus cílios imensos e falsos em direção às partes íntimas de Luiza. – *Et quel volume!* - Os rapazes entenderam e caíram na gargalhada, menos Ibiapino que se mantinha tenso e suando, tanto pela situação de proteger e encobertar Luiza nas suas aventuras loucas, quanto pela cachaça que ameaçava lhe derrubar. Os olhos de Luiza passeavam pelo salão à procura de João Pedro, mas não queria colocar tudo a perder perguntando pelo rapaz. Os outros rapazes bebiam e trocavam frases picantes com as moças que se aproximavam da mesa a fim de estender a noite em companhia. Até que Luiza vê João Pedro do outro lado do salão dançando com uma bailarina vestida de Cleópatra. O sangue esfriou nas veias dela e o coração ameaçou sair pela boca dominado e espetado pelo espinho do ciúme. A respiração ofegante e a insegurança diante da visão da mulher linda de braços enlaçados no pescoço do ser amado lhe deixou paralisada ao ponto de Germano, o mais sagaz de todos, perceber e galhofar a situação.

– Parece que o senhorzinho de engenho quer substituir Marco Antônio no Egito recifense. - Ibiapino se vira e se depara com a cena dos dançarinos.

– Ah, Cleópatra! - Sussurra.

– Você a conhece? - Luiza perguntou para o outro entredentes tentando controlar o ciúme e a fúria.

– E quem não conhece? - Respondeu Aduato em forma de pergunta. – É a mais linda de todas!

– E a mais cara também. - Completou Guilherme e todos gargalharam.

– Só que hoje, rapazes, ela já tem dono e já está bem paga. - Esclarecia Germano fazendo suspense em cada palavra. – Aproximem-se, senhores. - Todos fizeram um círculo em torno de Germano que abaixou a voz. – Contratei Cleópatra de presente para o donzelão da mata sul. - Luiza sentiu sua cabeça rodar, suas mãos molhadas de suor e o espinho do ciúme lhe furar o coração sangrando por dentro.

Não escutava mais as risadas dos rapazes nem as piadas de Germano, sua mente estava paralisada no par que valsava no salão sendo crucificado pelos seus olhos. Quando a valsa acaba todos batem palmas e os casais começam a fazer trocas, pares se desfazendo, outros se formando, e João Pedro e Cleópatra deixando a pista de dança em direção ao corredor que dava acesso aos quartos. Luiza pede a Ibiapino que providencie mais água para ela e, a menor distração do rapaz, ela escapa por entre os casais que começavam a dançar freneticamente alguma modinha trazida de Paris, segundo diziam. No corredor lotado de casais que negociavam preços e condições, ela alcança o casal em frente ao quarto ao tempo que João Pedro entrava e Cleópatra é pega pelo braço. A moça ri com o contato do rapazinho branco.

– *Ménage à trois* ? Tem que pagar. - Luiza olhava admirada para os peitos seminus da outra.

– Gosto de meninos. - E depositou um pequeno saco com moedas de ouro na palma da mão de Cleópatra. – Nada que possa escandalizar o reino do Egito, não é mesmo? Dê o fora e não deixe ninguém entrar! - E foi ela quem pegou a garrafa de vinho do Porto da mão da mulher, entrou e fechou a porta por dentro. João Pedro tinha tirado o paletó de linho preto e estava de costas afrouxando o nó da gravata. Quando se virou levou um susto. Luiza bebia no gargalo da garrafa.

– O que está acontecendo? Quem é você? Onde está Cleópatra? - Luiza, ainda tentando controlar as batidas do coração, aproxima-se dele tirando o paletó que tinha ficado folgado e grande no seu corpo de menina recém adolescente. Afrouxa a gravata e tira a camisa desenrolando a faixa que prendia os seios pequenos, brancos, duros e de auréolas cor-de-rosa. João Pedro estava em transe diante da visão, e só se lembrou de tio Cassiano que dizia que em Paris havia pessoas que possuíam os dois sexos. Mas Luiza ofereceu um barco no seu mar de dúvidas e incertezas ao retirar a peruca, e sorrindo beijou a boca dele. O rapaz, ainda afofado, contido e extasiado afastou Luiza.

– Luiza? O que está acontecendo? - Ainda entre a incredulidade e o desassossego de homem, João Pedro piscava os olhos sem nada entender enquanto ela já tirava a calça comprida do pai e nua voltava a beijar o rapaz. – Você é uma mulher para casar, Luiza, não para essas coisas. - Afastou-se, João Pedro encabulado, da moça já totalmente nua, que se ajoelhou - com um joelho apenas -, e esticou a mão em direção a ele.

– Então eu peço sua mão em casamento. - Sorriu com seu sorriso feminino inebriante. - E ele, também de joelhos, segurou as mãos dela.

– O que faz você, neste lugar, vestida de homem? - A resposta foi outro beijo de Luiza e um abraço que o derrubou no chão. Um homem e uma mulher dentro de um quarto do cabaré da francesa e era inevitável terminar de outra maneira quando, pelo menos, um deles está perdidamente apaixonado. Ela! E ela não estava

podada a seguir as regras convencionadas por uma sociedade masculina. Estava decidida a burlar todas as regras impostas, roubar no jogo, e enganar quem fosse preciso para ter o direito de ser ela mesma, com suas regras, suas escolhas e seus caminhos. O destino é a gente quem faz, pensava ela lá com seus botões.

## IX. Joaquim Nabuco no Engenho Massangana e no Teatro Santa Isabel

TODOS OS RAPAZES PEGARAM O TREM, NAQUELE SÁBADO DE SOL, no litoral recifense rumo ao engenho Massangana, zona da mata sul, lugar onde o pernambucano Joaquim Nabuco passou sua infância: casa da sua madrinha, Anna Rosa Falcão de Carvalho. Apesar da querida senhora já haver falecido, o encontro tinha a simbologia da liberdade almejada para os escravos, pois fora ali que o abolicionista tivera seus primeiros contatos com eles. Sua primeira infância tinha sido vivida no engenho da madrinha, quando seu pai, que era juiz em Recife, fora eleito deputado imperial e se mudara para o Rio de Janeiro, onde funcionava a Corte do Império, deixando o menino aos cuidados dela que se afeiçoara demais a ele. Somente após a morte da madrinha, Nabuco foi morar com os pais no Rio de Janeiro. Aos dezessete anos entra na faculdade de Direito de São Paulo, mas três anos depois se transfere para a faculdade de Direito do Recife, na qual cola grau em 1870, quando João Pedro e o amigo escravo se preparavam para nascer.

O engenho Massangana estava todo verdinho, o baobá exibia seu tronco grosso marrom com suas folhas pequenas e verdes. Chovia bem na mata sul naquela estação. A igreja de São Mateus ficava logo atrás da casa-grande, onde Joaquim Nabuco havia sido batizado, e se encontrava rezando, quando os rapazes chegaram afoitos em algazarra, depois de deixarem o trem e seguirem a cavalos alugados na estribaria perto da estação. Luiza foi a única que não foi, o pai achou perigoso deixar a filha ir para uma reunião e almoço de homens que preparavam o futuro do Brasil e que enfrentavam resistências. Mas tio Cassiano tinha vindo do engenho sob a alegação de que tinha uns negócios pra resolver.

No dia seguinte o teatro Santa Isabel estava lotado. Não era a primeira vez que João Pedro entrava nele, mas o deslumbramento era como se fosse. Aumentado, é claro, por ver a casa cheia de gente, em sua grande maioria apoiadores da lei da Abolição da Escravidão. Das galerias vinham sussurros, vozes e por vezes até gritos mais exaltados de pedidos de liberdade aos homens e mulheres que foram escravizados pela estupidez humana. Jovens exibiam faixas de cima a baixo. Tio Cassiano chega perto de João Pedro. Tinham vindo do engenho Massangana juntos no dia anterior e se hospedado no casarão da família em Recife.

– Está uma coisa muito linda, branquinho. Acho que a gente vai ganhar. Viva a liberdade, abaixo a escravidão.

– O que pensa em fazer depois da aprovação da lei, titio? Casar-se com a escrava Amélia? - O tio solta uma gargalhada deliciosa ao se lembrar da escrava, dona dos quitutes mais gostosos da cozinha do engenho, e dona também do seu apreço.

– Ah, Amélia. Bem que eu queria, branquinho, mas Amélia já tem outro senhor de engenho de quem aceita mimos e presentes e para quem remexe as cadeiras em troca. É muito jovem, e pode ter um futuro melhor do que atrelar seu destino a um velho louco, doente, como eu. Eu sou um fardo para qualquer mulher.

– Ora, titio. Deixe de besteira, o senhor ainda dá um caldo. Não pensa em ir para a Corte procurar Chiquinha Gonzaga? Quem sabe...

– Não, não. Acho que Chiquinha Gonzaga também não gosta de velhotes. - De repente a atenção de João Pedro é atraída por um aceno de mão de uma jovem branca e bonita.

– Quem é? Sua namorada, João Pedro?

– É só uma amiga, titio. Luiza do engenho São João da Várzea. Com licença. - E saiu. Tio Cassiano gira a cabeça admirando o teatro que era uma obra de arte do teto ao chão, passando pelas paredes e parando no palco. Antes tinha tomado um café na entrada do teatro, onde funcionava uma doceria com guloseimas de fazer feliz a boca e a alma de qualquer ser humano. Aproveitava para olhar para as mulheres da capital que viam nele um homem refinado, culto, inteligente e fino, porém, louco. Portanto, poucas se arriscavam, em sã consciência, a investir em aproximação e conhecimento, nem as mais desesperadas que procuravam casamento como se fosse o único destino às mulheres.

Ibiapino, após seu discurso de jovem abolicionista e idealista, anuncia o senhor Joaquim Nabuco que leva o teatro ao apogeu, local onde tantas vezes falara, e que naquela noite estava repleto para recebê-lo. Pronunciou a frase que hoje figura inscrita em pedra, numa das paredes da plateia: “Aqui nós ganhamos a causa da Abolição”. Previu, lutou e ganhou a causa.



## X. Epílogo

Estava decretada a farra! E dessa vez com a presença de Luiza que era o destaque feminino e de rara beleza no meio dos rapazes. Todos se dirigiam ao engenho de João Pedro que já tinha ido na frente para providenciar os preparativos para receber os amigos e Luiza, ilustres figuras da sociedade pernambucana para o pai dele. Todos filhos de senhores de engenho em situação econômica pomposa. Eram facilmente aceitos e até bajulados. Mas no meio deles, de contrapeso, ia Ibiapino, que não era filho de ninguém, nem era branco tampouco rico.

Dentro do trem faziam a maior algazarra. Ibiapino chupava laranja-cravo e dava a casca para Luiza cheirar, a fim de combater o enjoo dos sacolejos do trem e do cheiro da fumaça. Guilherme mostrava uma cédula rara de dinheiro que tinha adquirido numa casa de antiguidade. Adauto mostrava uma revista recebida da Europa na qual tinha uma fotografia de um automóvel.

– Estou pedindo a papai, sem parar, para importar um deste assim que for possível. - Comentava ele de quando em quando. Germano - excepcionalmente estava nervoso -, tomava um gole de cachaça sozinho num banco, pois tinha sonhado que o trem virava e resultava em três mortes. E ele chorava por um dos mortos no sonho, mas não sabia qual. Logo ele que não era de chorar! Tentava interpretar o sonho e aquele gosto ruim no seu âmago. Mas também, quem mandou andar lendo livros de interpretação de sonhos? Agora tinha ficado naquela consumação, como dizia Guilherme.

– Germano, venha para cá, seu tonto. - Chamava o irmão, Guilherme. Parece até que está com medo de andar de trem. Que novidade é esta? - E riu galhofando do irmão que ficara sério desde que acordara pensativo. – Não precisa tomar a cachaça do engenho de João Pedro sozinho, lá tem muito mais. Lá é de alambique. - E todos riram, menos Germano.

Na estação de trem do Cabo de Santo Agostinho,<sup>61</sup> os escravos, com cavalos para os rapazes e o cocheiro com o coche para Luiza, já esperavam o grupo. Luiza também tinha levado a criada, ex-escrava, foi esta a condição imposta pelo pai para liberá-la para a viagem. Quando o trem começa a diminuir a velocidade, Adauto se levanta, e com os braços abertos e imitando Ibiapino, discursa em voz alta, em latim:

– *Hinc natum Brasíliá!*

– Aqui nasceu o Brasil! - Traduzia Luiza, em voz alta, e todos respondiam, em coro.

– Simmmmmmm!

---

61 Foi elevada à categoria de **cidade** a então Vila do **Cabo de Santo Agostinho** em 09-07-1877, pela lei provincial nº. 1.269. Situa-se cerca de 34 km de Recife.

– Cabo de Santo Agostinho, terra onde pisou o navegador espanhol Vicente Pinzón,<sup>62</sup> em 1500, mas antes de Pedro Álvares Cabral,<sup>63</sup> que recebeu os louros de ter descoberto nossa terra. - Continuava Adauto se achando em pleno teatro de Santa Isabel numa peça escrita por Ibiapino.

– Três meses antes. - Completou o jovem abolicionista no seu jeito tímido ainda sentado ao lado de Luiza.

– E se Pinzon passou por aqui por acaso, Cabral também errou o caminho das Índias.

– Simmmmm! - O coro respondia.

– Terra dos índios Caeté. Litoral de tupis, Tabajaras, Tupinambás e Tapuias. Viva o povo brasileiro, genuinamente brasileiro: os índios!

– Vivaaaaa! - O resto do grupo respondeu em coro, menos Germano absorto nos seus pensamentos. E o trem parou.

Na casa-grande os habitantes já esperavam no terreiro, vestidos de linho branco, tio Cassiano, o pai e João Pedro estavam ao lado da mãe que segurava a mão da filhinha galega de olhos azuis, ricamente enfeitada de laços de fita e pala de renascença. O senhor de engenho não cabia em si de contentamento pela possibilidade de unir seus engenhos aos da Várzea do Capibaribe, do pai de Luiza. Embora o rapaz não tivesse tocado no assunto, o pai já pensava em celebrar a eternidade através daquele negócio que era o casamento do seu filho com a sinhazinha, filha única e herdeira das riquezas dos engenhos São João, na Várzea, nos arredores do Recife. E ainda resolvia o problema do filho, adeus preocupações! Ao negro de dava um jeito!

– Mata-se dois coelhos com uma cajadada só!

– O quê? - Perguntou a esposa sem entender o marido.

– Nada, minha filha. Estou falando aqui, cá com meus botões. Eles chegaram! Olhem só que moça bonita e alvinha! E os herdeiros do engenho Moreno também vieram. E qual é o de Vitória de Santo Antão? Oxe! - Parou cuspiendo de lado. – E quem é aquele escravo que ajuda Luiza a descer do coche?

– Papai, por favor! - Pediu João Pedro, encabulado. - Ibiapino não é escravo, já falei com o senhor e o senhor concordou. Se ele não viesse o pai não consentiria.

---

62 **Vicente Yáñez Pinzón** (1462, Palos de la Frontera, costa da Andaluzia, Espanha - 1514, Triana, Sevilha, Espanha) foi um navegador e explorador espanhol. É considerado o descobridor do Brasil por diversos estudiosos e pelas enciclopédias Britânica e Barsa, por ter atingido o Cabo de Santo Agostinho, litoral de Pernambuco, em 20 ou 26 de janeiro de 1500, cerca de três meses antes da chegada de Pedro Álvares Cabral a Porto Seguro.

63 **Pedro Álvares Cabral** foi um fidalgo, comandante militar, navegador e explorador português, creditado como o descobridor do Brasil, no dia 22 de abril de 1500, próximo à região de Porto Seguro, no estado da Bahia. As terras foram chamadas de “Vera Cruz”, depois “Santa Cruz” e finalmente **Brasil** por conta da grande quantidade da valiosa madeira, pau-brasil, existente. Comemora-se o descobrimento do **Brasil** na mesma data.

É afilhado e protegido do pai dela, senhor Manoel.

– Mas é negro! Que amolação da gota serena receber um negro na minha casa.

– Não seja indelicado, meu pai.

– Delicadeza não é um atributo, meu, João Pedro.

– Controle-se, meu irmão. - Intercedeu tio Cassiano. – Branquinho tem razão. Não quer que o pai dela pense que você só sabe as quatro operações da tabuada e o a b c da cartilha, não é? Seja educado! Não concordou? Então está concordado. A moça tem o aval do pai, você não é pai dela. O rapaz é bem educado, vai ver.

– Estou vendo! Pelas roupas dele dá para saber que trepeça é essa.

– José Luiz, pelo amor de Deus. Assim ninguém mais volta à sua casa.

–Esse aí faço questão que não volte.

– Papai, por favor. - Pediu João Pedro novamente. O pai resmungou, e se dirigiu à sinhazinha lhe beijando a mão lhe dando as boas-vindas, ignorando Ibiapino que, ao lado da moça, estira a mão ao senhor de engenho que ignora deixando no ar. Depois de falar com os filhos de senhores de engenho da forma mais calorosa e acolhedora possível, ele se vira para Ibiapino e ordena que pegue as malas da sinhazinha. João Pedro e tio Cassiano balançam a cabeça em negativa, envergonhados com a atitude do senhor de engenho que conduzia Luiza pelo braço. E eles mesmos pegaram as malas da menina levando para a casa-grande, sem esperar pelos escravos. Desculpavam-se através do olhar com Ibiapino, que entendeu e que já estava acostumado à estupidez da casa-grande.

O menino escravo, com o coração partido, olhava tudo de cima do umbuzeiro verde e pendurado de umbus maduros, verdes e de vez. A moça era tão bonita, tão encantadora, vestida de branco oscilava entre uma princesa e uma santa. Princesa ele não conhecia, então era a visão de uma santa mesmo.

Os dias começaram com comes e bebes e atividades na casa-grande e no engenho. Luiza era tratada como uma princesa por todos, enfeitando com sua beleza jovem e resplandecente aquelas terras em tempos de escravidão. Parecia um raio de sol quando entrava na cozinha aos sorrisos pedindo à escrava Amélia mais um pedaço de bolo de milho que achou mais delicioso do que o da sua casa. Tio Cassiano ria, satisfeito, vendo que a mocinha não fazia distinção entre brancos e negros, livres e cativos.

– Ela é mesmo muito bonita, João Pedro. - Comentou com o sobrinho, reservadamente. - Naquele dia, no teatro Santa Isabel, não pude observá-la direito. Você não me deixou chegar perto. - Riu, debochado.

– Titio! - Repreendeu sorrindo. – Ela é amiga de todos.

– Talvez seja isso que me agrada nela: ela tem amigos homens.

– Melhor dizendo, titio, ela só tem amigos homens.

– Parece uma *mademoiselle* de Paris, meu sobrinho. É moderna, acolhedora, inteligente, moderna e ...

– Titio, o senhor está parecendo papai querendo me casar com ela.

– Mas ela ama você. - João Pedro muda de tema ao ver passar para a sala Germano e Ibiapino com um tabuleiro de xadrez. Os dois rapazes se sentaram e começaram a jogar tomando café quente torrado no engenho e comendo tapioca de coco com queijo de coalho.

– Você ouviu? - Perguntou Germano a Ibiapino.

– Sempre faço de conta que não escuto quando convém a situação.

– Mas você a ama, não é? - Insistia Germano. Ibiapino moveu uma peça de xadrez depois de demorar mais tempo do que era normal seu pensamento.

– E você, Germano?

– Eu? - Ibiapino concordou com a cabeça. – Eu espero que por muito tempo não apareça outra Luiza na minha visão, pois quero continuar ainda por longos anos-luz solteiro. Antes de mim meu pai deve casar Guilherme, que é mais velho. Eu sou um boêmio, não quero amarras. Oxe, se estou lutando pela abolição, por que deveria me prender?

– Acha que o amor é uma prisão?

– Acho que pode se tornar uma prisão. Jogue, homem! - Ibiapino jogou. – Mas você é um sujeito que a idolatra, que a ama, todos nós sabemos. Não deveria deixá-la para um senhorzinho de engenho afeminado.

– Ora, Germano! Pare com isso! Ele também é um homem honrado, por favor.

– Honrados somos todos nós. Mas ele não a fará feliz. Você, sim. Por que tem sempre que se conformar com os restos?

– As águas só correm para o mar, Germano, não lhe ensinaram isto? Eu não sou homem para casar com senhorita de engenho. Venho da senzala.

– Mas não é mais da senzala.

– Nem da casa-grande.

– Oxe, homem, pare com essa síndrome de cachorro de terreiro. Você vai ser deputado, juiz. O senhor Nabuco já lhe convidou para assessorá-lo no Rio de Janeiro. Lute pelo que quer! Jogue, é sua vez. - Ibiapino obedeceu e suspirou.

– Deputados e juízes não são nada se não forem senhores de engenho. E nunca serei capacho de ninguém. Quero continuar sendo livre.

– Quer liberdade maior do que se casar com Luiza? O pai dela, seu padrinho, gosta de você. Eu ouvi dizer que aceitaria, passaria por cima de todas as convenções sociais. É um homem moderno. Basta ela querer e ele concorda, faz todos os gostos da filha.

– Basta ela querer, e ela não quer. Ela ama João Pedro.

– Oxente, homem, e você não sabe conquistar não? Aproveite o bem querer de amiga que ela tem por você e transforme em amor.

– Por que está me dando esses conselhos? É por que não gosta dele? Eu sei que você arrastava uma asa por ela.

– Eu só arrastei uma asa, meu amigo, porque preciso da outra para voar. Não tenho nada contra ele, mas sou amigo mesmo seu. Gosto muito dela e gostaria que fosse feliz com um homem que cuidasse dela para sempre.

– E para sempre existe, Germano? Somos tão jovens. Ainda podemos mudar tanto de rumo, de sentimento, de querer, de causas. Outro dia estávamos lutando pela aprovação da Lei dos Sexagenários. Hoje pela Lei da Abolição. E amanhã, qual será nossa causa?

– Ibiapino, um idealista também pode ser feliz no amor. Xeque-mate! - Bateu Germano com as duas mãos na mesa fazendo as peças de xadrez balançarem no tabuleiro.

– Quem roubou? - Luiza apareceu tomando leite de vaca recém tirado que lhe fazia bigodes de espuma.

– Germano. - Brincou Ibiapino pensativo.

– Que mentiroso! Não joga nada.

– Dizem que sorte no jogo é azar no amor, Germano. - Brincou Aauto chegando com uma espiga de milho verde assada, na mão.

– Então estou feito. - Respondeu Germano.

\*\*

O feitor fechou seu olho esquerdo para enxergar melhor seguindo a linha do cano da espingarda<sup>64</sup> cartucheira. Prendeu a respiração. O sol estava a pino. As nuvens no céu brancas como algodão. O céu azul da cor do mar, se ele conhecesse o mar, que às vezes é verde. O vento soprava mansinho as palhas do seu chapéu já desgastado. A palha já mudava de cor. De bege passava à cinza ou marrom, e ameaçava ficar preta. Não podia se mexer para ajeitar uma tirinha de palha que descia do chapéu e lhe fazia cócegas na testa mulata, pois corria o risco de perder a mira e ainda ser descoberto. Com o ventre magro esticado na pedra, ele tinha os cotovelos apoiados nela, já começavam a incomodar, por mais calejados que fossem. É que se atirasse no negro também mataria o branco. Tinha que esperar o momento certo. A mira tinha que ser certa, somente o negro deveria morrer.

---

64 As **primeiras espingardas**, de um cano, surgiram no início do século XVII; as de dois canos apareceram em 1873, enquanto que a primeira espingarda moderna de repetição, desprovida de martelo, foi fabricada em 1904.

Morrer de chumbo grosso. Tinha caprichado ao ter o cuidado de encher a vareta da espingarda acrescentando pregos ao chumbo e à pólvora. O tiro tinha que ser certo. Certo e mortal. Mas somente o negro deveria ser atingido.

A desconfiança era cultivada e requeitada para ser comida a sangue frio. Estava ali a certeza. Mas se atirasse no negro, também morreria o branco. E branco nunca deve morrer. Não assim de morte matada. Era direito do branco morrer de morte morrida, morte natural, morrer de velho. Mas negro se morre a toda hora e de morte matada. E de qualquer morte. De tiro, de facada, de chibatada, de fome, de frio, de sede, de doença e à míngua. Negro já nasce para morrer. Morrer de qualquer desgraça para fazer graça ao branco. A vida do negro só tem a brevidade do rastro no vento. É apenas um sopro.

Não conseguia ver as mãos do branco. As do negro, sim. Os movimentos pareciam uniformes. O vai e vem era contínuo. Mas onde estavam as mãos do branco? Se se arrastasse - somente um pouquinho -, por sobre a pedra quente, era bem capaz de completar a visão da cena e enxergar onde as mãos do branco se pousavam. As do negro luziam no sol quente do meio-dia. Era só se arrastar mais um pouquinho sobre a pedra quente, e o tempo de tomar a posição anterior dos cotovelos, e o cuidado supremo de não ser descoberto. Ainda tinha aquele pendão da folha de cana-de-açúcar que, ao sabor do vento, balançava suas flores verde-brancas atrapalhando sua visão. Arrastou-se alguns centímetros tentando ver as mãos do branco, mas o movimento cadenciado do negro outra vez atrapalhou seu objetivo visual de certeza.

O feitor já se impacientava e começava a achar que serviço melhor do que aquele era ser capitão-do-mato, era só jogar o laço - tinha que ter bom manejo com a corda - e pegar o negro. Puxar o laço e derrubar o escravo. Amarrá-lo pelas duas mãos, não sem antes lhe dar umas boas chicotadas para aprender a nunca mais fugir. Bem, esta parte era por conta do senhor, porque, por ele, quanto mais negro fugia mais ele capturava e ganhava dinheiro do senhor. E se o senhor não pagasse? Não tinha problema não. De outra feita o capitão-do-mato, ele mesmo, poderia sequestrar o negro, ou outro, só para o senhor pensar que o escravo tinha fugido e lhe pagar o que era devido. Era assim que alguns capitães-do-mato agiam e ele - o feitor, com o dedo teso no cão da espingarda-, conhecia alguns que já tinham até ficado ricos. Comprado alguns palmos de terra. E arranjado mulher, até clarinhas, e casado fazendo uma reira de meninos buchudos. Mas ele, o feitor, continuava servindo ao senhor, mesmo depois de ter comprado sua alforria a preço de ouro. Ouro! Ouro roubado de um ricoço que estava vindo lá das bandas de Minas Gerais. Vida roubada! Perdera o ouro e a vida. Pior para ele. Mas era ele, o ricoço, ou o feitor, pensava o assassino. Essa vida era mesmo tão fugaz que nem o brilho do ouro demorava tanto a se apagar. Era *pêi e buf!* Já era! Foi embora o

dono do mundo e ficou seu ouro para a alforria do feitor. Ou fazia isso ou o senhor não lhe libertava. Ou fazia isso ou o senhor mandava outro fazer em seu lugar e ainda era capaz de mandar o mesmo pistoleiro acabar com sua vida, pois a vida de um feitor não vale nada. Continuar servindo era seu destino. Quem mandou nascer negro, brabo e ruim?

Aquela palhinha desfiada do chapéu voltava a lhe fazer cócegas, agora no nariz, com o vento, mas ele não podia perder a mira. Estava contra o vento, de modo que eles não ouviriam um espirro seu. Não, não poderia arriscar de jeito nenhum. Melhor prender o espirro. Sugar o espirro, que nem a vida. Mas que demora! Mas que maçada, pensava o feitor. O suor descia pela testa, escorria pelo pescoço e quase se ouvia os pingos sobre a pedra. E não podia se mexer. Tudo isso para não perder a mira e não faltar na empreitada que o senhor lhe encarregara. O serviço que era fácil agora estava ficando complicado.

Sim, estava ficando difícil porque estava lhe obrigando a pensar. E feitor, feitor que é escravo também, não é pago para pensar, e sim, executar. Executar as ordens do seu senhor, seu patrão e seu dono. Ele pensa por todos nós, pensou o feitor suado.

*Pêi!*

Não, não! Ainda não. Estava vendo, agora, as mãos brancas numa contração infernal apoiadas no tronco daquela aroeira, o sol girara e lhe permitira aquele reflexo. Ele, o feitor, aliviara o dedo do cão da espingarda e abriu o olho esquerdo para ajudar o direito a enxergar melhor e compreender, apesar de não ser pago e nem viver para essas minúcias. Permitiu-se, ainda, levantar um pouco a cabeça, já que não estava mais mirando acompanhando o cano da espingarda.

Começou a ouvir sons característicos misturados ao ruído da água do rio que corria numa cantiga infinita e uníssona procurando o mar. Aqueles sons se misturavam e o feitor espreitava ainda mais procurando separar os sons, da água e dos homens. Viravam gemidos afobados. E não eram de medo nem de dominação. Era algo fora do domínio do conhecimento daquele feitor xucro.

O branco, numa espécie de coreografia mundana, vira o pescoço levando o rosto junto (estavam em pé), e abrindo a boca num frenesi alucinógeno, beija a boca do negro que brilhava ao sol como já à espera do apogeu que lhe traria o gozo e depois o sossego necessário para continuar vivendo. E ali os gemidos se entrelaçaram, também, fazendo o feitor virar o rosto de lado, franzir o lábio superior e cuspir em cima da pedra. Com nojo.

- Não, não, não era a pulso. - Disse, em silêncio, de si para si. Concentra-se novamente, prende o fôlego, mira.

*Pêi! E buft!* O corpo caiu ao chão. E era o corpo negro. Mas não caiu sozinho.

Baixara a arma e se arrastando lentamente, igual uma cobra por cima da pedra, ele desce e pega a vereda que dava na casa-grande do engenho. O que dizer ao patrão? Se fosse só patrão era bom, mas era senhor. Era mais que patrão. O que dizer? Que não tinha tido nem *pêi*, nem *buft*? Mas ordem era ordem. E a ordem do seu patrão era tal qual a dos juizes: não se discutia, apenas se cumpria. Mas como dizer que o *pêi* tinha resultado em dois *buft*? Por quê? Como? O ruim era explicar o porquê das coisas. Para quem está perdido o mundo tem as porteiros abertas. Sumiu contrário ao vento.

Ainda ouviu, ao pular o passador, os gritos de tio Cassiano tais quais os dos cachorros loucos em noite de lua cheia no mês de agosto.

\*\*\*

Luiza estava lendo sozinha debaixo do pé de umbu, sentada num balanço feito de cordas penduradas nos galhos da árvore frutífera e uma tábua que servia de assento. Balançava-se suavemente quando Ibiapino chegou com uma carta na mão.

– Mais um de Machado de Assis?<sup>65</sup> - Ela riu com a intromissão dele e fechou o livro.

– Sabe que ele é meu autor preferido, não sabe? As mulheres retratadas por ele me causam encantamento ao mesmo tempo que curiosidade. Um homem falar tão bem sobre a alma feminina. Observe as personagens dos livros “Helena”, “Taiá Garcia” e agora estou lendo “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. É impressionante a construção da narrativa e o entrelace dos personagens.

– Sim, Machado de Assis é um homem admirável, além de excepcional escritor. Para mim a escrita *hors concours* dele é o conto “O Alienista”. É a síntese de mundo contemporâneo e moderno. - Concordou Ibiapino.

– Ao mesmo tempo em que ele constrói, ele desconstrói, coloca o dedo na nossa ferida e nos obriga a pensar. É também tão introspectivo que me lembra você.

– Por ser mulato como eu?

– Isso em nada o desmerece. Quando lemos não vemos a cor de quem escreve. Ele me lembra você pela luta em mostrar sua excelência. Você escreve tão bem, Ibiapino, não pode achar a vida inteira que ser mulato e ex-escravo significa que o sol não nasce para você. Você ajudou na redação da leis dos Sexagenários e nessa que será aprovada, se Deus quiser. Não é pouco para provar o seu valor.

---

65 Joaquim Maria **Machado de Assis** (Rio de Janeiro, 21-06-1839 - Rio de Janeiro - 29-09-1908, Rio de Janeiro) foi um escritor brasileiro, considerado por muitos críticos, estudiosos, escritores e leitores um dos maiores, senão o maior nome da literatura do Brasil e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1897.



– Mas meu nome não consta em lugar algum.

– Não interessa. Você não é homem desse tipo de vaidade. O importante é o que você fez, o que opinou, o que pensou e por quem lutou. Nós, seus amigos, sabemos disso. O espetáculo não brilha se não tiver os bastidores. É você quem fecha as cortinas do palco onde não pisa. - Ele baixou a cabeça olhando a carta na mão.

– Que carta é essa na sua mão?

– É do seu engenho. Pedi que enviassem para lá em meu nome, pois sabia que estaríamos fora por uma semana. É do investigador que você me pediu para contratar e descobrir o paradeiro da mãe do amigo escravo de João Pedro. - Num impulso ela se levantou derrubando o livro no chão e pegou a carta das mãos dele.

– Meu Deus! O que será que ele descobriu?

– Talvez não tenha descoberto nada, não crie tantas expectativas. Tudo o que João Pedro nos disse podem ser apenas conjeturas. Um apelido do mercador de escravo para quem a mãe dele teria dado a escrava, mãe do rapaz, para ser vendida.

– As histórias se parecem com a dos nossos nascimentos, meu e seu. Eu ainda não vi o tal escravo. Você o viu?

– Não. Dizem que costuma ficar escondido nos matos quando chega gente de fora. Mas é amigo de João Pedro.

– Eu abro? - Hesitava ela. – João Pedro não sabe de nada, que pedi a você para contratar um investigador.

– Abra. Se tem que dar alguma notícia para ele que seja somente se for boa. Se não descobriu nada nem precisa falar. - Ela rasgou o envelope e ficou translúcida ao iniciar a leitura em silêncio. – Meu Deus! - Jogou o envelope no chão quando terminou e colocou as mãos cobrindo a boca. – Meu Deus! - Repetiu.

– O que foi? - Ibiapino se aproximou e tocou de leve nos cotovelos dela. – O que aconteceu? Você está gelada e pálida.

– Eles são irmãos. - Foi nesse momento que ouviram o barulho do tiro de espingarda e correram para o terreiro da casa-grande. Estava um alvoroço de gente correndo em direção ao barulho do pipoco do tiro e Luiza, que tinha pegado a carta no chão, estava com ela na mão trêmula.

– O que está acontecendo, Ibiapino? Cadê todo mundo? - Em seguida ouviram o grito dilacerante de tio Cassiano que tinha sido o primeiro a correr armado de revólver. Os outros três amigos chegaram e abraçaram Luiza e Ibiapino tentando protegê-los.

– Vamos entrar, Ibiapino e Luiza, seja o que for estaremos na casa-grande mais seguros que aqui no terreiro. - Falou Guilherme.

– Não, eu quero ver o que está acontecendo. - Resistiu ela. – João Pedro me disse que o pai dele é violento. A cicatriz no rosto dele, lembram da história?

– Vamos entrar. - Insistiu Guilherme. – Deve ter sido um escravo fujão.

– Sim, é melhor vocês entrarem. - Concordou Germano de revólver em punho.

- Tio Cassiano está gritando demais. - Respondeu a moça correndo, levantando a saia para não tropeçar, e obrigando os amigos a lhe acompanharem em direção ao barulho do tiro e os gritos de tio Cassiano. Desceram seguindo os escravos que corriam por uma vereda até perto do rio. E debaixo do pé de aroeira estavam os dois corpos no chão. O negro por cima do branco. Quando Ibiapino viu e entendeu quis colocar as mãos nos olhos de Luiza, mas era tarde, ela já tinha visto e a ânsia de vômito foi incontrolável. Vomitou na saia fechando a mão amassando a carta. Desmaiou. Os amigos a socorreram transportando-a até a casa-grande, e Germano, de revólver em punho, bateu todos os matos procurando o assassino juntamente com os escravos. Sem sucesso retornou e cobriu os corpos com folhas de mamona. Não havia mais nada a fazer.

Na sala da casa-grande a mãe de João Pedro estava aflita sem saber o que tinha acontecido e os amigos não conseguiam contar. Luiza abriu os olhos com o cheiro da cachaça que Ibiapino colocou no nariz dela e seus olhos estavam cheios de lágrimas, os dele rasos. Olhou para Ibiapino e com a voz cortada perguntou:

- O que aconteceu, Ibiapino? Eles estavam nus! - Falou baixinho. - O que estavam tentando fazer comigo? Queriam me usar? Você sabia?

- Calma, Luiza. Não sabemos o que aconteceu. Germano saiu para ajudar capturar o assassino. Não sabemos quem é.

- Não foi isso que perguntei, Ibiapino. - Ela o crucificou com o olhar.

- Você estava apaixonada, Luiza, o que eu poderia fazer para estragar sua felicidade? Ele era uma pessoa boa.

- E eu, Ibiapino? O que sou eu? - Nesse momento entrou na sala Germano, ainda de arma em punho, dando notícia da captura de um comparsa do assassino. Ibiapino deixou Luiza e se aproximou de Germano como quem pedia cautela para dar a notícia para a mãe de João Pedro, que ainda não sabia de nada.

- Calma, calma. - E se aproximando mais de Germano baixou o tom da voz. - Eu não sabia que você andava armado. Nós somos abolicionistas. - Lembrou.

- Isso não quer dizer que eu seja pacífico ou frouxo. Comigo é na bala, ninguém que invente se meter comigo. Sinto muito, minha senhora. - Dirigiu-se para a mãe de João Pedro. - Meus pêsames em dobro. Mas seu marido mandou matar o escravo. O assassino deve ter errado e matou seu filho também. - Luiza se levantou da cadeira, ao mesmo tempo em que a mãe de João Pedro desmaiava, e correu até o terreiro onde chegavam dois banguês com os corpos dos rapazes em cima cobertos por folhas de mamona. Foi aí que ela viu, pela primeira vez desde o início da confusão, o senhor de engenho, senhor de tudo e de todos por ali, menos dela. Aproximou-se dele e o homem tremia chorando.

- Está contente com o que fez, seu assassino? - Ele arqueou os olhos molhados e rangeu os dentes. - Leia esta carta e morra de remorso pelo que fez. - Ela

esfregou a carta no nariz dele que tentou se desviar, mas ela só parou quando ele pegou e leu. Ele, que já estava tremendo, passou a não poder mais se controlar e a entortar a boca, os olhos e as mãos caindo em seguida. Luiza correu até a estribaria e começou a desamarrar um cavalo quando Ibiapino se aproximou e pegou nas rédeas do alazão.

– O que vai fazer, Luizinha? - Ela chorava e colocou as duas mãos em cima da barriga.

– Eu estou grávida de João Pedro, Ibiapino, e não estou preparada para enfrentar meu pai e a sociedade. Eu não sou tão forte quanto todos pensam. Eu não vou suportar. - A moça agora soluçava agarrada ao pescoço do cavalo. Ibiapino ficou parado ali, olhando a menina dos seus olhos despetalada com toda aquela confusão que se iniciava com o sonho dela em casar com João Pedro, por quem era apaixonada.

– Ele sabia, Luiza?

– Não. Achei que ele fosse me pedir em casamento nessa viagem e aí eu contaria. Disse que queria que a família me conhecesse. Eu não queria que ele se casasse comigo somente por conta disso.

– Meu Deus!

– Eu não consigo olhar nos olhos do meu pai que sempre confiou em mim. Eu fui indigna da confiança dele. - Ela soltou o pescoço do cavalo e se aproximou mais de Ibiapino. – Ibiapino, case-se comigo. Somos maiores de idade, não precisamos que ninguém assinhe por nós. Podemos viajar para Paris e quando voltarmos o bebê já tem nascido. - Ibiapino ficou em choque com o pedido de Luiza seguido do susto da gravidez.

– Luiza, eu preciso pensar. Não quero casar com você só para lhe ajudar.

– Eu preciso de um nome e meu filho de um pai. Eu não estou preparada para ser mãe solteira, para ser apontada, para ter um filho que não pode ser batizado porque não tem pai. João Pedro era amigo de todos nós.

– Eu compreendo. Mas é a ele que você ama. Não quero passar o resto da minha vida ligado a você somente para lhe proteger. Germano me disse uma coisa muito certa hoje: que eu não posso continuar aceitando migalhas da vida.

– Eu pensei que fosse mais que migalhas para você.

– Você deve saber ou pelo menos desconfiar dos meus sentimentos em relação a você. Mas você nunca me olhou como homem, sempre como amigo ou até como irmão. Sou grato, mas não era assim que eu gostaria.

– Eu poderia tentar lhe seduzir ou lhe enganar, Ibiapino. Mas estou sendo franca, estou lhe pedindo um favor, uma caridade. E não é verdade o que você diz. Eu já olhei para você como homem, alguma vez, sim. Mas João Pedro apareceu e eu me apaixonei. Quem manda no coração? Eu posso aprender a gostar de você.

Sempre nos demos tão bem, a vida inteira fomos amigos, nunca brigamos. Serei eternamente grata a você.

– Eu não quero sua gratidão, Luiza.

– E quer o que, seu otário? - Germano se aproxima dos dois com o revólver na cintura. – Luiza teria lhe amado se João Pedro não tivesse aparecido. Ela nunca trocou você por nenhum de nós três. Eu, Guilherme e Adauto sempre fomos apenas amigos para ela, mas você era sempre o preferido. O que está esperando para aceitar a proposta dela, seu besta? Não vê que se não for você o pai dela vai arranjar alguém? E que pode até ser um de nós, amigo dela? Suportaria vê-la casada comigo ou com Guilherme ou com Adauto? Suportaria? Quando eu lhe falei de migalhas eu não me referi à Luiza. - Ibiapino pega a mão de Luiza e a abraça pela primeira vez desde que ela crescera. Ela aceita o abraço enxugando as lágrimas no paletó surrado dele.

– Eu nunca amei outra pessoa, Luizinha. - Confessou Ibiapino.

– Então vamos embora deste engenho de bosta. - Respondeu ela.

– Vão, vão. - Interrompeu Germano selando um cavalo atrás do outro. – Tem um trem que sai daqui a pouco, ainda dá tempo. A gente fica aqui porque João Pedro tinha amigos e não vai ficar sozinho no seu velório. Façam o que tiver de ser feito e se não estiverem mais aqui, eu mando dizer se a Lei da Abolição foi aprovada e assinada pela princesa Isabel, se for acaso, pois seu pai, o imperador Dom Pedro II, ainda está viajando pela Europa. Mas nós vamos fazer pressão, por nós e por vocês, podem ter certeza. - Os três amigos se abraçaram na estribaria e o casal saiu cada um num cavalo rumo à estação de trem. Germano ficou amargando seu sonho com uma lágrima no olho direito.

O ano era 1888. O mês era abril. A semana era Santa no engenho. No mês seguinte, em 13 de maio, a Lei Áurea foi votada após pressões abolicionistas, e assinada pela Princesa Isabel, filha do imperador Dom Pedro II, regente que se encontrava viajando pela Europa. Foram libertados mais de setecentos mil escravos, porém, nada foi de graça, os senhores donos de escravos foram indenizados. Entretanto, como o valor e a morosidade das indenizações causaram infinitas insatisfações, apoiaram a proclamação da República no ano seguinte, em 15 de novembro de 1889.

A Abolição da Escravatura foi o acontecimento histórico mais importante do Brasil após a Proclamação da Independência, em 07 de setembro de 1822.

E mais uma vez o tempo não soube esperar.

FIM

Piedade Beach, de 10 de abril de 2020 a 14 de janeiro de 2021.

## Fontes de Pesquisa

1. NABUCO, Joaquim; O Abolicionismo. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 2012;
2. FREUD, Sigmund; A Interpretação dos sonhos. Vols. I e II. Rio Grande do Sul: L&PM Editores, 2012;
3. Biblioteca Nacional. Arquivos;
4. GASPAR, Lúcia. *Faculdade de Direito do Recife*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/> ;
5. MORAES, Denise. Comprando soldados: uma estratégia de recrutamento para a Guerra do Paraguai (Artigo). In: *Café História - história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/comprando-soldados-guerra-do-paraguai>. Publicado em: 31 Jul 2017;
6. SANTANA DE ARAÚJO, Johny. BRAVOS DO PIAUÍ! ORGULHAI-VOS. SOIS DOS MAIS BRAVOS BATALHÕES DO IMPÉRIO: A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai 1865 -1866;
7. FRAZÃO, Dilva. Biografia. Vicente Yáñez Pinzón - Navegador espanhol;
8. <http://www.alepe.pe.gov.br/historia/>
9. Google;
10. Wikipédia.